REVISTA DA SEMANA



GUERRA NO PÂNTANO

★

ALEGRIA E ANGÚSTIA NO MARACANÃ



O sugestivo perfume das rosas convida ao romance. Leite de Rosas é um convite à beleza. Graça e beleza!... fatôres decisivos no destino da mulher. Embelezando o presente e garantindo o futuro da cútis mais delicada, Leite de Rosas faz com que a linda noiva de hoje seja a irresistível espôsa de amanhã. Leite de Rosas amacia e perfuma deliciosamente a pele!... ★ Envolva-se no «it» de uma pele perfumada e macia e seja também... um tipo Leite de Rosas.

Laboratórios Leite de Rosas Ltda. - Rua Ana Nery 321 - Tel. 48-7660



Os gatinhos estavam a dormir, ronronando tranqüilos. A Fada misteriosa chegou e, tocando-lhes com a vara de condão, êles começaram a cantar.

A DANÇA DOS BRINQUEDOS

A FADA COM SUA VARINHA ACORDA OS BRINQUEDOS ÍNDIOS. BONECOS. PALHAÇOS ★ UM SONHO QUE NÃO FOI MENTIRA

No auditório do Instituto de Educação, as crianças do Jardim da Infância, situado no parque do Campo de Santana, fecharam o ano letivo com uma festa do mais belo sabor artístico. Para os espectadores, foi uma revelação do quanto pode a pedagogia orientada por professôres de vocação; para as próprias crianças, tudo aquilo só poderia ser um sonho, um sonho de fadas. Tôdas elas, vestidas de acôrdo com os seus papéis, dormiam inocentemente, quando uma fada surge e começa a despertá-las para a Festa dos Brinquedos. Cada uma era, realmente, uma figura de brinquedo: índios, bonecas, palhaços, gatinhos, soldadinhos, marujos, polichinelos, holandeses, baianas, portuguêses, cada qual entrando nas danças típicas, a recitar versos musicados, a representar como se fôssem consagra-



Esta é a Fada que conseguiu o milagre entre tôda aquela garotada.



A terceira dança, no segundo período, coube aos palhacinhos e palhacinhas, cada qual mais jocoso a cantar estrofes com jeito e arte.

dos artistas. E o Minueto? Aquelas crianças, que iam de quatro a seis anos, dançaram o minueto com aquela distinção que sòmente os aristocratas das velhas Côrtes e dos palácios de elite podiam exibir. A Fada misteriosa, com suas vestes tradicionais como nos mostram as estampas coloridas, tocava com sua varinha de condão e ia dando vida a cada brinquedo. Os soldados marcham, os índios gritam, as bonecas cantam, os palhaços fazem graça, jocosos e hilariantes; os gatinhos, prêtos e brancos, executam seus números e recitam seus versos. Não houve nervosismo, não se notou embaraços entre a criançada da professôra Orlandina Nogueira de Carvalho, a verdadeira fada que conseguiu dar vida artística a bonecas, e converter em bonecas e em tanta coisa encantadora, a tôdas aquelas crianças.

O Natal de 1952, para cada um dêsses brinquedos vivos, ficará eternamente em seu espírito, impresso na alma com as côres indeléveis da recordação de um acontecimento inesquecível. O final constituiu feliz concepção para fechar a Festa dos Brinquedos, e demonstra o cuidado com que foi elaborado o programa. Depois de dançarem, cantarem, exibindo-se sob o magnetismo da varinha de condão da Fada, voltam a dormir os "brinquedos", enquanto a Fada faz aparecer Papai Noel, que os conduz aos seus lares. Os "Jardins de Infância", a mais bela conquista da pedagogia moderna, pode plasmar os espíritos e ir descobrindo vocações para o futuro, evitando desastres



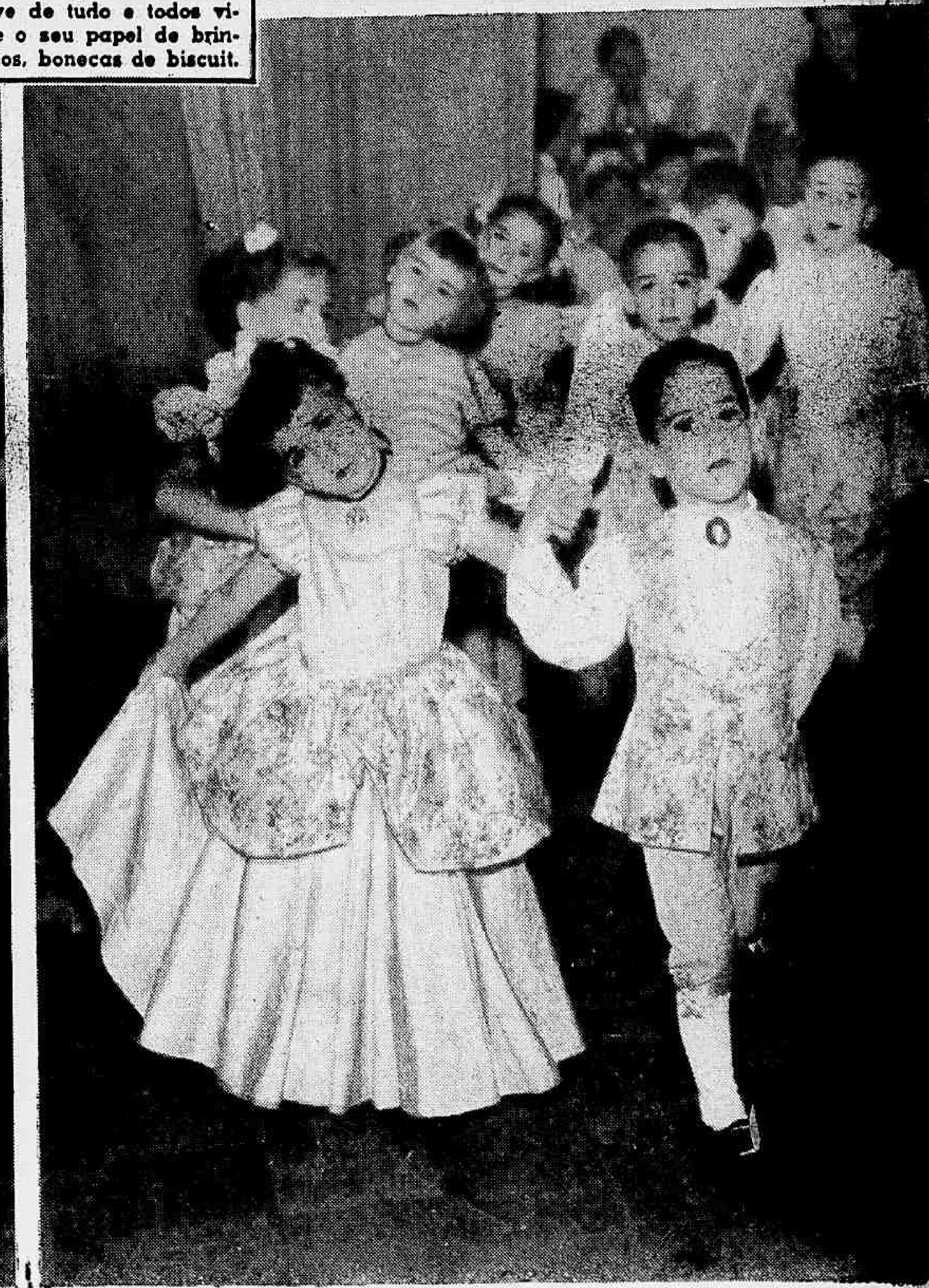
As bonecas deram a nota. Não houve quem não desejasse ficar com uma, não para brincar com elas, mas beijá-las com ternura.





São brinquedos vivos, são meninos e meninas despertados pela Fada que correm, saltam e brincam Houve de tudo e todos vivem muito sèriamente o seu papel de brincadeira: soldados índios, bonecas de biscuit.







A DANÇA DOS BRINQUEDOS

Holandeses e marujos brilharam na parada encantadora da «Festa dos Brinquedos». Alegres, cantavam e dançavam na festa escolar.



irreparáveis quando os pais intervêem na carreira dos filhos. Mas, o principal dessas festas de natureza mística, tiradas de tradições folclóricas e das páginas da História dos povos, é dar às crianças o sentido social do meio em que vivem, despertar-lhes no espírito os sentimentos nobres da vida de relação, o respeito no cumprimento do dever, a firmeza no cumprimento da palavra ao assumir responsabilidades, a educação de suas energias morais, o desenvolvimento de uma personalidade ainda em embrião, mas sem provocar sentimentos de vaidades, de orgulhos pueris, de competições malsãs entre colegas.

A festa de Natal dos alunos do Jardim da Infância "Campos Sales" foi uma vitória da pedagogia moderna, uma prova de que tudo se consegue com as crianças, desde que bem orientadas no sentido construtivo e social.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 52 ★ 27-12-52

SUMÁRIO

REPORTAGENS

A dança dos brinquedos 3/6
Luzes da Marinha 11/12
Alegria e angústia no Maracanã. 13/14
Nélia Paula e o projeto mil 16/17
Desfile de modas e mambo 19/21
A festa das solteironas 27/29
Guerra no pântano 30/33
A mulher e a psicanálise 44/45
400 anos condenados em 400 páginas 54/55
Circuito da Gávea 56/57

LITERATURA

Entra ano... sai ano... 7
Boêmia singular 23
Semana Literária 34

SEÇÕES PERMANENTES

A Revista há 50 anos 8
A semana em revista 8/9
A personagem da semana 9
Conta-me teus sonhos 22
Memórias do Príncipe Yussupoff (Romance) 24/25
Arabelle (Folhetim) 47

FEMININAS

Verão... verão... verão... .... 36/37
Jeanne Laurin 38
Atitudes 42
À luz da psicanálise 45
Rotina de beleza 46
A saúde do bebê 52

CURIOSIDADES

O que é a terceira dimensão ... 26
A vida de Noel Rosa 39/41

CARICATURA

Êste mundo e o outro 18
Último Flash 58

CAPA
VIRGINIA GIBSON
Foto Warner Bros.

ENTRA ANO, SAI ANO...

UM voto, uma esperança. Todos temos esperanças às vésperas do Ano-Novo e, tanto que passamos a tratá-lo de Ano-Bom. Todos fazemos votos, mesmo, ou principalmente, se a situação é grave, «excessivamente grave», conforme achava aquêle personagem do Eça, para quem o negócio estava sempre prêto.

No fundo, até êle, o grande pessimista, vendo tudo escuro e «excessivamente grave» — faz suas apostas no Ano-Novo. Quem não as faz? Todos abrimos aos mais próximos 365 dias um largo crédito de confiança que, conforme lá está na enciclopédia dos lugares-comuns, a esperança é a última que morre.

Entretanto, para que falar mal do Ano-Velho? Por que supor que o ano que passou foi um cenário que não lembrou a Ésquilo, com todos os infortúnios de Édipo, Antígona e mais os nossos, tão menos ilustres? Por que não lhe descontarmos nossas próprias fraquezas, nossos erros, nossas pobres e humanas contingências? Sejamos razoáveis, sejamos modestos.

Eis que dei para amar os Anos-Velhos. Até mesmo porque o Ano-Velho inspire sempre tanto azedume e algum desprêzo. O Ano-Velho me parece sempre simpático. Não que não sonhe também com as maravilhas que vai trazer o Ano-Novo. Entretanto, pego na palavra de Castruccio, o bom Castruccio que, também, tinha as suas desconfianças, suavemente: «O Ano-Novo é sempre como aquêle cavalo de pau que os sábios gregos levaram às portas de Tróia...» Sim, que trará no seu bôjo êsse cavalo de pau que o tempo, indiferente aos acontecimentos humanos, põe à nossa porta? Alegrias? Bombas atômicas e superatômicas? Nunca se sabe. Aí está — nunca se sabe. Vai se ver — são mesmo os gregos.

E é por isso, também, que devemos amar o Ano-Velho. Lá se vai, mas foi nosso conhecido, andou conosco, teve dias sombrios, mas também fêz bom tempo. Deixou um saldo. E' claro que, como sempre, no seu Deve-Haver, podemos encontrar «deficits», mal irremediável dos Caixas. Mas a sabedoria da vida não está em nos agarrarmos aos saldos devedores. Vêde a coluna dos lucros: há sempre um sonho, uma flor. Se não há mais, é porque talvez sejais como o poeta, tímido, diante da Rosa em «el rosal de su amor»:

> «Cada año nuevo que llega
> llega a herirnos a los dos;
> que al blanquear tus cabellos
> me ennegrece el corazón.»

Não enegreçais vossos corações, nem vos deixeis ferir, cada Ano-Novo... A vida é sempre boa, contanto que saibamos reter seus instantes propícios e colhêr a Rosa do rosal do nosso amor.

Verificai, antes de maldizê-lo, o Caixa dêsse malsinado Ano-Velho. Não falemos de guerra que em guerra sempre se fala — e se pratica — desde que o mundo é mundo. Sempre houve guerras, ao que se sabe. Por causa de Helena ou por motivos menos dignos, muitos e variados. Também não falemos em vida difícil — que ser difícil é o segrêdo e o encanto da vida. Já houve o tempo em que se amarrava cachorro com lingüiça e as queixas eram as mesmas, por parte de todos, com exceção sòmente das lingüiças. O café já foi cotado a dois mil réis a arrôba, pelo tipo 7, e a crise da lavoura não era maior, nem menor do que a atual. Já fritaram ovos no asfalto da Avenida Rio Branco e nem por isso, naquele tempo, sentiram mais calor do que nós, que não temos ovos para fritar, nem no asfalto, nem na frigideira, ninguém se lembrando por isso, àquela época, louvar as galinhas pelos seus esforços. Houve desastres em 52, é certo, todos lamentáveis, caíram aviões, edifícios e temporais, porém deveis pensar no caso da tôrre de Babel, nas sete pragas do Egito, nas chuvas de fogo sôbre Sodoma. Fazei cultura e comparações — ajuda o otimismo.

A humanidade é ingrata, como dizia, e muito bem, M. de la Palisse. O Rio já foi muito pior, mesmo com água. Quando Oswaldo Cruz matou os mosquitos, pensais que alguém abençoou aquêle ano fatal para os estegomias? Qual! Cataram as mais ínfimas misérias do ano, falaram contra a chuva e o govêrno. Podeis abrir vossas torneiras sêcas e romper contra o Ano-Velho, que é hábito muito antigo. Nós olharemos em volta: já houve falta d'água com varíola, com espanhola, com pracinhas brasileiros morrendo na encantada paisagem italiana — e era muito pior.

Confessamos nosso amor, nossa ternura pelo Ano-Velho. E' provável que o Ano-Novo venha aí cheio de benesses, se não entulhado de gregos. Não será êsse o motivo que nos leve a olhar de esguelha para o ano que se vai. Há um toque lírico em tudo o que passou. E um encanto inefável no que é passado: «C'est la seule realité humaine» — dizia M. Bergeret. E' do passado que vamos viver, que vamos vivendo, sempre. Ser não é mais do que ter sido. Saibamos, pois, acumular nossos tesouros, a pobre sim porém honrada colheita que vamos colhendo através do tempo e que depende do grão que semeamos. E' nossa única fortuna.

Recordemos o Ano-Velho como aquêle que nos trouxe... que foi mesmo que êle nos trouxe? Procuremos bem: que tenha sido a Rosa do rosal de nosso amor, que tenha sido uma outra flor qualquer, mais humilde, que seja um simples sonho, ficai certos de que é Rosa, ou a flor ou o sonho, a moeda com que compraremos, no próximo Ano-Novo e nos Anos-Novos mais distantes, nossa passagem para a larga travessia do Estige desta vida que mais não é que o misterioso curso d'água em que barqueja Caronte...

E boas-festas, leitor, e um feliz Ano-Novo.

EDMUNDO LYS

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr$ 200,00
Seis meses	Cr$ 100,00
Registrada — Um ano	Cr$ 230,00
Seis meses	Cr$ 120,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 350,00
Seis meses	Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50.

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: venda e publicidade na capital a cargo da Agência Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

Paginação de VICTOR TAPAJÓS

Desenhos de ALBERTO LIMA

Redator-chefe de Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha, Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA, R. Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Diretor GRATULIANO BRITO

Assistente RENATO DE ALENCAR

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York, N. Y. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal, 434, Lonrenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. — Êste número tem 60 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 ★ Publicidade: 22-9570 ★ Portaria: 22-5602 ★ Gerência: 22-8647 ★ Contabilidade: 22-2550

A REVISTA há 50 anos

(28 de Dezembro de 1902)

CHRONICA — Ha cincoenta e duas semanas, que tantas conta o anno até nova ordem, supportam os leitores da REVISTA DA SEMANA, com resignada e invejavel paciencia, os nervos, as birras e o máo humor do chronista que um dia certo, embora de animo incerto, vem nesta columna palestrar com os seus amigos, desaffectos ou indifferentes. Mais de uma vez as considerações aqui feitas mereceram as honras de cartas gentilissimas; outras vezes, de longe em longe, um foguete brando, desses que mordem o espaço, me advertiu de que ás leitoras não merecera particular agrado a minha prosa irritada. Entretanto, feito o balanço devido entre as recompensas e os máos pontos, não fui dos peior aquinhoados e entraria sem receio por esse mil novecentos e tres, prestes a romper a casca, se não lhe presentisse já as manhas e trêtas e não me annunciasse uma varinha de condão que o mofino será digno continuador das pessimas tradições do papá!..

Variar durante cincoenta e duas semanas o mesmo reduzido numero de themas, reclama no chronista uma louvavel elasticidade mental, mas, em todo caso, com um pouco de esforço e boa vontade, leva-se a cruz ao calvario com maior ou menor presteza. Mais, porem, é impossivel e com o feitio que as coisas vão tomando, receio deveras que o pimpolho seja o espelho fiel do papá, como este o foi de seu avô. Apezar de todas as boas intenções de quantos se interessam pelo progresso mental e moral desta terra, vamos de mal a peior em materia de affectividade e no culto da pura Religião do Pensamento. Cada dia nos seduzem menos as idéas, essas formas intangiveis do espirito que tanto ajudam a supportar a cegueira do Destino e os males da vida. Tudo tende a mercantilisar-se e, phenomeno curioso! — mais de mercantilisa, mais nos empobrece. Nunca fomos tão pobres como depois que toda gente resolveu ser rico; e dir-se-ia que uma maldição occulta pesa sobre a avareza gercl.

Da arte e dos artistas vivem os chronistas. Elles são as cortezãs da Belleza, os serventuarios da Alegria e do Prazer. Onde a Belleza não impera e a Alegria definha, cessam as suas funcções.

Percorrei os jornaes: politica e desgraças. Visitae os theatros: ás moscas. Olhae para a rua do Ouvidor: pobre de toilettes e formusuras. Contemplae a cidade: capim e cisco.

E o chronista que se arranje, porque todas as semanas, queira ou não queira, tenha ou não tenha assumpto, cá o espera o paginador, implacavel e laconico: «Falta a chronica!». E a chronica ha de por força obedecer ao chamado, ainda que o cerebro, espremido, deite menos summo que um limão secco.

● *Um jovem, que desejava instruir-se, perguntou um dia a seu pae:*

— Papá, o que quer dizer obra posthuma?

— Chama-se posthuma, respondeu o pae grave e magistralmente, a obra que um auctor escreve depois de morto.

● *— Quanto queres para me levar ao Cattete?*

— Cinco tostões.

— E do Cattete aqui?

— Outros cinco.

— Tenho então de pagar dez tostões para me transportar ao sitio em que estou? Não me serve...

JACQUES BONHOMME

● OS THEATROS

Com a ultima representação, da 1ª serie, da bella peça em tres actos, de costumes portuguezes, LOBOS NA MALHADA, realizou-se na passada terça-feira, no Recreio, a festa artistica de Cunha e Costa, o applaudido autor dos LOBOS. Foi um festival bellissimo, de extraordinaria concurrencia, na qual não foram regateadas provas de estima ao fino tradutor d'A HONRA e auctor do NATAL NA ALDEIA.

Egualmente em ultimas representações, quarta e quinta-feira, dia de Natal, subiu á scena do Recreio o primoroso drama sacro O MARTYR DO CALVARIO, que na sexta-feira cedeu o logar á peça de costumes nacionaes de Arthur Azevedo, RETRATO A OLEO, cuja «premiére» foi em beneficio do estimado actor Ferreira de Souza, uma das primeiras figuras do elenco Dias Braga. ★ Em São Paulo, na companhia lyrica Milone-Rotoli, estréou quarta-feira ultima, no RIGOLETTO, a festejada soprano-ligeiro brasileira Nicia Silva, da qual os jornaes paulistas referem-se nos melhores termos.

● TOURING-CLUB DO RIO

Já se vão sentindo os effeitos dos esforços da nova directoria, que tem á frente, como presidente, o sr. Godofredo Cesar de Mattos. Eleita a nova directoria ha pouco mais de 2 mezes, todos têm trabalhado, auxiliados pelos dignos socios, no progresso deste florescente club.

E' assim que o Touring vae ser dotado de um novo Codigo de corridas cuja elaboração, acha-se prompta, assim como os estatutos antigos vão ser substituidos pelos novos, que a directoria pretende apresentar à assembléa geral dos socios que brevemente será convocada..

O plano de uniforme de corridas, foi tambem modificado: a camisa, calções e sapatos brancos foram substituidos por pretos e adoptado o bonet preto. O chapéo branco, que actualmente é de feltro, só será usado em passeio. O concurso de tiro, que termina no fim do mez, tem seguido muito animado. Como já dissemos, o resultado será brilhante tendo em vista a lucta em que os atiradores, alguns dos quaes respeitados, se empenham. A "Revista da Semana" publicará nesta secção os resultados dos vencedores.

A Semana

O processo de Corbusier



NOTÍCIAS vindas de Marselha nos dão esta curiosa novidade: o famoso e revolucionário arquiteto Le Corbusier, está sendo julgado depois do processo movido contra êle pela Sociedade Pró Estética Geral da França, presidida pelo sr. Peyronnet, pelo fato de não ter pedido licença para construir a "Cidade Radiosa", grande imóvel que não oferece, — no dizer da Sociedade queixosa — as condições indispensáveis para a devida habitabilidade, com escadas muito estreitas, salas escuras e quartos sem ventilação, etc. O arquiteto processado e ora em julgamento à revelia, se encontra na Índia, aonde foi a chamado das altas autoridades daquele país, a fim de reconstruir a cidade de Dundjalo. O arquiteto francês é um grande criador de conceitos na Arte de construir, tendo no Brasil a solidariedade de um Niemeyer, cujas concepções em matéria de arquitetura são também avançadas e revolucionários. Será interessante saber em que vai dar o processo contra Le Corbusier, nome de reputação universal e popular no Brasil pelos seus arrojados projetos mais para o futuro do que para o presente. Na Índia êle está fazendo furor, e é possível que os indianos lhe inspirem formas admiráveis para que as aplique na França, se a Sociedade Pró Estética Geral da França não mudar de idéias...

Mina de ouro

NOTÍCIA das mais auspiciosas acaba de ser divulgada pelos jornais do Rio: no município de Mococa, Estado de São Paulo, foi descoberta uma mina de ouro cujo rendimento é quase o dôbro da de Morro Velho, em Minas Gerais. O laboratório químico do Instituto Geográfico e Geológico do Estado fêz as devidas análises numa porção do minério extraído e confirmou a boa nova: numa tonelada de ganga bruta, pode-se colhêr uma média de dezoito gramas, quando na de Morro Velho, com 2.400 metros de profundidade, êsse rendimento é apenas de dez ou onze gramas. O subsolo brasileiro ainda possui ouro em grande quantidade, faltando apenas pesquisas metódicas e estudos continuados das regiões auríferas. O assunto deve estar causando muita satisfação naquele Estado, especialmente agora, que todos os esforços se conjugam para as festas de 1953, São Paulo, que já é, desde muito o Estado líder da federação em quase tudo, passará agora, com a mina de Mococa, a chefiar a produção de ouro em nossa terra. E que outras minas surjam, para que o Brasil recupere, realmente, sua posição de país opulento, não apenas nas páginas de nossas corografias, e sim, com tôdas as provas na mão, de uma opulência efetiva, para que todos nós nos ufanemos sem lirismos.



Em Revista

A pesca de cães

JÁ não se pesca apenas peixe, a tarrafas e rêdes, leitor amigo. Também os cães vadios estão sendo "pescados" a "jereré". Antigamente, isto é, até aos meses passados, a pega de cães vadios pelas ruas do Rio era feita de forma um tanto selvagem: o laço de arame. Muita gente se comovia diante do sistema bárbaro de pegarmos cães sem dono, ou extraviados de seus proprietários. Agora, porém, o sistema é outro: são pegados em rêdes. São mais confortáveis e não inspiram tanta piedade aos circunstantes. Se o "cão é o maior amigo do homem", também o homem deve retribuir essa amizade e lealdade, agarrando-os para a morte, sob mais fraternais cuidados. Além da rêde, também se introduziu outro melhoramento: os animais aprisionados não são metidos nas velhas "carrocinhas", e sim em gaiolas individuais. Nada de misturas entre cachorros vadios. O mais decente é que cada um fique em seu cubículo, a meditar na precariedade da vida. Não sabemos se os cães vadios são assim classificados por suas qualidades próprias, ou se pelo fato de a sociedade humana deixar de cumprir um dos seus mais primitivos deveres: ajudar os que não têm onde cair vivos, porque, onde cair morto, todo mundo tem. Os cães são vadios porque nasceram sem sorte. Mas, para êles, também deve haver um destino mais digno do que o da eliminação pura e simples.



Dois de Dezembro



HÁ uma rua na capital federal chamada "Dois de Dezembro". A que se refere essa data? Ao dia em que nasceu, no Rio de Janeiro, no palácio imperial da Quinta da Boa Vista, aquêle que se chamou D. Pedro II, no ano de 1825. O nosso segundo e último imperador também morreu num dia de dezembro: o dia cinco, de 1891. Todos os anos essas datas passam na maior indiferença do povo. O Brasil é republicano; mas, se nós verificarmos que D. Pedro II foi o mais republicano dos monarcas, reconheceremos que, todos os anos, a dois e a cinco de dezembro, cometemos uma falta imperdoável contra a sua memória. Seu nome e sua obra de pacificação da alma nacional, sacudida em todos quadrantes pelas competições políticas mais desenfreadas; seu espírito sempre dedicado ao bem público, à cultura, às artes, às letras, ao progresso do Brasil; deviam inspirar o próprio poder público, no sentido de que as gerações atuais mantivessem aquêle fervor com que as contemporâneas do grande soberano lhe faziam justiça. Pedro II foi um dos maiores brasileiros. Patriota, previdente, trabalhador e probo, merece ser conhecido da mocidade atual, para que as sociedades do futuro possam reverenciar-lhe a memória na consciência dos brasileiros de amanhã.

A PERSONAGEM da SEMANA



DA meia- noite do dia 11 para o dia 12 do corrente, o presidente da República assinou a exoneração do cargo de chefe de Polícia do General de Brigada Ciro Riopardense de Rezende, nomeando para essa função o General de Brigada Armando de Morais Ancora. O novo chefe de Polícia é gaúcho, nasceu em Pelotas, no Rio Grande do Sul, e conta atualmente a idade de 51 anos. Graduou-se aspirante em 1921, sendo promovido no mesmo ano a tenente e a capitão em 1931. Participou da FEB, como comandante do QG do então General Mascarenhas de Morais. Foi promovido a General no corrente ano e servia como chefe do Estado-Maior na 1ª Região Militar.

Sim... Sim...
a massa é AYMORÉ!





A qualidade
é essencial
na alimentação.
EXIJA
AYMORÉ

Ouça na Rádio Nacional, todos os domingos, às 22,10 hs, o programa Aymoré!



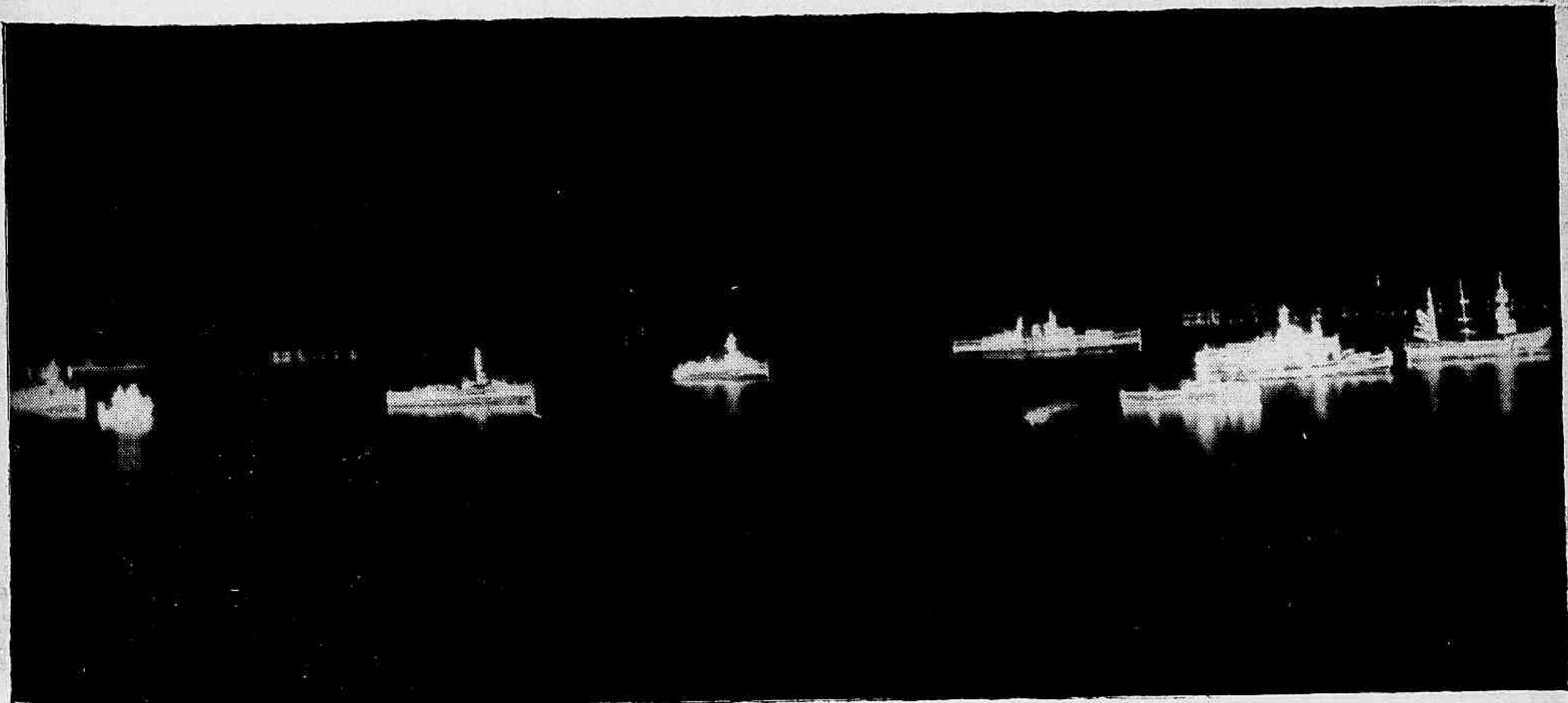
A MASSA QUE O POVO EM MASSA EXIGE!





LUZES DA MARINHA

No cenário incomparável da Guanabara a Marinha de Guerra do Brasil iluminou suas belonaves e conseguiu gravar na memória de todos os que assistiram o final das comemorações da Semana do Marinheiro uma página de beleza. No Flamengo, navios iluminados em festa desfilaram rompendo as trevas da noite. Seus reflexos n'água desenharam figuras que enriqueceram a fantasia dos espectadores. Os grandes encouraçados e os rápidos destróieres seguidos de caça-minas,em perfeito desfile, constituíram uma festa de luzes que poucas vêzes nos é dado ver. Essa iluminação extraordinária foi coroada de um modo ainda surpreendente: um súbito espoucar de fogos de artifício subiu aos céus e refletiu-se n'água como enormes flores que um mago arrancasse do profundo mistério das trevas: uma beleza!







Eis aí o resultado de um chute certeiro: goleiro das rêdes. Ao fundo a torcida delira. Mais sua classe e, arremetendo com violência e peonato. Eis o que motivou angústia e alegria...

UM CHUTE FAZ VIBRAR MILHARES

DO ANO: CR$ 2 068 458,10 ★ ADEMIR

Texto de RICARDO FREI

MAIS de cem mil pessoas (a população de uma grande cidade brasileira) quase lotaram o estádio do Maracanã para assistir ao duelo de dois times que são os mais queridos da população carioca.

E o carioca parece ter herdado diretamente dos romanos o gôsto dos estádios nos dias de excepção, quando algum time vai jogar seu nome para o alto da glória ou para a amargura da decepção irremediável. Assim foi domingo quando se enfrentaram os cracks do Vasco da Gama e do Flamengo.

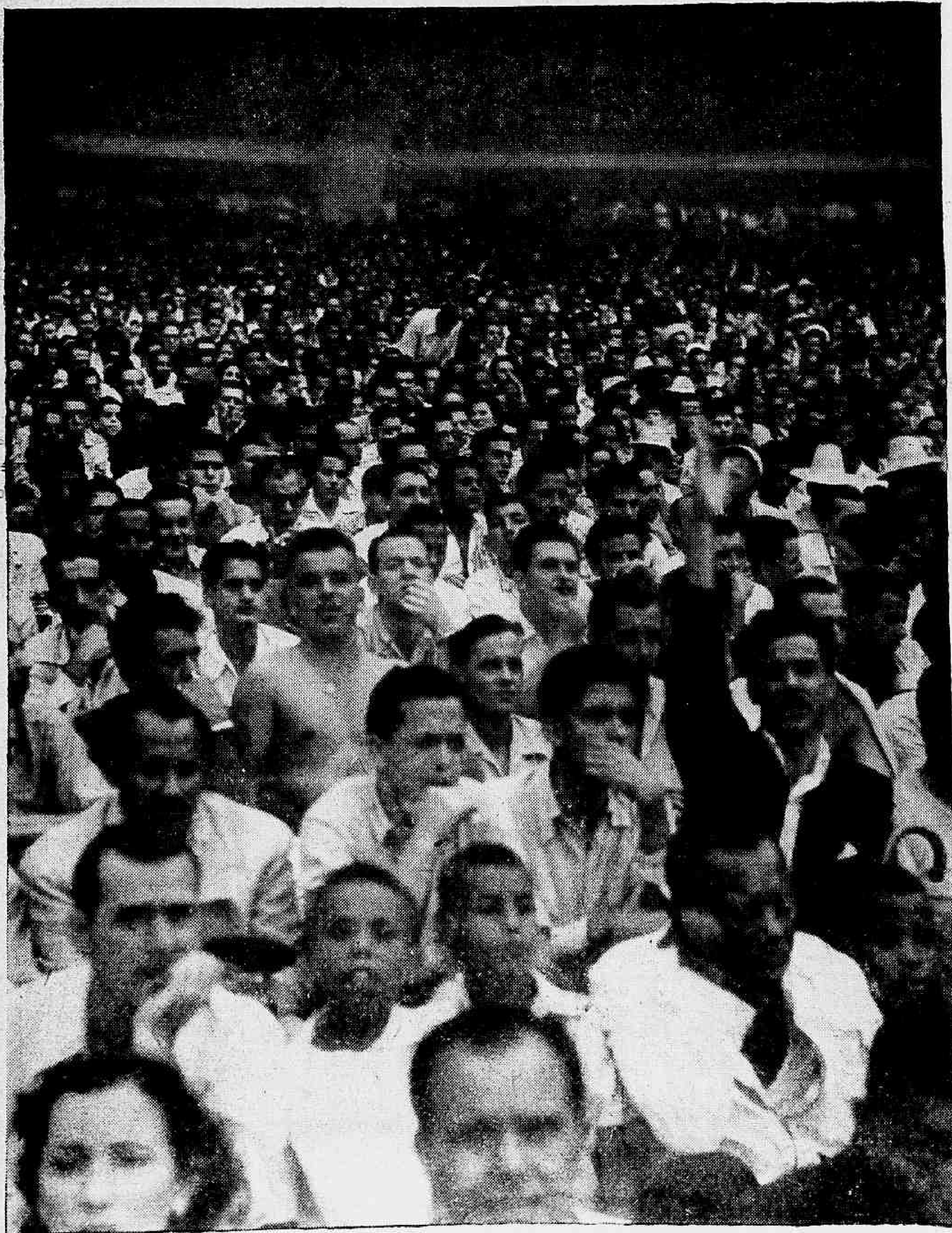
Tudo conspirava para que o campeonato se definisse: vencedor o Flamengo, iria forçar as portas da vitória junto com o Vasco e o Fluminense, perdedor, deixou que o grêmio cruzmaltino e o Fluminense disputem livremente o primeiro pôsto.

A angústia dominou os torcedores de ambos os lados depois de transcorrido o primeiro tempo, quando o placard patèticamente marcava 0 x 0.

O relógio e o bater dos corações se conjugaram. Cada ataque era como uma carga de guerra. A defesa agia como soldados heróicos no meio da mais acesa das batalhas.

E as máscaras dos espectadores sofriam todos os rictos. Uns riam nervosamente, outros fechavam a carranca. Uns gritavam, outros conspiravam surdamente, outros ainda faziam sua torcida inteiramente em silêncio invocando seus santos.

Para quem, além de ver o jôgo, teve a curiosidade de observar as fisionomias, teve ademais do prazer da partida duríssima, outro espetáculo a contemplar, o entrechoque das paixões que consumiam os torcedores levando uns ao paroxismo da alegria na hora do goal decisivo, e desenhando no rosto de outros



O quadro vivo da torcida: há de tudo, para todos. Fanáticos, indiferentes, angustiados, rostos em intensa expectativa. O destino está pendente. O movimento no gramado modifica as emoções.





A espôsa do «crack» exulta. Ademir foi a causa de uma alegria geral, mas dona Celeste é quem aprecia melhor a nova coroa de louros que êle acaba de ganhar.

ALEGRIA E ANGÚSTIA NO MARACANÃ

caído, «backs» desesperados, bola no fundo uma vez Ademir, o «crack» cruzmaltino, mostra precisão, conduz seu time ao limiar do campeonato. Vasco e Fluminense estão à vontade.

DE CORAÇÕES ★ A MAIOR RENDA DECIDIRÁ O CAMPEONATO CARIOCA?

o mais profundo acabrunhamento quando Ademir, no fim da partida, assinalou o tento decisivo do jôgo e talvez do campeonato.

SORTE OU ESFÔRÇO?

Todos os rubro-negros depositavam sua esperança no jôgo Vasco x Flamengo. Era a pedra de toque que o destino lhes deparava. E o transcorrer da partida foi uma construção lenta de trabalho técnico mais ou menos defensivo por ambas as partes. Qualquer sortida fazia correr o risco maior: uma derrota ou uma vitória decisiva.

A proporção da torcida era, por tôdas essas razões, das mais tensas que o Maracanã tem assistido. Acresce ainda a razão das recentes derrotas e empates do Fluminense, que até o primeiro turno vinha lampeiro na liderança. A conspiração do destino era portanto a mais emocionante para o espectador. E o seu reflexo na torcida constituiu, como dissemos, um espetáculo de psicologia coletiva digna de um registro.

Depois do jôgo, quando a sorte selara o destino do Flamengo, Esquerdinha, o conhecido «player», sentou-se no chão e chorou lágrimas vivas, como querendo integrar seu sentimento na grandeza do quadro em que tomou parte: a derrota feriu-o profundamente. Era a angústia do irremediável.

Por outro lado, a espôsa do crack do dia, a senhora de Ademir, vibrava com o feito excepcional do grande jogador vascaíno, que livrando-se da pesada marcação que lhe impusera a linha de halfes do Flamengo, consignou o goal que foi a sensação do ano.

(Cont. na pág. 52)



A torcida, sempre heterogênea, se senta lado a lado, mas quanto às opiniões está separada por abismos. Esta seqüência de máscaras que aqui apresentamos mostra a variedade.



Mãe e filho acompanham o mesmo lance. Flamengo ou Vasco da Gama? Os nervos estão por um fio. O fim da tarde decidiria se em casa iriam festejar ou lamentar o fim do jôgo.



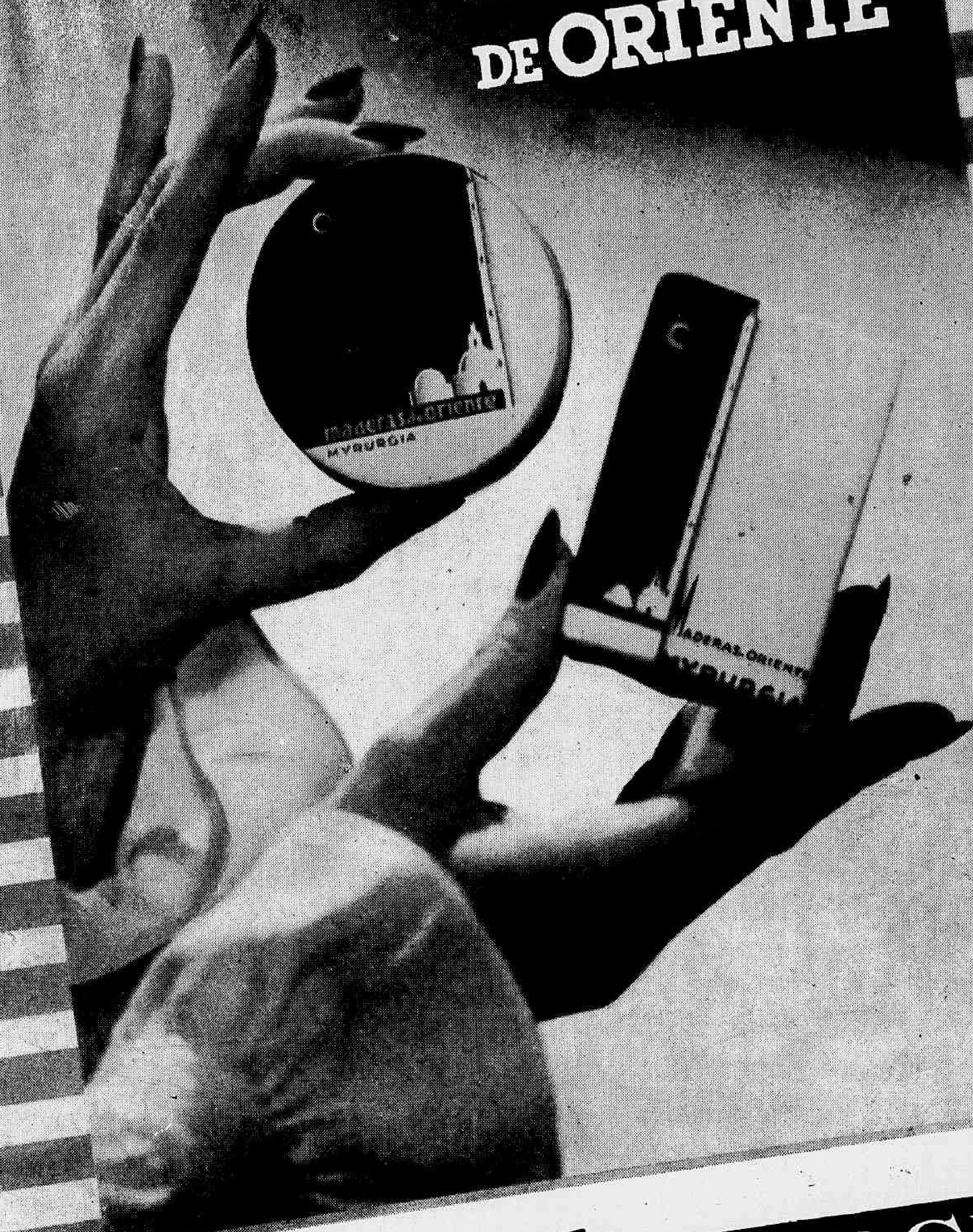
ALEGRIA E ANGÚSTIA NO MARACANÃ

O balão do Flamengo queimou. É o augúrio. A coisa começou mal, afirmaram os supersticiosos. E de fato. Tanto o balão de papel como o outro...

Levaram o «crack» às lágrimas. Sentado como uma figura de tragédia, Esquerdinha — o ponteiro rubro-negro — dá vasão aos seus sentimentos diante da derrota insofismável.



Eis a apresentação igual e uniforme do delicado Pó de Arroz e do maravilhoso Sabonete



MYRURGIA



NÉLIA PAULA E O PROJETO MIL

A BULIÇOSA ARTISTA ANUNCIA QUE DEIXARÁ O TEATRO, SE O PROJETO MIL FÔR SANCIONADO ★ "ESTOU CANÇADA DE DAR DURO" ★ UM SONHO QUE ELA QUER VER REALIZADO ★ O "CLUBE NÉLIA PAULA" CONTRA O PROJETO

Reportagem de JOAQUIM SIMÕES

Na intimidade do camarim, Nélia Paula pensa no projeto mil. Será que o seu destino é a burocracia? Seus fãs opinam que o lugar dela é a ribalta.

O repórter é um caçador que muita vez atira no que quer e acerta no que não espera... Fomos em busca de uma estrêla e topamos com uma "bola"... E o que iria ser simplesmente entrevista com uma bonita atriz de nosso teatro de revista, passou a assunto sério, incrível como pareça, pois relacionado com o já arqui-famoso projeto 1 000.

Agora, o leitor há de ter paciência e ouvir a história tôda.

Na "boite" da Praia Vermelha, onde, na mesma mesa do repórter se achava a buliçosa artista Nélia Paula, no esplendor dos seus 22 anos, depois de uma tarde a entrevistá-la e a fotografá-la, foi que caiu a notícia-bomba:

— Eu vou deixar o teatro, assim que fôr sancionado o projeto 1 000!

— Está brincando, Nélia?

— Não, meu filho. "Estou cansada de dar duro". Também sou filha de Deus. Desde muito pequena ansiava por uma oportunidade nos palcos. Sempre fui do batente, sempre fiz fôrça para conquistar o meu lugar ao sol. Inquieta, ruidosa, nunca permaneci muito tempo no mesmo emprêgo. Tinha o delírio de variar, melhorar de salário, viajar, progredir. Em menos de cinco anos fui comerciária, datilógrafa, extranumerária, modêlo da Wahita Brasil, taquígrafa, aeromoça, girl, crooner, estrêla de teatro e de "boites". Em 1945 ganhava duzentos cruzeiros e agora faço quinze mil. Mas acho pouco. Uma ninharia mesmo que não dá para nada.

— E há quanto tempo está no teatro, Nélia?

— Dois anos. Um "tempão"...

E Nélia, cujo verdadeiro nome é Nélia Ferrari Faria, nascida em Niterói, no tempo da revolução de 30, evidencia que, apesar da sua declaração, o teatro é, para ela, "uma cachaça". E conta que estreou com Colé no Teatrinho Jardel. Nesse instante Colé, que estava fazendo um número de sucesso na "boite", arrancando gargalhadas da assistência, recebe aplausos frenéticos de Nélia e um olhar de tamanha ternura que o repórter ficou na dúvida: seria só gratidão e camaradagem?

E Nélia continua:

— Agradei tanto ao lado de Colé, que recebi um convite e fui substituir Virgínia Lane em "Sossega, Ademar". A seguir, estrelei "Há sinceridade nisso?". Depois voltei para Copacabana, estrelando, com sucesso extraordinário, a revista "Olha o pixe", de Renata Fronzi e César Ladeira, no Teatro Follies. Mas vou deixar o teatro.

— Que brincadeira essa, Nélia?

— Não é brincadeira. Começou como um sonho e agora já é quase realidade. Tudo depende do projeto 1 000...

— E que é que tem uma coisa com outra?

— Começo pelo sonho. Eu vinha acompanhando o que os jornais diziam sôbre êsse famoso projeto. Lia as coisas a favor e vi na televisão os vereadores discutindo e quase se engalfinhando por causa dêle. Parece que foi por isso que, numa noite muito quente, eu tive um sonho. Também deve ser porque eu gosto muito de política. Tanto que pretendo candidatar-me a vereadora...

— Ôba!

— Sonhei que, vestida no mais lindo dos meus "bikinis", era carregada em triunfo por uma multidão tão grande de fãs, que até parecia um mar de gente. Levavam-me nos braços pelas escadarias da Câmara Municipal. E todos me aclamavam; atiraram-me para o ar com tanta alegria que caí da cama.

Todos na mesa da "boite" riram, mas Nélia Paula, voltando a falar, declarou sèriamente:

— Desde êsse dia passei a pensar que, afinal, eu bem que podia estar também nessa "bôca"... Dizem que há O de penacho de vinte mil cruzeiros por mês, que é só assinar o ponto e cair fora. Passei a agir e não vou contar a vocês o segrêdo, mas se o Prefeito assinar o projeto, estarei nessa marmita... Penso muito no futuro, tenho fôrça de vontade e quando quero, quero mesmo.

(Cont. na pág. 42)



Porque ela fica melhor assim. Muita fantasia e pouca roupa. Como é que pode, trocar o arco e a flecha pelo lápis, a máquina de escrever, o ponto.

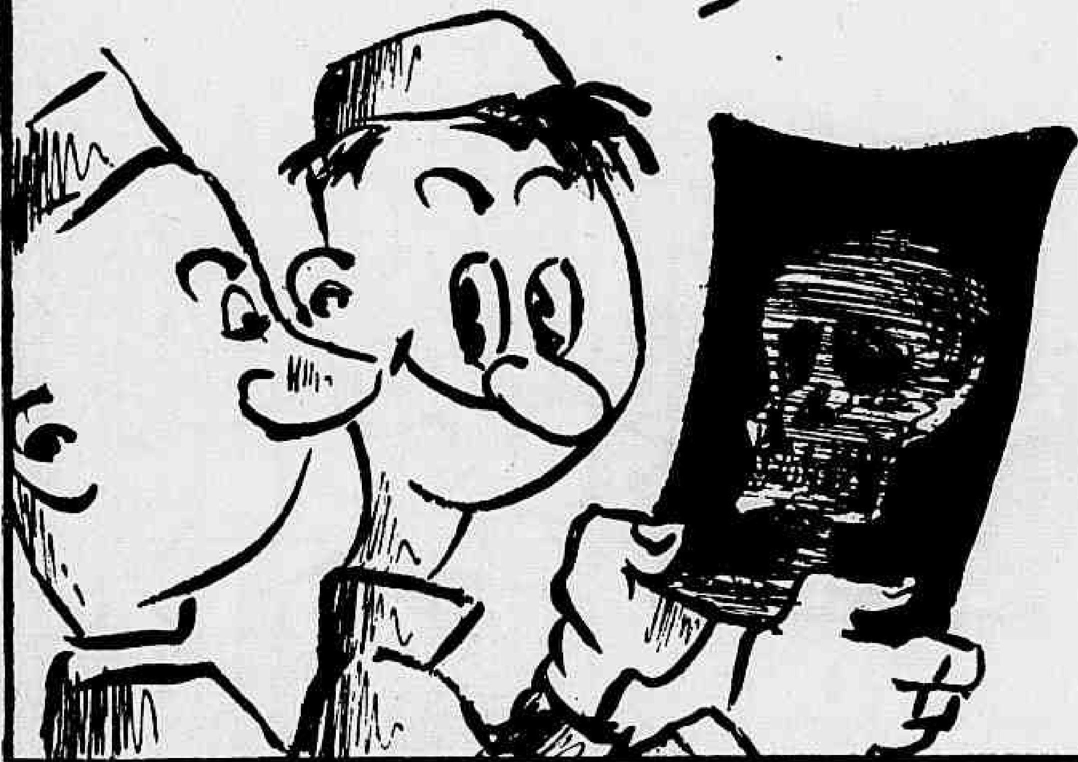


Seu rosto bonito fica bem junto da máscara. Muito melhor aqui do que ao lado dos muitos mascarados que há por essa burocracia do já famoso projeto 1.000.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

MÉDICOS E DOENTES

CRIAÇÃO DE DARCY

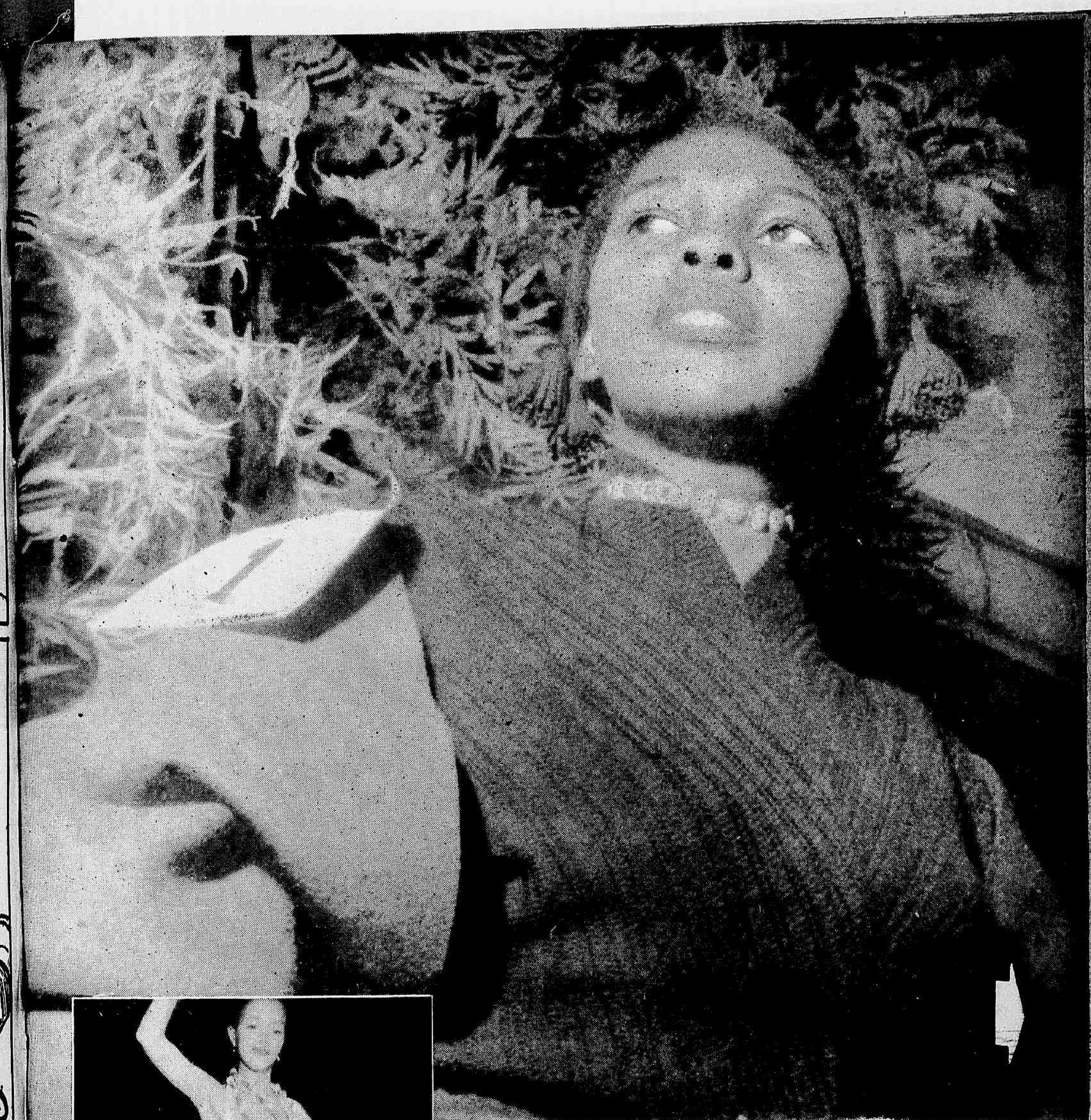


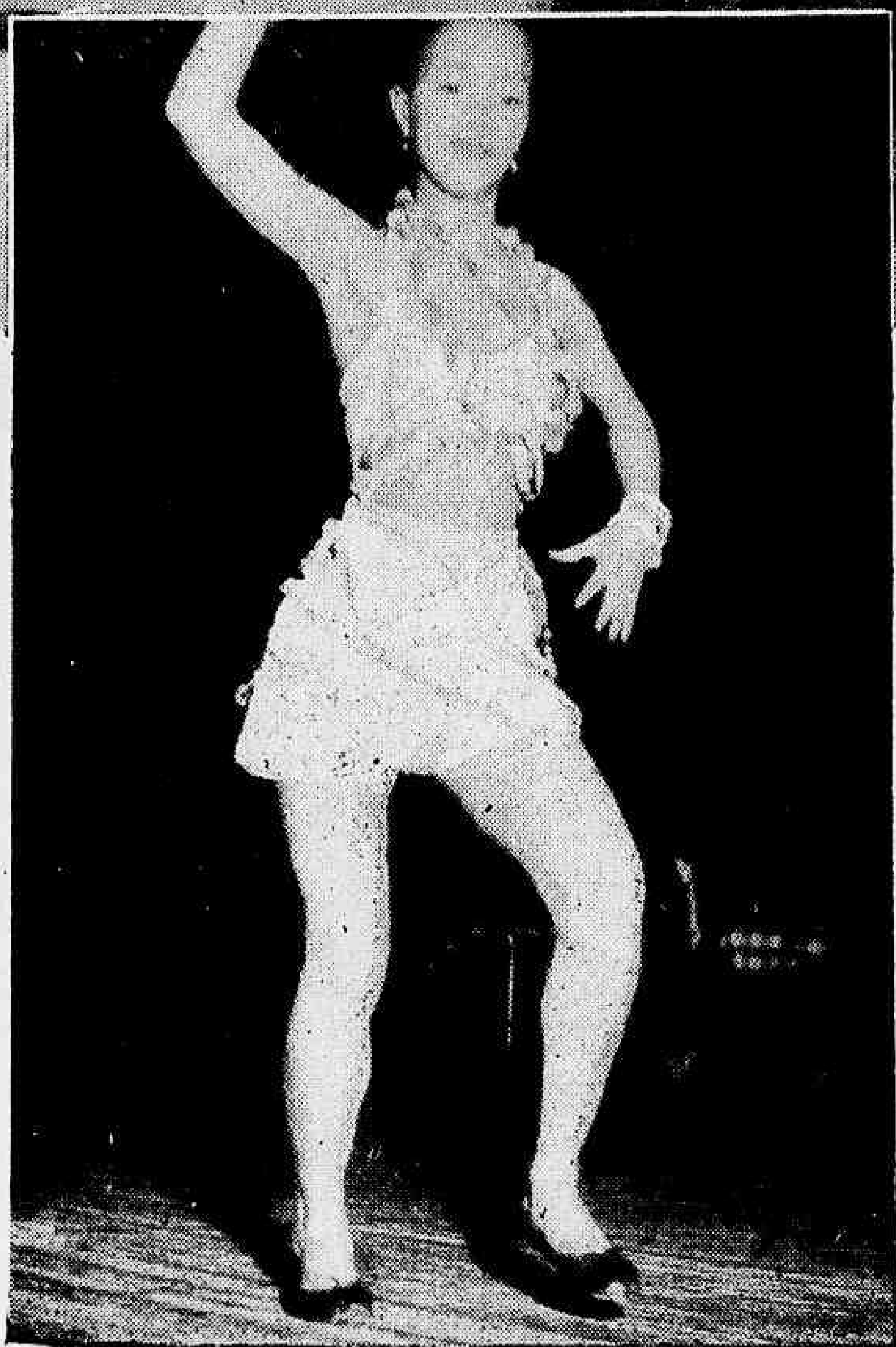












Bantu ou Nagô? Quais, afinal, teriam sido seus antepassados? Hoje em dia ela é modêlo no desfile de modas que se realiza ao ritmo do mambo. A mistura nacional não roubou-lhe o ritmo inato. E a dança é vida e sangue d'África.

DESFILE DE MODAS & MAMBO

VIDA APERTADA MAS NÃO É MUITO... ★ «SHOW» E «BALLET» DE GENTE DE CÔR ★ PRESENTE ADEMAR FERREIRA DA SILVA, O CAMPEÃO OLÍMPICO BRASILEIRO ★ UMA FESTA DA ELITE NEGRA PAULISTA

Texto de DOMINGOS DE LUCCA

Fotos de DARIO TERINI

DESFILE DE MODAS & MAMBO

SÃO PAULO, dezembro.

NEM samba, nem baião. Êles queriam era mesmo o mambo e milhares de dançarinos quase faziam tremer o ginásio do Estádio Municipal de Pacaembu, com seus passos acrobáticos, seus trejeitos elegantes, que fariam inveja a qualquer mambera de Cuba. Os bongôs cadenciavam, com ruído selvagem, a música de Perez Prado, enquanto os pés dos dançarinos e das dançarinas se multiplicavam em floreados esquisitos. Quando a música parou palmas estrepitosas de gente bem humorada fizeram voltar o ritmo quente do mambo, que dava vida àquela noite úmida. S. Paulo assistia à festa da elite negra paulista, patrocinada pelo clube 220.

O SAMBA PERDEU O "CARTAZ"

A noite tôda transcorreu entre o baile, números de "ballet" negro e movimentadíssimo "show". Tudo feito por gente de côr e para gente de côr. O mambo imperou, como música oficial, daquela sociedade simpática, que conseguiu lotar o enorme ginásio do Pacaembu.

Centenas de mesas espalhavam-se ao redor da pista, vazias.

As garrafas e os copos, atestavam a presença dos moços e das moças, que se confundiam, no salão, saboreando, até às últimas notas, os mambos estrepitosos. Samba e baião era coisa para descansar e os membros do 220 não estavam pra isso, na primeira festa organizada pela agremiação, que reuniu, em Pacaembu, a elite da raça negra.

Frederico Penteado Júnior, o gigante de ébano, que foi eleito presidente, conversava com Ademar Ferreira da Silva, que, minutos antes, fôra homenageado. Nas cadeiras numeradas junto ao rink de box e basquete, Melânia Luz e Wanda dos Santos, duas promissoras recordistas negras, descansavam e apreciavam.

O PRIMEIRO DESFILE DE MODAS

A festa continua. Muita cerveja, trajes que lembram Nova Iorque, Paris e Londres, graça, alegria e distinção. Penteado Júnior, que não pára um minuto, entre uma ordem e uma pausa, é quem explica: "O 220 é o clube da elite negra, como o senhor está vendo — espalma as mãos enormes, sorri satisfeito, mostrando seus dentes grandes e alvos, prosseguindo — o "220" nasceu há dois anos. Seu nome? Exatamente porque foram 220 os fundadores. Eu fui eleito e tenho ótimos companheiros de diretoria. Não demos festa, até agora. Esta é a primeira. Simplesmente porque preferimos trabalhar com a cabeça. Achamos que o 220 não deve ser apenas recreativo. Vamos ajudar o negro a viver, ensiná-lo a se adaptar na ordem social das coisas..."

Penteado caminha, como se nos fôsse mostrar algo e confidencia: "Veja quanto branco há aqui. Não é prova cabal de que não existe precoiceito de raça e de côr, no Brasil? E se há um rasgo de preconceito, são os negros mesmo quem o alimentam. E' com isso que queremos acabar. Trabalhamos muito, mas o 220 já tem seu corpo de "ballet", sob a direção da professôra Léa Tigre. E' o único no gênero, no Brasil. Agora estamos pleiteando uma colônia de férias, em Santo Amaro, e vamos cumprir um amplo programa, de alcance nacional, para integrar os negros da nossa terra na sociedade presente. Esta festa, mesmo, é uma novidade. O senhor vai ver. Vai ter "show", "ballet" e um desfile de modas; o primeiro realizado, por negros, no Brasil. Qualquer moça pode participar e os três melhores trajes serão premiados..."

DUAS MIL PESSOAS, 32 CANDIDATAS, TRÊS PRÊMIOS

E assim foi. O mambo continuou a fazer vibrar as colunas do ginásio e, entre



Há possibilidade de estilizar. Mas o clássico é academismo para as nossas mulatas. Verdadeiro é o samba ou se quiserem, mambo ou batuque.



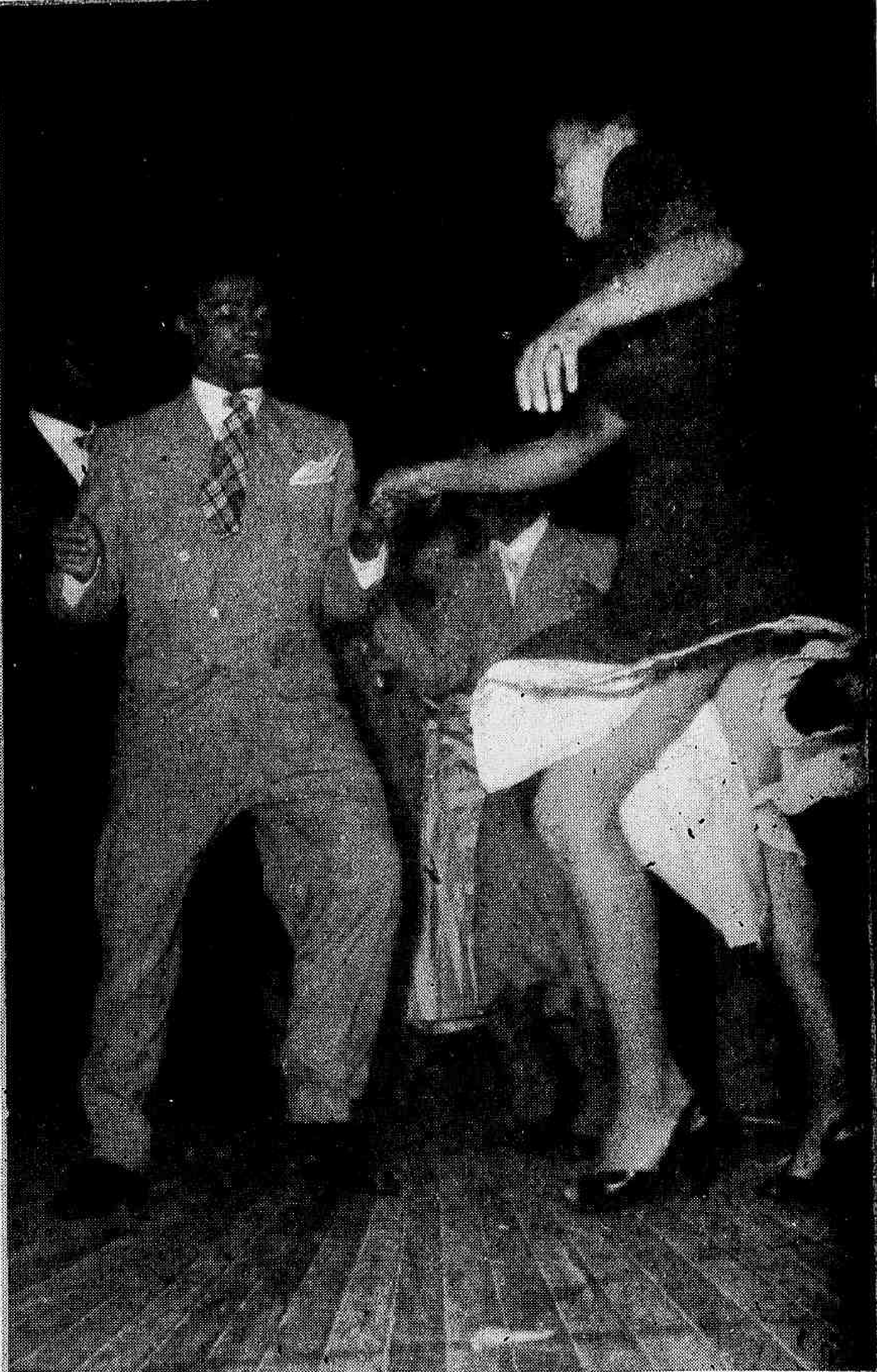
Por isso não tardam em cair na sua natureza. E tremelicando vão fazendo o «passo», que nasce espontâneo e leva as bailarinas até o chão...



E o resultado é isto: um belo tipo de mulher, graça, ritmo, vitalidade que faz dos homens campeões e das mulheres modelos invejáveis...



A raiz é a mesma, aqui, em Cuba, em Pôrto Rico, em Nova York. Onde chegam os pretos chega o impulso vital do ritmo. Casal paulista em ação.



Não basta dançar direito. A euforia os leva a fazer das pernas molas nervosas que imprime ao coração a emoção guardada há séculos n'África.

um "fox-blue" e um samba-canção, o animador anunciava um número de "ballet", um conjunto caipira ou um destacado número de dança.

A assistência se extasiava. Luzes apagadas, refletores em ação, música fina e uma Olenewa de ébano compunha o quadrado refulgente, para mostrar a graça de sua dança. Minutos depois, um "brotinho" infernal, minúsculo, bonitinho, uma criança quase, que havia dançado um número clássico, quase fêz cair o ginásio, com as palmas que arrancou dos espectadores. Entrou sob os refletores e deu o brado: "Mambo!" E lá estavam os bongôs a repicar novamente, mexendo com o sangue da gente, fazendo as pequenas bambolearem, instintivamente, as cadeiras, os bustos.

Lá pelas 3 horas da madrugada, o baile foi interrompido, mais uma vez. Penteado subiu no estrado da orquestra e explicou que ia ter lugar, naquele recinto, o primeiro desfile de modas da gente de côr de São Paulo. As candidatas foram se apresentando, recebendo seus números e subindo para as gerais. Eram trinta e duas, inclusive algumas brancas. Umas com modelos caríssimos de Paris ou Nova Iorque, outras com a última novidade anunciada pelas revistas de Roma.

Subiram e desceram. Nem mambo, nem guaracha, apenas os olhos fixos nos modelos, que passavam pelo corredor humano de votantes. Sim, porque cada convite dava direito a um voto e o júri eram todos.

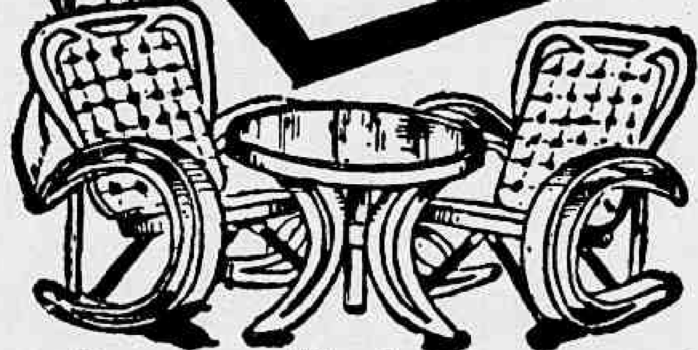
Terminado o desfile, mais música, mais cerveja. Num cantinho afastado, fora do bulício do salão, os diretores do "220" apuravam os votos. Pouco depois, os nomes das vencedoras eram anunciados. Marli Silva, a pequena que arrancara ovações dos rapazes, com seu lindo vestido decotado, fôra classificada em primeiro lugar, com 182 votos, secundada por Conceição Aparecida e Teresinha Santos, respectivamente, com 152 e 57 votos. Palmas estrugiram. Marli ganhara um liquidificador, Conceição uma linda "toilette".

Era fim de festa. Ademar Ferreira da Silva, como bom esportista e para poder manter a forma exigida a um campeão olímpico, já se retirara, bem como Melânia Luz e Wanda dos Santos. As três jovens mais elegantes da noite de gala da elite negra, receberam seus prêmios. No salão, a música de Perez Prado também se despedia, enquanto as mamães, os papais e as vovós, se preparavam para enfrentar a madrugada fria da cidade, que surpreendia a elite negra em festa.

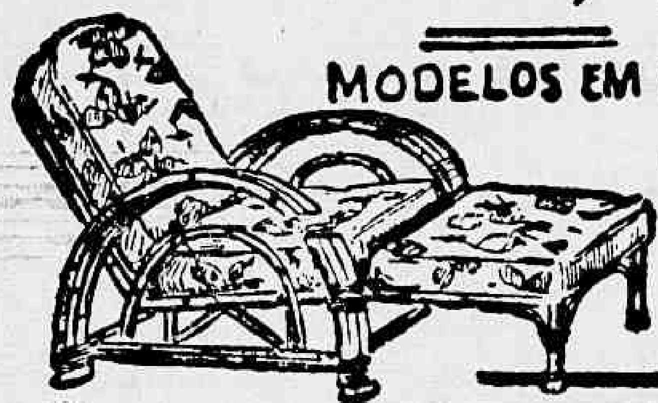
À saída, todos comentavam. As mocinhas, prometendo participar dos próximos desfiles de modas, com modelos de Christian Dior, Jacques Fath e Schubert. Os rapazes, cansados, mas alegres, impecáveis nos seus fatos de corte londrino, sapatos rebrilhantes e gravatas bem postas, riam contentes.

Às quatro e meia da manhã, nem samba nem baião, nem guaracha, nem mambo. Apenas um friozinho irritante, o pesar dos que deixavam o salão e a alegria dos diretores do "220". Por êsses dias vai ter mais.





Os nossos maravilhosos móveis de "FIBRAX" são o resultado de uma experiência de mais de 30 anos de aperfeiçoamentos.



MODELOS EM CANA DA INDIA, "FIBRAX" E VIME

Lindos conjuntos em CANA DA INDIA
MODELOS ATRAENTES PARA AMBIENTES
DE REQUINTE E BOM GOSTO.





CARRINHOS PARA BEBÉS
recomendados pelos nossos mais eminentes pediatras.



Completa coleção de Discos clássicos e populares. Agulhas, Pilhas, Albuns, Filmes, Lanternas, Bicicletas, etc.

Lindas e interessantes gravações de histórias para crianças.

BOLSAS DE PALHA PARA PRAIA E CAMPO-CADEIRINHAS DE BALANCO PARA CRIANÇAS-VOADORES-CESTAS PARA COSTURA E MAIS UMA GRANDE VARIEDADE DE ARTIGOS P/PRESENTE

CASA FLÔR
PRAÇA DA INDEPENDÊNCIA, 50
FABRICA: AV. 28 DE SETEMBRO, 19

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **GENOVAR (Rio)**

SONHO: Nos últimos tempos, tenho sonhado, freqüentemente, que estou voando. A princípio não se verificava um vôo perfeito: parecia correr em grandes saltos. Progredindo, consegui voar a alguns metros de altura, e nos sonhos subseqüentes, cheguei a atingir uns cinqüenta metros. Encorajei-me com êsse progresso e tentei sobrevoar rios não muito largos, cujas águas eram límpidas e calmas. Nos últimos sonhos, cheguei a alçar vôo com meu filhinho de sete anos às costas e tentei atingir, num supremo esfôrço o pico de um alto monte, o que não consegui. Quando dou meus «passeios» aéreos, nunca faço esfôrço muscular, valendo-me, apenas de minha fôrça-de-vontade.

INTERPRETAÇÃO: Para a Ciência oficial, especialmente para Freud, voar indica sempre uma insatisfação afetiva que percorre tôdas as nuances do amor — desde o amor-afeto até ao desejo material e inferior. Não posso deixar de abraçar essa teoria, por ser ela a expressão da verdade; entretanto, reconheço que o classicismo científico nem sempre resolve certos problemas que dizem respeito às cousas da alma e do espírito. Já, mais de uma vez, tenho escrito, aqui e alhures, que tôdas as criaturas são médiuns, uns inatos, outros desenvolvidos pelo treino e pela ajuda dos agentes exteriores. O seu caso me parece um fenômeno raro de desenvolvimento mediúnico em sonho e diretamente no plano astral. Tanto isso é verdade que seus ensaios sôbre remígios se estenderam progressivamente, até você conseguir sobrevoar grandes alturas. Sua vontade é forte e você deve aproveitá-la para dirigir subordinados; não obstante, seria aconselhável que, juntamente com a vontade, você expandisse o amor e a bondade para não abusar dos poderes sôbre os mais fracos. E' fora de dúvida que deve estudar muito, praticar o bem, ser tolerante e firme, e, quando sentir que não pode, sòzinho, desvendar os mistérios da metempsicose, procurar alguém capaz de orientá-lo seguramente. Deve haver algo de interessante ligado a seu nascimento, para você sobrevoar, em sonhos, **grandes rios**. O elemento **água**, em psicanálise, refere-se, em geral, à formação do ser humano em seu natural ambiente líquido, no seio materno.

Diz que, aí onde reside, é difícil encontrar a nossa Revista. Por que não se entende com a direção no sentido de ser assinante efetivo?

● **MOTINHA (Rio)**

SONHO: Sonhei que subia um morro alto e muito íngreme coberto de relva muito verde. Ao chegar ao cume, vi uma estrada, ladeada de verdejante mata. Em seguida, deparei com um casebre, que era a sede de uma estação de rádio da Central do Brasil, vi que trabalhava um conhecido meu. Ambos ficamos muito surpresos com o encontro.

INTERPRETAÇÃO: Em seu sonho há um indício bem claro do quanto você deseja subir, elevar-se, tanto espiritual quanto materialmente (**subir morro**). Êsse mesmo aspecto (subir) me dá ocasião de ver sua vida íntima algo descontrolada e insatisfeita. No capítulo côr, dizem os entendidos que o verde, com sua variedade de tons e de matizes denota egoísmo, ciúmes, zelos excessivos, que tanto podem partir de você, quanto de alguém que a ame. Seu Ego (o casebre) ora se enche de entusiasmo, ora decai e você se recrimina e pretende fazer parar o tempo... e voltar o calendário muitos anos atrás. Seu coração dá aviso, mas você não ouve (estação de rádio) e fica surpreendida com o que se passa, muito vagamente embora, em sua consciência (o conhecido que encontrou no casebre). Êsse conhecido seu é o Senhor que todos temos dentro de nosso ser e nos adverte se estamos trilhando um caminho sinuoso e nos premia se andamos pela estrada reta. Suba sempre, Motinha, mas tenha cuidado com a vertigem das alturas.

● **MME. ROSA (São Paulo)**

SONHO: Por duas vêzes sonhei que ia me casar. Da primeira, ia assinar uns papéis perante um juiz trajado de luto pesado, quando acordei. Hoje novamente sonhei, com a casa onde me casei. Vestida de noiva, caminhava muito aflita por não ter nas mãos o «bouquet» do noivado; nisso, vi meu padrinho de casamento, que me comunicou estar o «bouquet» em casa, prontificando-se a ir buscá-lo. Ao recebê-lo, verifiquei, com tristeza, que as flores eram cravinas de papel branco, velhas e amarelecidas. Assim que o carro parou em frente à igreja em que, há quinze anos, me casei, acordei.

INTERPRETAÇÃO: Começo a interpretar o seu sonho aconselhando-a a ter mais confiança em si própria, pois, sua letra descendente, é um indício de que se acha desanimada e sem fôrças para amar. Aliás, seu sonho é um reflexo do pessimismo que invadiu sua alma ao ficar viúva. Você acredita que só um novo casamento poderá aliviar a carga que lhe pesa sôbre os ombros, com o encargo da família e a educação dos filhos (carro que parou à porta da igreja). Você se sente

(Cont. na pág. 42)

BOÊMIA SINGULAR

NÃO bebia, não jogava, não fumava... Passava os dias, até o cair da tarde, perambulando pelos cafés; raramente sentava-se a uma mesa. Seu único luxo era um copo de água gelada, bem geladinha... como pedia sempre.

Todos os «garçons» a conheciam; todos os freqüentadores dos cafés eram seus familiares; às mulheres sem personalidade despertava ciúmes; às emotivas e sentimentais, um pouco de piedade e às outras mulheres um total desprêzo.

Ela é que não se dava conta do que se lhes diziam, ou de si pensassem.

Ia vivendo...

Sua idade? Indefinida...

Seu porte? Senhoril.

Seus olhos, porém, belos de mais para uma mulher boêmia, para uma mulher sem lar...

Não admitia um desrespeito, uma licenciosidade, e, quando algum engraçadinho — assim ela os chamava — lhe dirigia um galanteio, Boêmia, a pobre, lhe dizia tão sòmente: «Por homem já sofri de mais!»

E, com isto, punha fim a todo o mal desejo, ou fingida intenção.

Ninguém lhe conhecia a morada, nem porque tinha semelhante vida, nem como vivia...

*

Domingo de Carnaval.

A Boêmia não aparecera em seus pontos prediletos.

Não chamou atenção, nem ninguém se lembrou dela; a folia era muita para se lembrarem de uma mulher boêmia, ou antes de uma fôlha morta...

*

Segunda-feira de Carnaval.

Dia menos ruidoso e barulhento. Chovisċava; alguns blocos de rapazes seminus...

As mesas, no interior do grande bar estavam, no entretanto, repletas — alguns «habitués» e outros tantos extras; muitas mulheres, muitos homens e algumas crianças fantasiadas.

À frente de um bloco entra, no bar, a Boêmia, lindamente vestida de cigana. Como estava bela! As pulseiras chocalhantes em seus braços roliços, os brincos pendentes dos lóbulos das orelhas, o lenço amarelo enfeitado de medalhinhas reluzentes prendia-lhe os cabelos pretos, os dedos cheios de anéis, os pés, brancos, alvos, bem feitos, dentro da chinelinha... Ah! a cigana despertou os que adormeciam...

Ela, porém, não fazia parte do bloco dos seminus; êles é que a reconheceram e vendo-a fantasiada, fizeram-lhe grande festa.

Ela ria-se, gargalhava, e assim entrou no bar, como se fôra componente efetiva do bloco.

Muitos hurras! à sua chegada, muitas palmas à sua dança... Ela dançava...

*

Em uma mesa, bem no centro do salão, um casal e duas filhinhas bebiam qualquer coisa. Riram-se todos com a chegada do bloco.

Eduardo, porém, de súbito, cerrou o cenho e um sulco de apreensão lhe apareceu na fronte. Sua mulher ria-se gostosamente, o mesmo faziam as meninas, e ficaram todos estupefatos quando Eduardo, como um alucinado, levantou-se e, rompendo a multidão que se aglomerava ao redor do bloco, segurou violentamente os pulsos da cigana e soltou-lhe uma blasfêmia pela cara...

Boêmia riu, riu... riu muito... embora tendo os pulsos manietados, tentou tocar as castanholas. Fazendo um trejeito galante e habilidoso, ela conseguiu se livrar de Eduardo. Corre e procura proteção junto a uma mesa, onde ela descobre um antigo conhecido.

Eduardo, como doido, corre em seu encalço. Então, Boêmia tira do bôlso de sua saia enfeitada e ampla de cigana, um revólver. E, em frente ao homem que mais amara, assesta a arma contra o seu próprio peito, varando o coração.

Cai ao chão mortalmente ferida, tendo nos lábios um sorriso de desdém. Deitando uma golfada de sangue, diz a Eduardo ajoelhado a seu lado:

— Fecha os olhos e afasta-te. Não quero que me vejas, nem depois de morta...

E assim se extinguiu a vida de uma mulher que tudo dera e nada recebera...



Conto de MARIA PAULA DE CARVALHO

Ilustração de RAMON

MEMÓRIAS DO Principe YUSSUPOFF

— Eu já estive ali mais de uma vez e nenhuma melhora senti — respondi-lhe a rir.

— Mas indo comigo, meu caro, a coisa é outra. Em minha companhia diverte-se muito mais. Venha e verá como tudo sairá bem.

E Rasputin nos conta, com muitos detalhes, como passara tempos entre os ciganos da Boêmia, como êle cantava e dançava com os mesmos.

Mlle. G... e sua mãe pareciam um tanto vexadas. A franqueza intempestiva do piedoso «staretz» as embaraçava. «Não leve a sério o que êle está dizendo, dizem elas. Gregory Efimovitch está brincando, e toma para si histórias que não são exatas».

EM CASA DO «STARETZ»

Essa tentativa para defender-lhe a reputação produziu em Rasputin uma tal cólera que êle deu um murro na mesa, ao protestar contra as duas mulheres, que se calaram incontinenti.

Depois, dirigiu-se a mim:

— Bem, vem comigo? Garanto que o curarei... você verá... Depois você me agradecerá... Nós a levaremos conosco.

Mlle. G... ficou vermelha, enquanto sua mãe parecia emocionada.

— Gregory Efimovitch, diz ela, que pretende você? Por que está a caluniar-se a si mesmo, e por que meter minha filha nessa história? Ela não quer senão rogar a Deus em sua companhia, e você vem agora e quer levá-la aos ciganos!

— Que está pensando você, responde êle, ao lançar-lhe um olhar brejeiro: não sabe que se pode ir a qualquer lugar comigo sem pecar?

Tempos depois eu tornei a encontrar Mademoiselle G...

— Não tem vergonha? — Perguntou-me. — Gregory Efimovitch está sempre a esperar a sua visita.

Aceitei o convite que ela me fêz de acompanhá-la, no dia seguinte, à casa do «staretz».

Quando chegamos ao canal de Fontanka, deixamos o carro no canto da rua Gorokhovaia e seguimos a pé até ao número 64, onde morava Rasputin. Era uma precaução necessária para quem quisesse fazer-lhe uma visita sem despertar a atenção da polícia, que vigiava a casa dêle. Mlle. G... me havia prevenido que, agentes destacados para montar guarda ao «staretz» ficavam postados à escada de serviço. Rasputin veio, em pessoa abrir-nos a porta.

— Até que enfim você veio, vai dizendo êle. Eu estava, realmente, zangado com você. Já faz muitos dias que o espero!

Fêz-nos passar da cozinha aos seus aposentos. Era um quarto pequeno e modestamente mobilado. A um canto, ao longo da parede, uma cama estreita coberta com uma pele de rapôso, um presente de Wyrouboff. Perto do leito, um grande cofre de madeira pintado. No ângulo oposto, viam-se imagens, diante das quais luzia pequenina lâmpada. Os retratos dos soberanos pendiam das paredes, bem como algumas gravuras feitas grosseiramente, representando cenas da Bíblia. De lá passamos à sala de refeições, onde já havia chá para nós.

O apartamento tinha um ar burguês e atmosfera de bem-estar. Resputin nos serviu o chá. No começo a conversa esfriava, interrompida a cada momento por chamados ao telefone, ou pela chegada de visitas a quem êle ia atender numa sala vizinha. Êste vai-e-vém parecia irritá-lo.

CAP. VII

UM MUJIK DE GRANDES BOTAS ENTRA NO PALÁCIO IMPERIAL — E' RASPUTIN

Numa de suas ausências, trouxeram à sala de jantar grande corbelha de flores naturais. Um bilhete estava espetado ali.

— Será para Gregory Efimovitch? — perguntei a Mlle. G...

Com um sinal de cabeça, ela me respondeu afirmativamente.

Rasputin voltou. Nem olhou para as flores. Sentou-se a meu lado e encheu sua xícara de chá.

— Gregory Efimovitch, disse eu, oferecem-lhe flores como se fôsse a uma prima-dona.

Êle riu.

— São umas idiotas essas mulheres. Malucas que me prejudicam. Todos os dias me mandam flores. Sabem que eu adoro as flores.

Às onze horas, tudo estava pronto no apartamento do subsolo. Confortàvelmente mobilada e iluminada, esta dependência subterrânea tinha perdido seu aspecto lúgubre. O samovar já fumegava sôbre a mesa em meio de pratos de bolos e guloseimas de pastelaria, que tanto apeteciam a Rasputin. Uma bandeja repleta de garrafas e de copos estava colocada sôbre um dos aparadores; lanternas de estilo antigo de vidro colorido iluminavam, do alto, a sala, enquanto pesados reposteiros de damasco encarnado estavam baixados. No fogão de granito a lenha crepitava e lançava fagulhas sôbre as lajes. Tinha-se ali a sensação de estar-se separado do resto do mundo. Parecia que, sucedesse o que sucedesse, os acontecimentos dessa noite ficariam para sempre sepultados no silêncio daquelas pesadas muralhas.

Um toque de sineta me anuncia a chegada de Dimitri e de meus outros amigos. Eu os introduzi na sala de jantar. Êles ficaram silenciosos por alguns instantes, examinando os locais em que Rasputin deveria encontrar a morte.

UMA DOSE CAPAZ DE MATAR VÁRIAS PESSOAS

Retirei do armário de labirinto a caixa que continha o veneno e a coloquei em cima da mesa em que estavam os pratos de bolos. O dr. Lazovert calçou suas luvas de borracha, pegou os cristais de cianureto de potássio e os reduziu a pó. Em seguida, pulverizou uma dose de veneno sôbre os bolos, suficiente para matar diversos homens, segundo sua opinião. Impressionante silêncio reinava na sala. Todos nós acompanhávamos com emoção o trabalho do doutor, que também derramou cianureto nos copos. Para que não perdesse o efeito com a evaporação, decidimos fazer isso no último instante. Era preciso dar a ilusão de que nosso jantar terminara, pois eu prevenira a Rasputin de que, quando tínhamos convidados, tomávamos as refeições no refeitório do subsolo, e que eu ficava algumas vêzes sòzinho, lá em baixo, a ler ou a trabalhar, enquanto os meus amigos ficavam em meu gabinete a fumar. A mesa foi posta em desordem, as cadeiras recuadas, restos de chá nas xícaras. Tinha ficado entendido que Dimitri, Pourichkevitch e Soukhotine, quando eu fôsse buscar o «staretz», subissem ao primeiro andar e tocassem o gramofone, tendo o cuidado de escolher peças divertidas. Eu me encarregaria de entreter Rasputin e manter-lhe o bom-humor, afastando qualquer desconfiança de seu espírito.

Terminados os preparativos, vesti uma peliça e enterrei até às orelhas um boné de inverno, que me dissimulava completamente

o rosto. O doutor Lazovert, **travesti** de chofer, pôs o motor em marcha e subimos à viatura que nos esperava no pátio, diante da pequena escada do vestíbulo. Quando chegamos à casa de Rasputin, tive que convencer o porteiro, o qual hesitava em me deixar entrar. Como me haviam recomendado, tomei a escada de serviço. Não estava bem iluminada, e eu tive que subir tateando, e sòmente depois de muito esfôrço encontrei a porta do apartamento do «staretz».

Toquei a campainha.

— Quem é? — Exclama êle do lado de dentro.

Estremeci.

— Gregory Efimovitch, respondi-lhe, sou eu que venho buscá-lo.

Ouvi que êle se mexia lá dentro. A fechadura fêz ruído e um ferrôlho rangeu. Eu não me sentia muito à vontade.

Êle abriu e eu entrei pela cozinha.

Estava escuro. Pareceu-me que alguém me espiava de um compartimento vizinho. Instintivamente, ergui ainda mais a gola do capote e baixei o boné sôbre os olhos.

— Por que estás a te disfarçar assim? — Pergunta-me Rasputin.

— Mas não tinha ficado combinado que ninguém devia saber que você ia sair comigo esta noite?

— E' verdade, é verdade. Nem eu também disse nada aos meus. Até dispensei todos os **tainiks** (Agentes da polícia secreta).

SEU VESTIR NUNCA ESTÊVE TÃO BEM CUIDADO

Rasputin havia vestido uma blusa de sêda bordada de «bluets». Um grosso cordão côr de framboesa lhe servia de cinto. Sua larga calça de veludo negro e suas botas pareciam novas. Tinha os cabelos bem lisos e a barba penteada, um cuidado todo especial. Quando se aproximou de mim, senti forte odor de sabão caro, o que vinha provar a atenção especial com que se havia preparado naquela noite.

Eu jamais o vira tão decente e tão bem cuidado.

— Vê lá, Gregory Efimovitch, já é tempo de irmos, passa de meia-noite.

— Tu não tens ninguém lá em tua casa esta noite? — Indaga-me êle com uma certa inquietude na voz.

Tranqüilizei-o, dizendo-lhe que não iria encontrar lá em casa nenhuma pessoa que lhe desagradasse, e que minha mãe estava na Criméia.

— Não gosto de tua mãe, e sei que ela me odeia. E' amiga de Elisabeth. Ambas tecem intrigas contra mim e espalham calúnias sôbre meu nome. A própria tsarina já me repetiu, diversas vêzes, que elas são as minhas maiores inimigas. E veja: uma noite dessas, mais tarde do que agora, Protopopoff veio ver-me e me fêz jurar que não sairia durante êstes dias. «Querem matá-lo» — declarou-me êle. — «Os teus inimigos te preparam uma emboscada». Mas será em vão. Êles jamais o conseguirão; não são bastante longos... Bem, vamos. Já conversei muito. Partamos.

Tomei sua peliça, que estava sôbre o cofre, e o ajudei a vesti-la.

(Continua no próximo número)

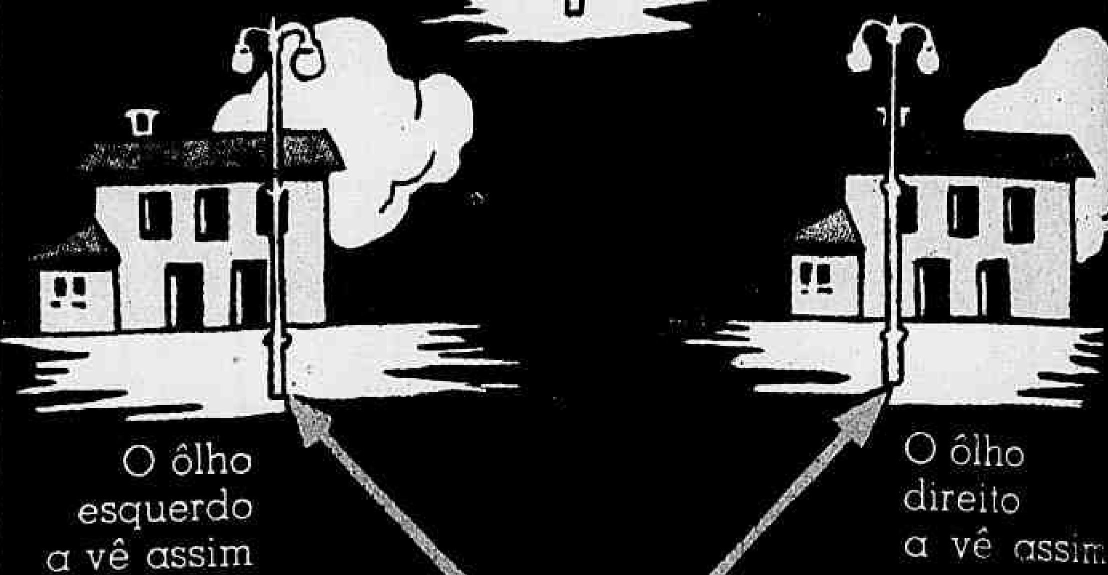
Tradução de RENATO DE ALENCAR

Ilustração de RAMON



QUE É A TERCEIRA DIMENSÃO?

MAIS UM NOVO SISTEMA DE PROJEÇÃO CINEMATOGRÁFICO ESTREADO NOS EE. UU. ★ PARECE QUE TEREMOS MESMO OS FILMES EM RELÊVO!



HA dias realizou-se em Nova York a primeira exibição de um filme em relêvo. Todavia, não foi exatamente uma novidade. Já nos anos de 1932-35, o célebre Luiz Lumière parecia haver resolvido o problema do filme em relêvo com o seu sistema conhecido sob o nome de «princípio dos anaglifos», que consistia, essencialmente, em apresentar ao público uma espécie de visão bicolor através da qual se observava uma película especial. O método Lumière não conseguiu vencer as primeiras dificuldades: inconveniências do ponto de vista comercial, alto custo da película, delicadeza de montagem, alto preço dos anaglifos, etc.

O método dos anaglifos parecia fadado a inteiro abandono. Quase ninguém pensava mais no seu progresso. Cêrca de vinte anos depois, vêm agora os americanos com uma nova solução para o problema antigo: o «cinerama». E parece que a nova fórmula técnica vai marcar um passo importante na história do cinema.

E em que consiste o cinema em relêvo? E o que é o «relêvo»? Todo objeto possui três dimensões, como qualquer pessoa pode constatar. Todavia, uma grande parte das nossas representações da natureza, bem como do cinema, são feitas sôbre superfícies planas, isto é, com duas dimensões apenas, como no caso dos quadros e das telas cinematográficas. Tanto para a pintura, a fotografia e o cinema, estabeleceu-se uma convenção psicológica: «a terceira dimensão», de profundidade, de volume, que não existe, mas é suposta como presente pela nossa própria imaginação.

A ausência da terceira dimensão é notada ao observador que se coloca de lado da pintura, do quadro, ou da tela. E aqui entra o chamado «senso do relêvo», que faz avaliar as dimensões naturais. Mas êste fato depende exclusivamente da importantíssima «coincidência» de que dispomos de dois olhos. Se só tivéssemos um ôlho, veríamos tudo num plano só.

Isto porque a imagem que o nosso ôlho direito recebe de um objeto é diferente da que recebe o ôlho esquerdo. Os dois globos oculares se encontram a uma distância média de seis ou sete centímetros um do outro. As duas percepções não podem ser rigorosamente iguais. E é pela diferença entre as duas que o nosso cérebro, por procedimento sintético misterioso, transforma numa só, a «sensação» do volume. Tal sensação do volume é utilíssima na prática para avolumar as distâncias.

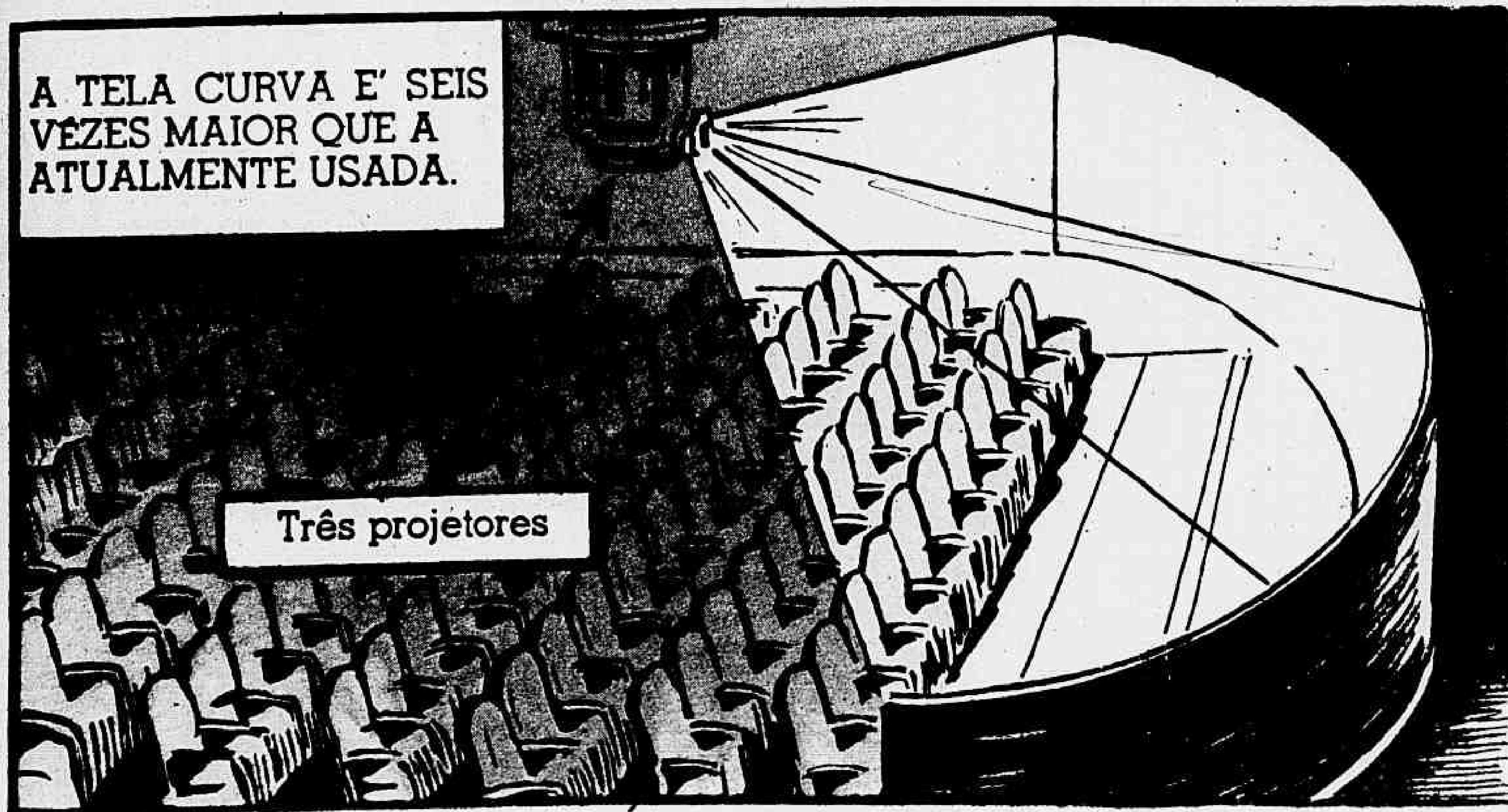
Ainda podemos comparar o nosso sistema ocular a um perfeitíssimo telêmetro. Naturalmente não se pode concluir que o nosso sistema ocular erre menos de que um telêmetro, mas que êle adquira as dimensões que adquiria um telêmetro de quatro metros, e a sua eficiência, então, é superior.

O «relêvo» consiste, pois, em obter uma imagem que, sendo projetada sôbre uma tela, forneça uma sensação de relêvo: trata-se, em suma, de projetar duas imagens do mesmo objeto, de modo tal que um ôlho veja a sua percepção e tenha uma sensação diversa daquela que recebe, no mesmo instante, o outro ôlho.

O «cinerama» é o aperfeiçoamento de tôdas as tentativas feitas neste sentido. Consiste na projeção com o auxílio de três máquinas, cada uma das quais projeta uma imagem diversa das outras duas. A posição dos três instrumentos deve ser de tal maneira que, as duas laterais se encarregarão de projetar imagens oculares iguais a que os nossos olhos estão acostumados a ver. A máquina central fornecerá a visão sintética ou central do mesmo objeto. A projeção será feita sôbre uma tela ligeiramente curva e seis vêzes maior que as atuais. Raio de curvatura, dimensões e inclinação devem ser particularmente estudados, e o sistema máquina-tela exigirá, evidentemente, uma mudança radical e complexa.

Em tôda parte o «cinerama» suscitou nos espectadores uma forte impressão. Quando na tela aparece um avião de banda, todos são instintivamente levados a um movimento para trás, tão evidente é a imagem. Uma arcada de uma ponte fêz abaixar tôdas as cabeças, e o avançar de uma locomotiva deu a impressão de que todos iriam ser esmagados.

A possibilidade do «cinerama», melhorado e aperfeiçoado, é, de fato, assombrosa. O cinema será completamente reformado. A revolução nas máquinas atuais far-se-á de uma maneira brusca e repentina. A sétima arte alcançará o seu mais elevado progresso proporcionando a maravilha da realidade da terceira dimensão.





Os Boulevards se enfeitam nesse dia 25 de novembro com o sorriso alegre das solteironas. Elas se fantasiam e vêm para a rua. À direita: a cena parece de um baile de carnaval carioca. São as jovens «cousettes» que se expandem no dia de Santa Catarina. Retalhos de sêda fazem prodígios.



AS «COUSETTES» DOS ATELIERS DE DIOR, JACQUES FATH, CARVEN. QUEREM CASAR ★ MUITA ALEGRIA E CONFIANÇA EM SANTA CATARINA

Texto de R. F. **Fotos AGIP**

PARIS, que zela pela sua fama de cidade-luz, de capital da alegria e do bom-gôsto, comemora todos os anos uma festa singular — a festa das solteironas. Tomam parte nesse festejo suas famosas «cousettes», ou sejam as moças que trabalham modestamente à sombra dos nomes internacionalmente consagrados na alta-costura.

Em primeiro lugar, as jovens são obrigadas a se enfeitarem com as clássicas «coiffes», que serão tanto mais admiradas quanto mais coloridas ficarem. Assim, chovem os enfeites: gazes, fitas, rendas, plumas, cetins, não são poupados.

O dia das solteironas é feriado para elas. Começam as festas com uma missa rezada na Igreja de Nossa Senhora da Boa Notícia. Depois vem a escalada até à imagem da santa casamenteira, onde devem depositar um ramo de flores. Essa é a condição para conseguirem um bom matrimônio antes de entrarem na casa dos vinte e seis anos.

Mas a festa grande vem logo à noite, nos diversos centros de costura de Paris. Elas inventam fantasias as mais bizarras e dançam

A FESTA DAS SOLTEIRONAS



A solteirona, que ainda não é balzaqueana, tem que fazer essa ginástica: levar flores à Santa milagrosa lá no alto de uma escada e... alegremente...



Reparem nos dísticos que elas escolheram: «Êle não é como os outros!», afirma uma. Cá estou eu com meu fruto proibido na jaula, diz a outra.



até à madrugada. Não falta o bom-humor às «catarinettes» e elas inscrevem em seus chapéus extravagantes ditos e piadas.

Tudo mostra uma festa da latinidade. Nós temos o nosso Santo Antônio casamenteiro. Lá a coisa é com Santa Catarina. Aqui rouba-se o Menino dos braços do Santo e só se devolve depois que se consumar o casamento. Lá é preciso fazer equilibrismo e subir até à imagem da Santa para colocar a seus pés flores frescas. E' mais movimentado, não há dúvida. Sobretudo porque nem o noivo, nem o pai, nem o irmão podem ajudar a jovem na sua subida.

Os grandes nomes da costura francesa as acolhem nesse dia e contribuem com uma ceia regada a bom vinho.

A velha França mostra sua juventude perene. Vive Saint Catherine! Vive la France!

Enquanto as mais severas capricham nas formas dos seus chapéus. Em Paris sempre se aliou às comemorações dos Santos, nota pitoresca.



Esta solteirona (cá entre nós, é um brôto) se inspirou nos discos voadores para construir seu chapéu. O olhar vivo não desmente a fama de Paris. À direita: a turma se esbalda no «atelier». Cada qual dá o seu palpite enquanto colaboram na feitura do chapéu de uma colega. Assim é melhor.

GUERRA NO PÂNTANO

SANGUE NOS ARROZAIS DA INDO-CHINA ★ A ÁSIA PARA OS ASIÁTICOS ★ FRANCESES E NATIVOS CONTRA O "INIMIGO INVISÍVEL" ★ PÁRA-QUEDISTAS SÔBRE A LAMA ★ UMA GUERRA DIFERENTE

Reportagem de NAPOLEÃO AGUSTIN LOPES Fotos KEYSTONE



Cena cotidiana na Indochina conflagrada Os soldados sob um sol de morte, espreitados pelo inimigo, marcham horas seguidas na lama.



Uma granada estoura no meio do arrozal inundado. O dique que aparece no primeiro plano contém as águas controladas para irrigação.

A guerra na Indochina vem durando sete anos e cada vez menos a situação se aclara. E' uma guerra surda, cruel e ininterrupta. As cidades, as aldeias e os campos interrompem suas atividades de trabalho para se transformarem em campos de guerra. Logo depois, no meio de ruína e sangue retomam o ritmo de vida normal. Depois, novas guerrilhas, novos contra-ataques, reduzem tudo ao marco zero.

Os telegramas referem-se a lugares e situações que nos parecem remotas no tempo e no espaço, porém trata-se de uma realidade da política internacional que terminará por se colocar no plano de importância da Coréia ou talvez até ainda mais importante. A Coréia termina na sua fronteira sul, em pleno mar. O mar detém o avanço comunista. Mas



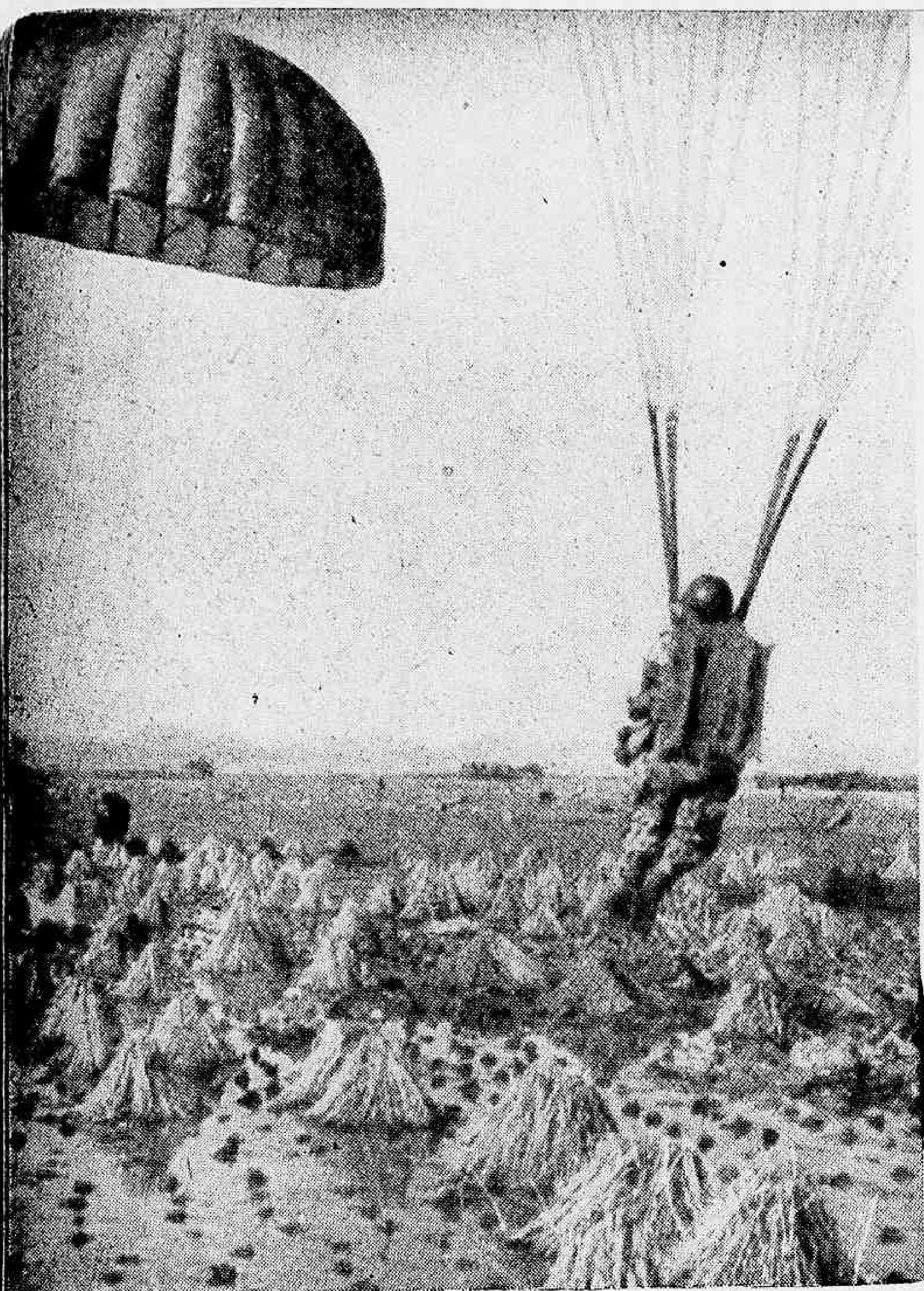


Fuzil ao alto, munição sôbre a cabeça, farnel a salvo da água, uma luta completa só para poder avançar. Mesmo sem a presença do inimigo.

os comunistas chineses, que invadiram o Vietnam a Thainlandia, e os guerrilheiros que atuam no Cambodja, na Conchinchina, abrem as portas de todo o sul da Ásia para o regime vermelho. A Birmânia, a Austrália e a Australásia, com suas ilhas Java, Sumatra e Bornéo, ficariam à mercê de um ataque frontal, uma vez vitoriosos os combatentes vermelhos nos territórios da Indochina Francesa.

GEOGRAFIA E HISTÓRIA DA ZONA CONFLAGRADA

Depois de concedida a independência aos protetorados franceses do Anan, Laos, Thailandia e Tonkin, formaram-se os Estados Associados da Indochina, que somam cêrca de um milhão e duzentos mil quilômetros quadrados, ou seja, aproximadamente a superfície do



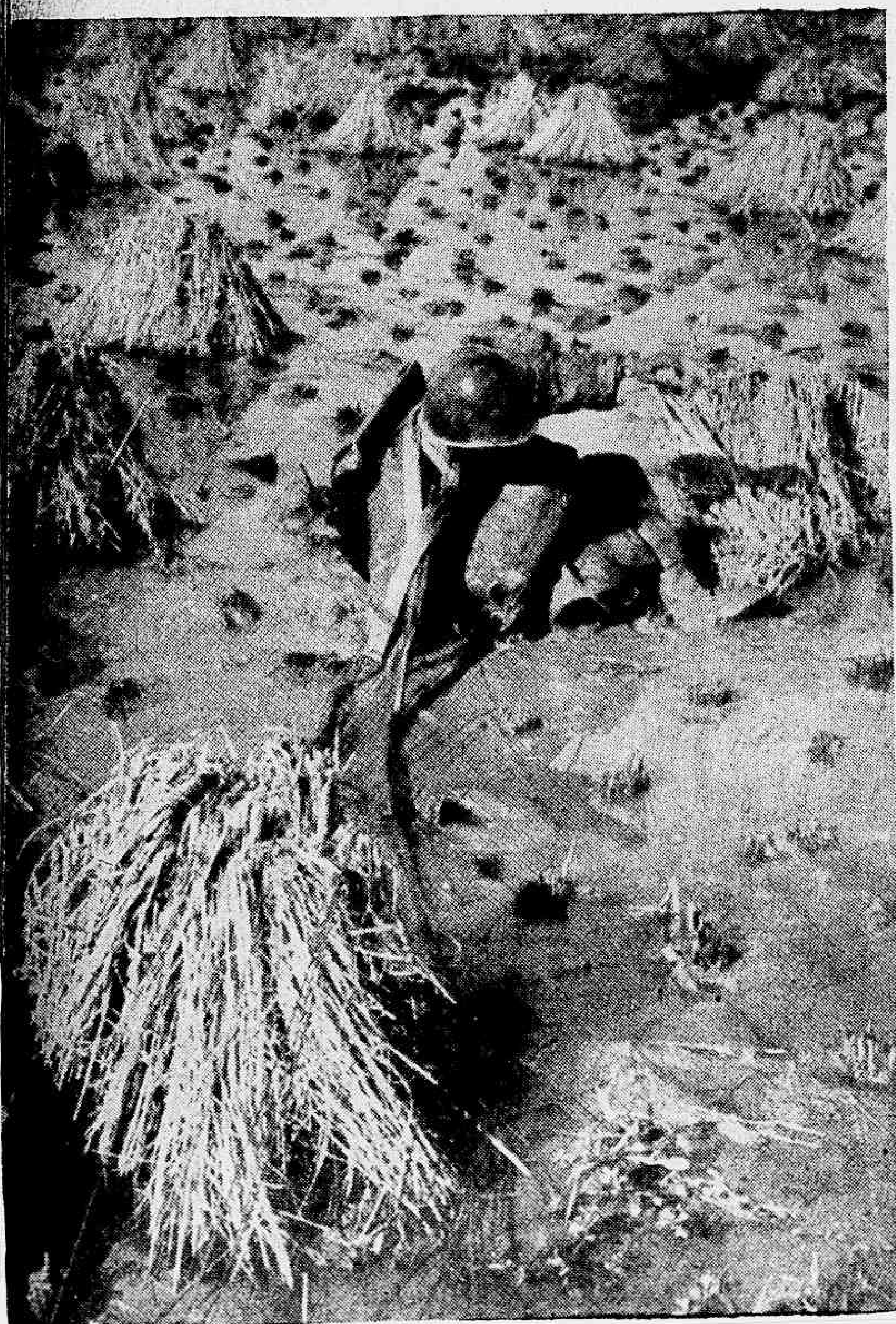


Os pára-quedistas, que têm função relevante no combate aos guerrilheiros, caem quase sempre em terrenos assim: arrozais que crescem na lama.

É preciso então se livrar do atoleiro para dar caça ao inimigo. E muitas vêzes, antes de se desembaraçar do pára-quedas, já um tiro traz a morte.

A ação tem que ser conjunta: pára-quedistas e tropas de assalto. O inimigo usa a tática do coelho: quando menos se espera êle salta, como fera.

Na batalha da Thailandia, oeste do rio Negro, os soldados feridos recebem o socorro no campo da luta. Não há tempo para uma ação de resgate.





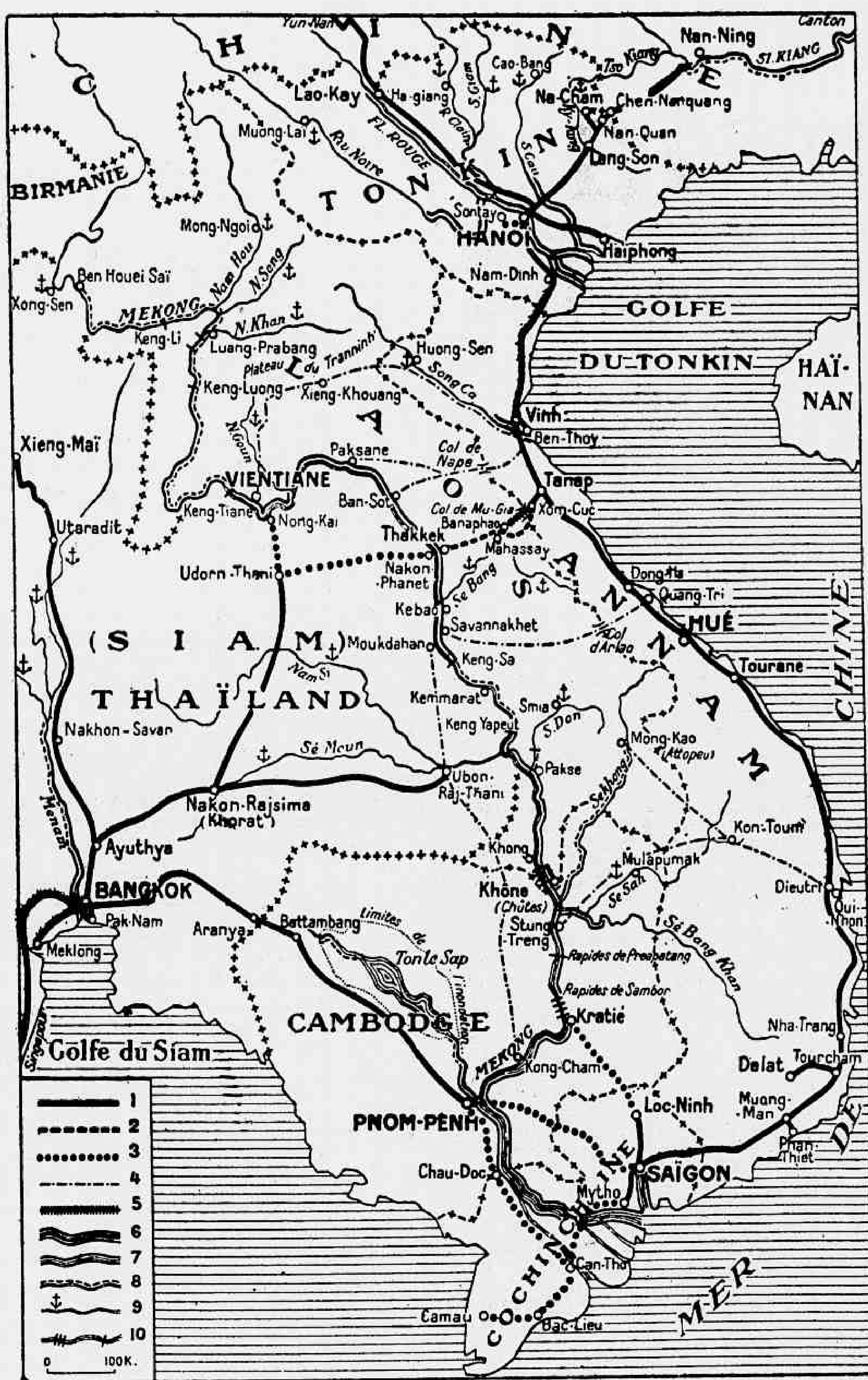
nosso Estado de Goiás. Limitando-se êsse conjunto de três novos países independentes, ao norte com a China Vermelha, a Leste com o mar da China, ao sul com o gôlfo do Sião e a Oeste com a Birmânia. Essa posição-chave é que dá a essa guerrilha sangrenta sua importância internacional.

O mundo oriental tem ali suas mais antigas ruínas de arquitetura religiosa. O culto budista, que veio da Índia há milhares de anos, deixou marcos indeléveis ao longo da fronteira norte-sul com a Birmânia. Siva e Vishnu são os deuses nacionais. Porém, agora, os caodaistas se organizaram e somam dois milhões de fiéis, sendo quinze mil militares, obedientes ao Grande Ôlho Aberto, que simboliza o Cao Dai, o Grande Ser.

No século XVI, portuguêses, espanhóis e holandeses estiveram na costa da Indochina e ali fundaram factorias, que foram com o tempo absorvidas pelos chineses. A possessão francesa daquele rincão do extremo Oriente data de 1847, quando uma esquadra francesa tomou de assalto a cidade de Hainan. Em 1863 caía Saigon (a capital da Conchinchina) em mãos francesas. E, dez anos mais tarde, Hanoi — a cidade hoje em foco — foi conquistada por Dupuis.

Os franceses inverteram grandes capitais na Indochina. Instalações de estradas de ferro, (cêrca de 3.000 kms.) postos telefônicos, indústrias extrativas, (borracha) mineração, (ouro, cobre) extensas linhas telegráficas ao longo das selvas. E, sobretudo, usando terrenos ideais para o arroz, aumentaram em milhares de hectares, com canais de irrigação, os arrozais que alimentam milhões de malaios, chineses e anamitas. O clima é inóspito, e as endemias grassam, sendo necessário ao europeu vacinas contra a desinteria. O impaludismo, outro mal nacional da Indochina, vem sendo combatido modernamente pelos métodos mais eficientes. Cumpre salientar ainda o interêsse francês no cultivo do bicho da sêda, que fornece matéria-prima para as grandes tecelagens da França, especialmente as de Lyon.

A população nativa constitui a esmagadora maioria. A Thailandia tem, aproximadamente, 780.000 quilômetros quadrados, com uma



Tonkin, Anam, Thailandia, Cambodja e Conchinchina, eis aí em seqüência de Norte a Sul a posição dos antigos protetorados franceses, hoje reunidos em seus interêsses políticos e econômicos como Estados Associados da Indochina. Hanoi, ao norte, é a capital das principais operações bélicas. O traço mais vivo indica a rota da estrada de ferro que liga Hanoi a Saigon, no extremo sul do Mar da China. O grande rio ao centro é navegável por navios de grande calado. O comércio com o Ocidente é intenso.

população de cêrca de 20 milhões de habitantes, entre malaios, chineses e europeus. A Cambodja, — ex-protetorado — dois milhões de habitantes, 96 mil km² — também está no objetivo da atual campanha militar comunista. As principais operações, no entanto, se têm verificado no norte da Indochina, sobretudo no delta do rio Vermelho, que é poderosamente fortificado.

GUERRA CONTRA O «INIMIGO INVISIVEL»

Depois da declaração da independência dos Países Associados da Indochina, os comunistas iniciaram uma revolução que se transformou em guerra, dada a intervenção de «voluntários» chineses, à semelhança do que aconteceu com a Coréia do Norte. Através do sul da China chegam os abastecimentos que sustentam os revolucionários. Êstes usam aprimorada **camouflage**, pois são conhecedores do terreno, selvas e pântanos, montanhas abruptas, e se valem do terror, pois trucidam e mutilam seus prisioneiros.

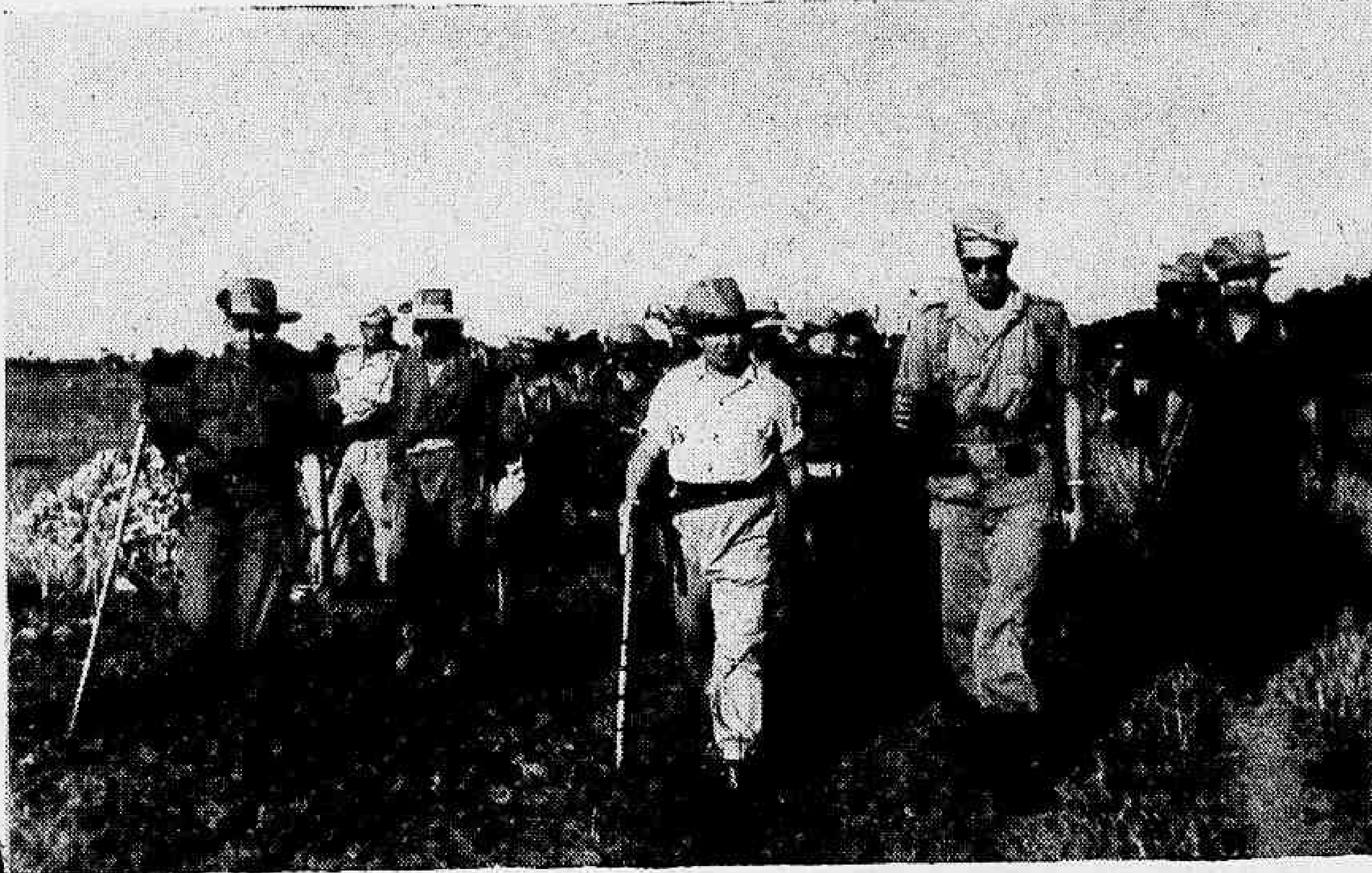
A ação dos «tanks» e da artilharia pesada é dificultada, sobretudo no inverno, pois as estradas tornam-se intransitáveis e, uma vez rotos os diques de irrigação dos campos de arroz, as extensões inundadas sobem a milhares de quilômetros.

O general Delattre Tassigny, recentemente falecido, advogava por uma ação conjunta da França, Estados Unidos e Grã-Bretanha, a fim de aniquilar o inimigo comum. Porém até agora os franceses vêm lutando sòzinhos. Sua aviação recebeu ajuda material da América, mas seus pára-quedistas, caem na lama e, ou cumprem sua missão ou são bàrbaramente mortos pelos vietnenses. Êles não fazem prisioneiros.

As últimas notícias telegráficas informam que o General Gonzalez de Linares, comandante das fôrças francesas no norte da Indochina, onde os rebeldes concentram grandes efetivos, vem procurando cortar as comunicações entre Phuto e Tanson, por onde os comunistas recebem munições vindas do sul da China.

(Cont. na pág. 42)







S.M. Sisavang Vong, rei do Laos. Ao centro, S.M. Norodom Sihanouk em visita ao «front». Acompanha-o o Cap. Hogart, comandante francês, e seu ajudante-de-ordens. Forte escolta o protege, usando todos chapéus de aba quebrada ao lado. S.M. Bao Dai ladeado pelo Ministro Latourneau.

Semana LITERÁRIA

Edmundo Lys, que assina esta seção está de férias. Em substituição ao brilhante colunista, a "Revista da Semana" designou um dos seus redatores para substituí-lo. Pedimos, pois, a vênia dos leitores.

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO



Darcy Penteado, como ilustrador, está em evidência. Já ilustrou Bernardo Guimarães, recentemente, para a Martins. Para a mesma editôra, acaba de entregar as ilustrações que fêz para o livro de Júlio Mesquita Filho: "A Europa que eu vi" (a sair brevemente). Para a Cia. Melhoramentos ilustrou um livro infantil, "Rique-Roque, o ratinho sonhador", da autoria de Maria Tereza de Andrade Cunha, a poetisa de "E' Primavera... escuta". E finalmente para a Martins, está terminando a capa para a segunda edição do romance de Leão Machado, "Espigão da Samambaia", obra premiada em 1937 pela Academia Brasileira de Letras.

★

Helena Silveira vai publicar, até o fim dêste ano, o seu anunciado livro de contos "Mulheres frequentemente", obra premiada pela Academia Paulista de Letras. Segundo consta, será uma edição da Livraria Martins Editôra.

★

Jamil Almansur Haddad, que recentemente publicou "A Lua do Remorso", livro de poemas que despertou grande interêsse entre os críticos e o público leitor, acaba de lançar, numa edição da Livraria José Olympio Editôra, a ótima tradução que fêz das "Odes Anacreônticas". Jamil Almansur Haddad promete para breve um ensaio intitulado "Revisão de Castro Alves", que será uma edição da Saraiva S. A., de São Paulo.

★

JOÃO CABRAL HOMENAGEADO EM S. PAULO — O Clube de Poesia de São Paulo, aproveitando a visita que fêz à capital bandeirante o poeta e diplomata João Cabral de Melo Neto, prestou-lhe significativa homenagem, tendo sido então anunciada a reedição de seus livros, até agora feitos em tiragens limitadas e que assim serão postos ao alcance do grande público.

UM LIVRO:

"VIDA E OBRA DE MANOEL ANTONIO DE ALMEIDA"

O sr. Marques Rebelo, que é um dos nossos melhores escritores atuais fêz há alguns anos, uma conferência sôbre a vida e a obra do autor das «Memórios de um Sargento de Milícias», na série que se intitulou «Os Nossos Grandes Mortos». O Instituto Nacional do Livro, recorrendo ao acervo de documentos da época, ilustrou essa palestra, enriqueceu-a de gravuras e deu-lhe publicidade. Isto foi em 1943.

Em boa hora nos veio às mãos o volume e achamos que divulgar êsse pequeno ensaio biográfico fará bem aos leitores do famoso romance que são por certo admiradores de Manoel Antônio de Almeida, mal conhecendo no entanto que foi de sua vida e de seu tempo.

Talvez não haja escritor que melhor registrasse em seus escritos o que foi — ao vivo e fora do convencionalismo acadêmico — a vida do Rio de Janeiro, tal qual «era no tempo do rei». Êsse mérito de cronista fiel, contudo, não é o mais importante na obra de M. A. de Almeida. Há também a rever o valor do artista e isso com muita habilidade, Marques Rebelo consegue salientar.

Assim, ao mesmo tempo de que somos informados de que «o Rio de Janeiro em 1831 não constituía nenhum modêlo de limpeza» e que «suas ruas eram estreitas e tortas, cortadas ao centro por uma vala onde se acumulava tôda espécie de imundície, casas sem luz, nuvens de môscas, nuvens de mosquitos, tifo e febre amarela endêmicos, e por tôda parte descaso, negligência, abandono», também aprendemos que um romancista autêntico, um artista consumado, escrevia sôbre estas verdades desagradáveis as mais atraentes páginas da nossa ficção.

Manoel Antônio de Almeida foi autor teatral ainda que sua obra nesse gênero não tivesse alcançado o apuro que logrou no romance. Em todo o caso é prazer ver os fac-símiles de seus trabalhos impressos ao sabor da época e ouvir as opiniões de Marques Rebelo que, além de contista exímio tem se responsabilizado por juízos críticos acertados que merecidamente lhe aumentam os méritos. Recordamos êsse livro com gôsto e estamos certos de que quem o ler compartilhará conosco dêsse prazer.

N.A.L.

UM AUTOR:

EDGARD BRAGA



EDGARD BRAGA, poeta paulista, cujo recente livro, «Odes», demonstra extraordinário poder de renovação, nos trouxe, com êsse apurado neo-classicismo em que estão vasados seus belos e altos poemas, talvez a nota mais expressiva da nova poesia brasileira em 1951. Já aqui tratamos dêsse livro que a crítica recebeu com os maiores e mais justos encômios e, agora, incluindo Edgard Braga nesta galeria em que prestamos homenagem aos valores mais destacados das letras nacionais e estrangeiras, queremos ainda testemunhar ao poeta de São Paulo o alto conceito em que o temos e à sua bela e emocionante poesia.

NOTÍCIAS DA FRANÇA

● MORREU MAURRAS — Com a morte de Charles Maurras desaparece uma figura singular do pensamento político e das letras francesas. Homem de combate, sempre lutou contra a moral burguesa do comodismo e queria ver o homem francês integrado em suas raízes seculares e sempre na linha de fogo do heroísmo.

Acadêmico, o que em França tem um sentido mais vivo do que entre nós, Charles Maurras era um artista da palavra. Político era uma espécie de Don Quixote que vendo na monarquia o melhor meio de governar os homens, sobretudo o homem europeu, não cedia ante a evidência da vitória da democracia popular que vem como onda gigantesca avassalando mentalidades e países.

Deixando êste mundo aos 84 anos de idade e prisioneiro, cumprindo pena por crime político, Maurras é um nome que merece o respeito das novas gerações como caráter íntegro e o aplauso de todos os que ainda vêem na inteligência a fonte da liberdade. ● TRIGÉSSIMO ANIVERSÁRIO DA MORTE DE PROUST — Recordou-se com várias e significativas comemorações o aniversário, a 18 de novembro, da morte de Marcel Proust, ocorrida há trinta anos. O escritor, cuja obra é cada vez mais estimada, de-



pois de um breve período de olvido, entra definitivamente na imortalidade e foi isso exatamente o que significaram as comemorações que tiveram lugar por todo o mundo. ● FALECEU VERNEUIL — Estão de lutos as letras teatrais: faleceu tràgicamente o teatrólogo francês de glória universal, Louis Verneuil. Nascido em Paris, a 14 de maio de 1893, Louis Collin du Bocage — êsse seu verdadeiro nome — foi consagrado perante tôdas as platéias, graças ao seu teatro «fácil», de agrado certo, pelas inúmeras traduções que tiveram suas peças.

Sady Sedas

RECEBE SEMPRE AS **ÚLTIMAS CRIAÇÕES** DO MAIS FINO EM SÊDAS, LINHOS E ALGODÕES.

BÔAS FESTAS E MUITO FELIZ ANO NOVO É O QUE DESEJA A TODOS A TRADICIONAL CASA DAS **BOAS** SÊDAS — RUA DO OUVIDOR, 148 — RIO







• *Encantador conjunto de sombrinha, gorro e estola — que tanto pode vestir como ser estendida sôbre a areia para nela a bela se deitar — acompanham êste maiô de lastex.*

Verão... Verão... Verão...

• E
d





● *Em tafetá lastex, com reverso e botões combinados, com um original recorte largos em festões.*

● *Bikini tropical no estilo e no estampado, ajustável por meio de um cordão passando por ilhozes.*

● *Uma criação maravilhosa em tecido barrado sôbre fundo claro — o que se poderia classificar de maiô "habillé"... tanto que é usado com um colar de três voltas de pérolas.*





Jeanne Lanvin (Castillo)

Êste belíssimo casaco é em macia lã branca salpicada de várias pequenas fôlhas douradas, aplicadas em tôda extensão, com grande e vistoso efeito



A VIDA de NOEL ROSA

Contada por ALMIRANTE



CAPÍTULO XI

MULHERES NA VIDA DE NOEL ★ TÔDA A HISTÓRIA EM SAMBAS ★ ESTÁTUA DA PACIÊNCIA ★ A VERDADE SÔBRE O **TRÊS APITOS** ★ A DAMA DO CABARÉ ★ A OBSESSÃO DAS MENTIRAS ★ O SAMBA MISTERIOSO

QUANTOS vultos femininos foram fixados nos versos de Noel Rosa? Interrogação de difícil resposta.

O tempo já decorrido, o natural segrêdo em que transcorriam certos romances, o invencível recato em que se conservam, até hoje, algumas das inspiradoras do poeta da «Vila», são entraves poderosos que mantêm o passado amoroso de Noel envolto em brumas e confusões. E é, por vêzes, tateando entre as prováveis datas das composições impressas e as vagas referências contidas naqueles versos, que conseguimos, auxiliados por incontáveis depoimentos dos que privaram com o sambista, concatenar, de certa forma, a história de seus amôres.

Clara, Josefina, Isaura, Ceci, Julinha, Mercedes, Lindaurá, foram algumas das paixões do **filósofo do samba**.

Três, porém, foram as principais preocupações de sua vida e delas encontramos referências precisas nos sambas que inspiraram.

Não se pode, entretanto, honestamente, determinar a quem se dedicavam inúmeras produções de Noel, não só pela impossibilidade de se apurar a data exata de seu aparecimento, como pelo vago de suas referências, que se aplicariam, fàcilmente, a qualquer de suas queridas de cada temporada.

Impossível, por exemplo, apontar-se aquela que levou Noel a expandir-se pelos versos expressivos do «Seu riso de criança»:

Seu riso de criança
Que me enganou,
Está num retratinho
Que eu guardo e não dou.
Guardei sua aliança,
Pra ter a lembrança
Do meu violão
Que você empenhou.

E que figura feminina conduziria Noel às lamentações do «Pra esquecer?»



A CÉLEBRE DAMA DO CABARÉ. Era assim, formosa, a decantada criatura dos sambas de Noel Rosa.

Tudo passou tão depressa...
Fiquei sem nada de meu
E esquecendo a promessa
Você me esqueceu...

E assim inúmeros outros.

Podemos, entretanto, reconstituir episódios das relações de Noel com Josefina, Lindaura e Ceci, as três grandes paixões de sua vida.

★

Josefina (Fina) residia com sua avó e uma prima na Rua Moju, no Engenho Novo. Certo dia, Noel foi visto pelas redondezas. Andava em visita à família de Clara, namorada de infância, jovem muito prendada, que auxiliava D. Marta a lecionar, na pequenina escola da rua Teodoro da Silva. A mãe de Noel considerava o enlace entre Noel e Clara como a solução para a boêmia do filho.



A Lapa, reduto boêmio da cidade, inspirou muitos sambas. Noel, carioca da gema, encontrou ali também a sua «Dama do Cabaré». Entre o Aqueduto dos Arcos e a Lapa desfilou todo o Rio de Janeiro de antanho.

A VIDA DE NOEL ROSA contada por ALMIRANTE

28-4-936
Ao distincto amigo
Alvaro Ribeiro,
com a admiração
do Noel Rosa

ENGANO: Na dedicatória, em lugar do nome verdadeiro do motorista Álvaro Rodrigues, Noel escreveu Ribeiro. E' natural. Só o conhecia pelo apelido de «Papagaio»... «Papagaio» foi o companheiro mais constante de Noel Rosa em sua temporada boêmia, na Lapa. O carro citado no samba «Dama de Cabaré» era o de sua propriedade.

O destino, com suas determinações misteriosas, colocou a residência de Clara nas proximidades da de Josefina e, em pouco, Noel desprezava a antiga namorada e se entregava ao enleio da nova amizade.

Fina tornou-se logo na grande obsessão de Noel. Era paixão de tipo novo, como êle jamais experimentara, sem os convencionalismos que tolhiam as liberdades de seus namoricos de infância.

Quando em 1935, Josefina se viu obrigada a seguir para São Paulo, a partida inspirou a Noel os sentidos versos em que não se pejava de revelar o quanto sofria:

Na estação, na hora de partir
[o trem,
Ela me vendo a chorar, chorou
[também.
Depois, fiquei olhando uma ja-
[nela,
Até sumir numa curva o lenço
[dela...

Longo tempo demorou-se Fina em São Paulo. Por fim, em telegrama auspicioso, anunciava seu regresso. Com que felicidade o ansioso Noel foi aguardá-la na estação. Ali ficou horas a fio, enervado com um daqueles sistemáticos atrasos da Central. A prolongada espera foi miùdamente retratada em versos que registram as pequeninas ocorrências das muitas horas em que ali permaneceu, sujeito às indagações de passageiros inexperientes:

Eu sou, na Estação,
A Estátua da Paciência
E acabei sendo «Agência
De Informação».
Sei os itinerários,
Já decorei os horários,
Os nomes dos maquinistas
E dos foguistas...

A 1º de Dezembro de 1934, depois de peripécias que os jornais noticiaram com sensacionalismo, Noel contraía matrimônio com Lindaura, que conhecera nas proximidades da Fábrica Confiança Industrial, em Vila Isabel. Dona Olindina, mãe de Lindaura, operária daquela Fábrica, não tendo a quem confiar a menina, para não abandoná-la, sòzinha, em casa, preferia deixá-la, a brincar, no pátio, na companhia de outras filhas de operários nas mesmas condições. Ali Noel foi encontrá-la.

Lindaura contava sòmente 16 anos quando se casou e, na sua inexperiência, não conseguiu dominar o volúvel coração do boêmio. A vida em comum não foi feliz. As rusgas se sucediam. Com a incerteza de suas rendas, nem ao menos o espôso se achava em condições de alugar casa própria, e o casal se viu obrigado a residir no acanhado 130, sem comodidade e sem confôrto.

No intuito de ajudar o sustento do lar, Lindaura, um dia, aventou a hipótese de obter um emprêgo. A reação de Noel a tal proposta se refletiu nos versos do único samba que escreveu visando sua espôsa:

Você vai se quiser,
Você vai se quiser,
Pois a mulher
Não se deve obrigar
A trabalhar.
Mas não vá dizer, depois,
Que você não tem vestido
E o jantar não dá pra dois!

Lindaura foi a companheira dedicada, até os derradeiros dias de Noel. Conhecia ou adivinhava as trapalhadas do irrequieto companheiro, mas recalcava os próprios ressentimentos, numa admirável compreensão de que jamais, nem ela nem qualquer outra, poderia sopitar a vocação para proezas amorosas daquele que conhecera num lance boêmio e que, irremissìvelmente, seria boêmio pela vida afora, até morrer...

★

Uma curiosa coincidência entre aventuras simultâneas de Noel fêz com que circulasse a notícia de que o célebre samba «Três apitos» descrevia a origem do romance entre o compositor e aquela que foi sua espôsa.

Nada mais falso.

O samba fixara o início das relações entre Noel e Fina. Esta sim, trabalhava numa Fábrica — mas não de tecidos, e não «fazia pano», como os versos descreviam. E sua Fábrica nem chaminé possuía...

Como se explicar, então, as indicações imprecisas daquele que tão fielmente perseguia a realidade objetiva e subjetiva, em seus versos de sambista?

Guiando-se por informações incompletas que colhera a respeito de Fina, antes de estabelecer intimidade com a jovem, Noel (que então possuía o automóvel adquirido a Francisco Alves, a quem pagava com direitos autorais) ficou, dias seguidos, a esperá-la à saída de uma Fábrica, na Rua Barão de Mesquita. Tinha suspeita de que se tratasse da América Fabril, a Fábrica mais importante da rua, cujos apitos marcam as entradas e saídas de empregados e são ouvidos a longa distância. Nas proximidades, o compositor parava o carro e, para se anunciar, fazia soar, repetidamente, sua buzina «fon-fon». A moça, porém, não aparecia, o que Noel só compreendeu mais tarde, quando o samba se achava composto e era mesmo número obrigatório de suas audições radiofônicas. Fina trabalhava, não ali e sim pouco mais adiante, na mesma rua, numa então modesta fábrica de botões, que inda lá existe, e o samba se conservou como nascera, acrescentado de novas estrofes que, se não corrigiam as anteriores, continham, entretanto, verdades mais recentes que iam chegando ao conhecimento do compositor. Por exemplo: a revelação do assédio que Josefina sofria de «seu» Jerônimo, o gerente, não ficou sem registro especial:

Nos meus olhos você lê
Que eu sofro cruelmente,
Com ciúmes do gerente,
Impertinente,
Que dá ordens a você.

Assim era o «Três Apitos»:

Quando o apito
Da Fábrica de Tecidos
Vem ferir os meus ouvidos,
Eu me lembro de você.
Mas você anda,
Sem dúvida, bem zangada,
E está interessada
Em fingir que não me vê.

Você que atende ao apito
De uma chaminé de barro,
Por que não atende ao grito,
Tão aflito,
Da buzina do meu carro?...

A coincidência de Lindaura passar seus dias no pátio da Fábrica Confiança, aguardando a saída de sua mãe, quando se divulgava o samba, criou a confusão. Restaure-se a verdade, agora. Para Josefina e não para Lindaura, foi escrito o célebre «Três apitos», marco inicial da existência amorosa de Noel.

★

Em Junho de 1934, o «Cabaré Apolo», na Lapa, se engalanava para receber e homenagear Noel Rosa.

Era véspera de São João e a presença do compositor constituía uma das atrações que a casa prometia para aquela noite.

À sua chegada, Noel foi alvo de ruidosa manifestação. Sua atenção desviou-se, especialmente, para certa figura «mignon», cabelos castanhos, cujos modos recatados contrastavam naquele ambiente de festiva movimentação.

Chamava-se Juraci, mas todos a conheciam simplesmente como Ceci.

Formosa e acessível, era uma das mais requestadas dançarinas do cabaré.

Noel se deixou impressionar por ela e não mais a deixou, desde aquêle instante. Acompanhou-a à saída e logo se fêz seu amigo mais íntimo.

Possuía, então, simultâneamente, três amôres, entre os quais distribuía as horas de sua vida agitada: pela manhã, pertencia a Linda; à tarde, se dedicava a Fina; à noite, se perdia nos braços de Ceci.

Como a apaixonada se conservasse em sua profissão de dançarina, para não sofrer as agonias de vê-la cumprindo sua obrigação, abraçada a uns e outros, volteando a noite inteira, ouvindo galanteios e inconveniências, Noel se demorava pelos cafés, pelas esquinas, até à hora em que o «Apolo» cerrava suas portas.

Fatos da vida de Noel e Ceci ficaram, em muitos de seus detalhes, em versos de sambas. «Dama do Cabaré», produzido em 1935 para o filme «Cidade Mulher», fixava o primeiro encontro:

Foi num cabaré da Lapa
Que eu conheci você,
Fumando cigarro,
Entornando champagne
No seu «soirée»...

O importante momento, uma vez mais era lembrado, tempos após, num dos sambas mais significativos de sua valiosa bagagem musical — o «Último desejo»:

Nosso amor que eu não esqueço
E que teve seu comêço
Numa festa de São João...

★

Inconformado com as freqüentes mentiras a que Ceci se via obrigada a recorrer para aplacar seus ciúmes doentios, Noel indagava, angustiado:

Pra que mentir,
Se tu ainda não tens êsse dom
De saber iludir?...

E, nas produções daquela temporada, verberar a falsidade da amada tornou-se permanente preocupação do poeta:

O que sei sòmente
É que você é o ente
Que mente, inconscientemente...

Na suposição de que levantar os brios serviria para eliminar as mentiras, apelava para o remorso:

Remorso é aquilo que tu sentes
Perto de alguém, na hora em
[que tu mentes...

Mesmo sofrendo, era irônico e mordaz. Talvez o processo alcançasse seu fito e, por isso, glosando frase costumeira de programa de rádio no momento de ser anunciado número solicitado por ouvintes, Noel versejava:

Fica estabelecido
Que não mentes nunca mais
«Para atender a pedido».

As desinteligências entre ambos culminavam em cenas de violências e como o amor dos apaches, o seu se extremava em agressões mútuas. Procurando dar de si a falsa idéia de indiferença e superioridade que estava longe de possuir, Noel se jactava:



CASAMENTO — Eis Noel Rosa e Lindaura no dia de seu enlace, em 1934.

O maior castigo que eu te dou
E' não te bater,
Pois sei que gostas muito de
[apanhar.
Não há ninguém mais calmo do
[que eu sou,
Nem há maior prazer
Do que te ver me provocar.

★

Nenhum dos sambas de Noel Rosa, entretanto, ressumou tanta amargura como aquêle que se chamou «Côr de Cinza», que deixa transparecer a lufada de uma tragédia.

Impossível, hoje em dia, saber a quem se atribuir o que revelava. Publiquemos aqui seus versos.

Dar-se-á o caso de sua inspiradora vir a lê-los com a insensibilidade e indiferença da criatura de Arvers?

Com o seu aparecimento,
Todo o céu ficou cinzento
E São Pedro zangado.
Depois, um carro de praça,
Partiu e fêz fumaça,
Com destino ignorado.

(Cont. na pág. 42)

CONVERSA DE MULHER

ATITUDES

A MOÇA DE VERMELHO



A repartição pública formigava de gente: de um lado do balcão, os funcionários que conferiam talões para atender aos interessados e dar andamento aos processos, do outro, o de fora, uma turba sofredora com ar de quem executava de má-vontade uma peregrinação forçada.

A nosso lado, uma informação foi dada a uma vizinha de sacrifício:

— Só a senhora voltando amanhã...

E a resposta fêz com que observássemos bem a pessoa — jovem de corpo bem lançado e rosto feio, olhos de quem, entretanto, andava satisfeita com o espelho, penteado complicado, vestido decotado vermelho, colar de contas de vidro vermelhas, brincos pingentes de contas iguais. Ela havia dito, sem irritação apreciável, antes com um certo sorriso dengoso e satisfeito:

— E'... Vocês só sabem é fazer a gente voltar... Qual, vocês não querem trabalhar, querem é namorar...

DIFERENTE

Rua do Ouvidor. Calor, movimento, gente em abundância, procurando em mão e contra-mão a mesma calçada para fugir ao sol. Ouço:

— Todos dizem que sou diferente em tudo de todos...

Olho: uma gorda senhora risonha de cabelos crespos um tanto suados e desfeitos, vestida de côr-de-rosa, derramando-se embevecida sôbre um homenzinho magro e triste, de lábios cerrados numa linha conformada.

FALTA DE APOIO

A suicida deixou o seguinte bilhete:

«O excesso de independência e a competência para resolver os meus próprios problemas me levaram a êste gesto. De repente, me vi como uma bola sôlta no espaço, podendo furar e perder o ar a qualquer momento. Não adiantava mais prosseguir naquela ascensão que eu mesma iniciara e que me isolava. Resolvi apressar o fim, perfurando os miolos com um tiro.»

A PASSAGEIRA DO PRIMEIRO BANCO

No largo em que o tráfego era mais compacto, a moça aproveitou para entrar ràpidamente no lotação, fora de um ponto normal de parada. Quase simultâneamente, antes que o veículo pudesse andar, pelo outro lado um rapaz entregava uma nota ao motorista, dizendo:

— Esta passagem aí fica paga...



Era natural que por um momento a atenção dos demais passageiros convergisse para a recém-chegada. E natural também que alguns continuassem com a atenção prêsa, pois se tratava de uma sólida morena, com boas curvas que não prejudicavam a esbeltez, rosto fresco e petulante, emoldurado por uma trança luzidia que esboçava uma coroa sôbre a sua possível cabeça de rainha de qualquer clube e terminava num pequeno cacho à altura do cocuruto. Um penteado, como se vê, que por si só merecia estudo. O lotação não chegara a percorrer dois quarteirões, no entanto, e já a pequena se pendurava no cordão da campanha para fazer parar, dizendo ao motorista, com voz exaltada: — Pare aí mesmo... Êle vai ver... Ah, bandido, já sei por que me despachou tão depressa...

E despencou-se com ímpeto da condução. — ISOLETTE

NÉLIA PAULA E O PROJETO MIL

(Cont. da pág. 18)

No mesmo instante os companheiros de mesa, da estrêla, organizaram ali mesmo o "Clube dos Amigos de Nélia Paula contra o Projeto Mil". Colé, que depois do seu número viera sentar-se conosco, foi aclamado Presidente.

— Mas, Colé, você acha que eu não tenho competência para fiscalizar? Só se você pensa que com a minha presença eu vou "roubar o show" dos fiscais...

A piada fêz sucesso.

— Não é por isso, não; é porque, onde você aparece, sempre rouba o show e abafa mesmo. Ora, meus senhores e senhoras — e o cômico já ia se empolgando, num tom de discurso — vocês sabem, Nélia tem 1m65 de altura, 56 quilos e duas pernas pra lá de provocantes...

Nélia faz um jeito de modéstia, mas a turma tôda explodiu em elogios às pernas e um velho jornalista, ainda do tempo em que se falava francês, ajuntou:

— E', como dizia o poeta, "car en voyant les jambes, le rest ce devinne".

— Qual deixar o teatro! Nélia vai ter, agora, sua posição definida em nossas ribaltas. Vamos fazer uma dupla do barulho. Depois o cinema, o rádio, todos estão assediando Nélia. Ora, Nélia fiscal de imposto de vendas mercantis... Tem graça! Ainda agora Luís de Barros, o veterano cinematografista, acaba de convidá-la para encabeçar o elenco de um filme carnavalesco, ao lado de Oscarito, Grande Otelo e José Lewgoy.

Todos os componentes do "Clube por Nélia Paula contra o Projeto Mil" começaram logo o trabalho de cabala da própria estrêla para que ela desista de entrar na marmita do projeto.

Nélia é de fato uma figura querida do nosso público, especialmente de Copacabana. Não é alta nem baixa, é interessante e o seu fascínio está, principalmente, nos olhos brilhantes, na voz gostosa que ràpidamente sobe e desce tôda a escala de tons e nas alucinantes curvas do seu corpo jovem e esbelto.

Vive em Copacabana, onde gentilmente posara para o nosso fotógrafo, com adorável paciência. E se os seus fãs querem conhecer a preferência de Nélia, guardem estas frases da pequena de Niterói, que depois de estrêla quer ser funcionária:

— Adoro as praias, as novelas radiofônicas. Sou louca por cinema e bons livros. O que mais aprecio na vida é dormir. Par mim, a melhor hora é a do sono. Se não fôsse o que sou, seria jornalista.

Ousamos discordar da graciosa estrêla, dizendo-lhe: — Mas jornalistas não tem muito tempo para dormir...

Ela riu, um riso bonito, e acrescentou:

—No teatro a gente não dorme quase nunca, pelo menos nas horas dos outros. Mas como breve serei "Maria Candelária" tudo há de se arranjar.

A VIDA DE NOEL...

(Cont. da pág. 41)

Não durou muito a chuva
E eu achei uma luva
Depois que ela desceu.
A luva é um documento
Com que provo o esquecimento
Daquela que me esqueceu.

Ao ver um carro cinzento,
Com a cruz do sofrimento
Bem vermelha, na porta,
Fugi, impressionado,
Sem ter perguntado
Se ela estava viva ou morta...

A poeira cinzenta
Da dúvida me atormenta!
Não sei se ela morreu!...
A luva é um documento
De pelica e bem cinzento
Que lembra quem me esqueceu...

(Termina no próximo número)

CONTA-ME TEUS...

(Cont. da pág. 22)

muito só e pesa no seu coração um vácuo tremendo (assinar papéis). Mas as flores que formaram seu ramilhete de esperanças, no verdor dos anos, se encontram murchas e sem viço («bouquet» amarelecido de cravinas de papel) e você acredita que não terá outro casamento. No entretanto, êste é o desejo que acalenta desde que enviuvou, por sentir que foi muito breve o tempo que desfrutou da vida de casada. Não receie seus sonhos, Madame, nem se deixe impressionar por êles; êles, em si, nada pressagiam; nós é que damos fôrça às circunstâncias desagradáveis, a ponto de atraí-las pela aceitação de nosso subconsciente.

A GUERRA NA INDO-CHINA

(Cont. da pág. 33)

A independência da Indochina está custando à França não só a perda dos seus direitos políticos sôbre as antigas possessões, mas, também, uma guerra que se faz a 12.000 quilômetros de sua capital. Todo o transporte, marítimo e aéreo de reforços, medicamentos, munições de guerra ou apetrechos para suas tropas fica-lhe por preço astronômico. O ato da independência do Vietnam foi reconhecido por trinta e três países. Porém a política da China em relação às novas nacionalidades sul-asiáticas, é de que está na obrigação moral e material de ajudar todos os povos asiáticos a se livrarem do jugo estrangeiro. «Ásia para os asiáticos!», é a réplica da doutrina de Monroe, proclamada pelo chefe rebelde Sun Yat Sen.

O fato é que, enquanto na diplomacia se trava um dramático diálogo de surdos, na realidade os franceses se sacrificam na guerra dura contra rebeldes e fanáticos que se recusam a aceitar sua própria independência, porque preferem a submissão à China Vermelha.

ALBUM DE

a Cena Muda

PARA 1952



★ ★

COMPREM A GRANDE EDIÇÃO DO ÁLBUM DE A CENA PARA 1952

E' mais um maravilhoso presente aos fãs do Cinema, do Teatro, do Rádio e da Música. Fotografias dos artistas em tamanho grande com biografias completas. E muitas páginas coloridas, embelezam extraordinàriamente esta edição do «Álbum». Páginas de texto com história, notas e informações preciosas. À venda em todos os vendedores de revistas do Brasil, nas Capitais dos Estados e nas cidades do interior.

COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA ★ RUA MARANGUAPE, 15 ★ RIO

★ ★



A jovem medita diante do mistério do delírio. Ela quer conhecer os mistérios que há na sua natureza e na sua estrutura. Reflete: pensará nisso?

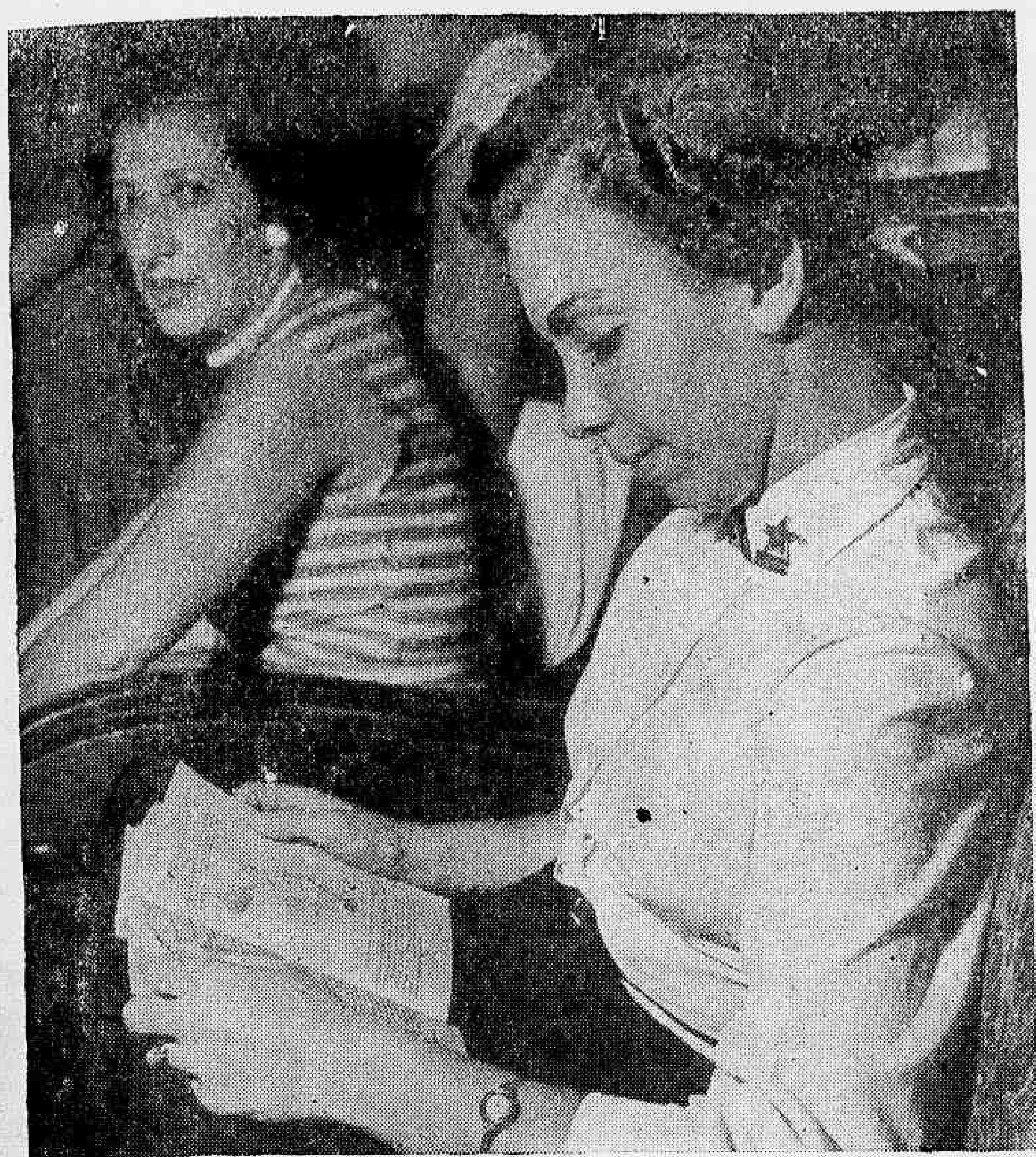
A Mulher e a Psicanálise

FREUD desatou a meada e as gerações que o sucederam vêm desenvolvendo sua teoria, ampliando o conhecimento das doenças da alma. A princípio, os centros científicos da Europa se escandalizaram com a sua afirmação de que todos os males se centralizavam no sexo. Hoje, já há variantes nos caminhos da psicanálise. E sobretudo há uma grande curiosidade no desvendar regiões antes desconhecidas e misteriosas. O neurologista insistiu no valor de suas idéias. E continua sendo criticado porém à luz do estudo e de muitas experiências.

Sua fama se projetou no estrangeiro, já que as fa-



Êste grupo animado confraterniza alunos e professôres. De pé o Prof. Dr. Luiz Fraga, sentada, ao centro, a Prof. Dinália Munford, sua assistente.



A normalista ainda encontra tempo para estudar mais uma matéria, além das programadas pelo Instituto. Consulta, séria, o Tratado de Neurologia.

mílias de Viena lhe fechavam as portas. Aqui no Rio um grupo de moças vem provar o interêsse que ainda despertam os pontos de vista de Sigmundo Freud. No curso de Higiene Mental e Noções de Psicanálise, que vem sendo levado a efeito pelo nosso colaborador, dr. Luiz Fraga, na Casa da Bahia, a assistência tem sido numerosa e variada. Focalizamos alguns aspectos das aulas, onde a mulher procura, com sua ingênita curiosidade, penetrar os mistérios da neurologia, o funcionamento dos sentimentos e das paixões humanas.



Os brotos não são todos iguais. Há quem assegure que há algo mais na vida que as gravatas de Robert Taylor ou a voz de Sinatra. Menos mal...

À LUZ DA PSICANÁLISE

DÚVIDA E TRANSCENDENCIA

DR. LUIZ FRAGA

● Antônio Ricardo foi um aluno assíduo de nosso Curso de Higiene Mental. Tem vinte e poucos anos e faz um curso de filosofia. Como alguns jovens estudiosos, vai, por vêzes, além dos limites do tempo e da época. Lê muito e um pouco desordenadamente. E' pesquisador infatigável e pouco metódico. Impaciente como os moços de sua idade, não tem encontrado um orientador à altura.

— Nega, o meu professor, tenha sido Bacon o descobridor do método indutivo. Por que, na vaidade do **magister**, os homens que atingem uma certa posição não admitem aos moços uma capacidade igual à sua e, às vêzes, mesmo superior? Tenho tido vontade de abandonar os estudos e entregar-me a uma atividade mais rendosa... Meus nervos não agüentarão por muito tempo...

— Calma, Antônio Ricardo; os ardores da juventude não devem prejudicar à juventude. De fato, Bacon não foi o criador do método indutivo, apesar de havê-lo entronizado como fundamento indispensável para a exatidão do conhecimento. Êle afirmava que os pesquisadores da verdade mancavam por serem escravos de idéias preconcebidas ou se detinham na estreita lógica escolástica. Êle acreditava que a chave maravilhosa que poderia abrir os segredos da verdade era a indução. A tradição, a autoridade e a lógica silogística deviam ser evitadas como uma praga. Bacon acreditava na feitiçaria, na astrologia e na adivinhação e não teve a sagacidade de perceber a validade da teoria de Copérnico. Lembra-se, Antônio Ricardo, destas frases?

● *"Os sentidos são como o sol que torna visível a face da terra, mas esconde a dos céus"... "Precisamos abandonar o pequeno barco da razão humana e nos pormos a bordo do navio da igreja, que é o único a possuir a bússola divina que orienta para o caminho certo"...*

Não tenha pressa, meu amigo. Devagar se vai ao longe. Não ponha todos os móveis na sala. Arrume-os, procurando um lugar para cada cousa e uma oportunidade para o seu uso.

Não abandone os estudos nem se preocupe muito com as atividades mais rendosas. Não há rendimento maior para o nosso espírito que aquêle que a ciência nos dá. Isto sim, eleva-nos a alma. Não se preocupe muito com a civilização. Cultive a sua inteligência, tão sòmente. Não é a inteligência que faz a civilização. Os homens e os povos tendem a separar-se pelos costumes, pelos hábitos, pelas opiniões e paixões animais: um só ponto de contato existe entre êles, e êsse é filho da alma: é o sentimento moral; êste laço invisível, devidamente apreciado e desenvolvido, bastará para fazer de tôdas as nações, alguns povos, e dêsses povos uma só família.

● Nos animais, pelo contrário, o indivíduo é sempre desviado da espécie: o seu instinto o isola, mesmo quando é o instinto duma sociedade. Nenhum instinto aproxima a abelha de uma determinada região da de outra: para a abelha não há o "gênero-abelhino", como para o homem há o "gênero-humano"; há apenas um cortiço. A inteligência, a memória, a vontade, tôdas as afeições e paixões, que constituem a vida dos animais, podem morrer no homem; mas nem por isso o homem morrerá; a sua imortalidade é mais que um fato; é um direito, ainda mesmo que o homem não fôsse separado dos brutos, senão pelo sentimento da divindade. Há três mil anos que os filósofos não cessam de submeter as grandes questões da existência de Deus e da imortalidade da alma ao exame da inteligência; e admiram-se de apenas encontrarem a dúvida. Deixe as coisas transcendentais e a dúvida. Busque um melhor orientador.

CUPÃO

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....

ROTINA DE BELEZA

PROGRAMA PARA UMA SEMANA

Vamos nos ocupar de uma semana de descanso e cuidados de beleza. E como o descanso vem primeiro comecemos pelo

● DOMINGO



Grande manhã na cama, sem hora de acordar. Quando o sono houver terminado, tente ainda alguns cochilos e fortes espreguiçamentos. Depois, abluções, janela bem aberta para um banho de ar e luz no quarto, com um mínimo de roupa sôbre o corpo. Cuidado com as correntes de vento para evitar os resfriados que escolhem as peles suadas no verão. Desjejum no leito. Leitura preguiçosa dos jornais. Finda esta primeira parte, terá início o dia esportivo: natação, tênis, golf, etc., ou simplesmente um grande passeio ao ar livre. E então um bom almôço, se possível em boa companhia, e conversa mole ou um jôgo manso, de cartas. Para encerrar o domingo, um jantar leve e cama muito cedo, a fim de entrar pela semana capitalizando sono.

● SEGUNDA-FEIRA

Se estiver perto da praia, levante-se com a manhã criança e vá ao banho de mar, fazendo alguns exercícios ginásticos à beira d'água. Se não, escolha uma caminhada. As atividades normais do dia deverão ser conduzidas com calma. Antes de dormir, grande banho de imersão, morno, de espuma ou com óleo emoliente suàvemente perfumado, para garantir um sono repousante. Enquanto de môlho na banheira, faça uma limpeza demorada do rosto com creme e se possível durma com um creme nutritivo aplicado ao rosto, pescoço, braços e mãos.

● TÊRÇA-FEIRA

Exercícios matinais diante da janela aberta. As horas livres da manhã serão dedicadas a uma lavagem especial dos cabelos, precedida de aplicação de óleo por uns quinze minutos pelo menos. Arranjo simples e doméstico do penteado, se não houver a oportunidade de procurar um profissional. Depois das afazeres do dia, chamar amigos para jantarem e conversarem — mas sem passar de uma hora razoável para se recolher para dormir.

● QUARTA-FEIRA

Praia, ginástica ao ar livre e banho de mar novamente, ou caminhada. À noite, fique em casa lendo um livro ou se distraindo apenas com revistas. Não esqueça de fazer uma boa limpeza da pele com creme, não pensando apenas no rosto, mas também no pescoço, colo, braços e mãos.

● QUINTA-FEIRA

Tire a manhã para se entregar aos cuidados da manicura e do pedicura, depois, naturalmente, dos exercícios de ginástica. À tarde, se não tiver nenhuma obrigação, reuna-se a amigas para uma distração qualquer. E se recolha cedo, após o banho de imersão.

● SEXTA-FEIRA

Longa manhã com exercícios físicos ao ar livre. Antes do almôço ou do jantar, desde que não necessite ir, a seguir, a algum lugar onde seja requerido mais que um maquillage muito leve, recorra a uma especialista para uma boa limpeza de pele, será bom.

● SÁBADO

Cabeleireiro pela manhã, com todos os requintes que quiser aproveitar: aplicação quente de óleo, shampoo para beneficiar o tom, shampoo para amaciar, corte, mise-en-plis. A sesta deverá ser prolongada nesse dia, pois a noite, como fica encerrada a semana de descanso e você estará o mais bela que possa desejar, poderá ser dedicada a uma noitada moderada: teatro, dança, ou espetáculo numa boite.

ESCÂNDALOS E ROSAS

(Continuação do número anterior)

A primeira noite de plantão desenrolou-se para Kate como um novelo de lã negra. Sentia-se deprimida e via, a todo instante, o rosto do repórter rindo dela como se ela fôsse um enfeite de árvore de Natal. E que idéias loucas tinha êle! O que a confortava um pouco era a lembrança das rosas e da atenção de Harrington.

A enfermeira encarregada da noite era desconhecida para Katie, portanto nem conseguiu conversar; as duas e meia da manhã ela chamou Katie e disse.

— Está tudo calmo; basta que você preste atenção ao quarto 2 enquanto eu vou falar um instante com a enfermeira Smith. Você pode sentar no meu lugar. Eu não demoro.

Katie sentou-se em frente à mesinha onde apenas uma fraca lâmpada verde estava acesa; sentia-se cansada demais para dormir. Os doentes todos já lhe eram familiares; apenas um ou outro ruído a faziam estranhar. Agora, por exemplo, seu olfato treinado sentiu leve cheiro de fumo. Levantou-se. Era com certeza o doente do quarto 8, fumante incorrigível. Abriu a porta mansamente e espiou. Para sua surprêsa, o doente dormia tranqüilo, mas o cheiro persistia. Ela olhou para o leito ao lado, vazio e impecàvelmente coberto, e viu uma espiral de fumaça saindo do colchão. Num segundo arrancou as cobertas e vendo que o colchão pegava fogo, ràpidamente bateu com as mãos e depois com os travesseiros, e finalmente com o jarro de água conseguiu extinguir o perigo. Mas, por êsse tempo, a enfermeira Emmet apareceu, alarmada, alguns doentes despertaram assustados e enquanto Katie explicava que não havia mais perigo, alguém havia feito soar o alarme o que deu início a uma série de confusões, culminando com a chegada dos bombeiros, que não admitiam não serem mais necessários.

Na manhã seguinte, às onze horas, Katie estava novamente no gabinete da chefe. Depois do incidente, na noite anterior, fizeram curativos nas suas mãos, deram-lhe um sedativo e fizeram-na repousar; quando despertou, Amanda contou a confusão que reinara até às primeiras horas da manhã. E agora ela esperava, com resignação, pelo que desse e viesse.

—Bem, — disse a chefe, entrando — Como vamos passando?

Katie deu a resposta que se esperava dela. A chefe sorria com desusada ternura.

— Quero cumprimentá-la, enfermeira. Você teve muita presença de espírito. Pena que alguém, não descobrimos quem, tenha provocado confusão, e lá estão os jornais. outra vez. Mas — e ela sorriu outra vez — não a estou responsabilizando por isso, absolutamente, e vou até lhe conceder uma quinzena de licença e creio que o melhor para você é ir passá-la com sua família. Pode fazer a chamada daqui mesmo, do meu telefone.

Esta concessão de fazer uma chamada interurbana por conta do hospital foi uma prova de que, afinal, tudo ia bem.

Quando, depois dos agradecimentos, Katie saiu para o pátio ensolarado, não contava encontrar à sua espera, aquela legião de fotógrafos e repórteres. Ela tentava esquivar-se quando sentiu mão firme segurá-la pelo braço.

— E' melhor agüentar um pouco; êles não a deixarão. Querem apenas umas fotografias. — Falou Michael Blanding.

Katie ficou tão contente de se sentir amparada, que esqueceu de contestá-lo. E êle tinha razão. Logo conseguiu desvencilhar-se de todos.

— Agora, para onde vamos? Você não pode trabalhar com as mãos assim, em ataduras!

— Não, eu vou para casa passar uns dias de licença.

Michael olhou-a com admiração.

— Você foi admirável, embora me tenham tirado da cama às três da manhã, com a notícia de que o Hospital estava em chamas.

— Não foi nada importante. Quando a gente acostuma a lidar com emergências tem obrigação de saber. Mas, eu lhe queria fazer uma pergunta...

Neste momento alguém chamou:

— "Katie!"

E êles viram Greg que vinha andando apressado, com a fisionomia preocupada.

—Soube o que aconteceu ontem; a chefe elogiou a sua presença de espírito mas as suas mãos estão muito queimadas?

—Não; apenas ligeiramente.

E embora êle a tratasse com redobrado entusiasmo, ela não sentiu reação alguma; notou que êle tentava voltar às boas e talvez até discutisse com Mrs. Mathews a seu favor, usando o argumento desta proeza, mas para surprêsa da própria Katie, viu que não se importava.

— Vou pedir a Peggy para arrumar minhas coisas e vou passar uma quinzena de licença em casa — disse ela, calmamente.

— Gostaria de levá-la à estação, mas estou de serviço.

—Não se preocupe.

E dizendo assim virou-lhe as costas e foi andando para a saída. Michael Blanding acompanhou-a.

— Seu namorado?

— Não, absolutamente.

— Diga-me agora — falou Michael — o que ia me perguntar.

— Eu queria saber — disse Katie, olhando-o fixamente — sôbre o que você disse noutro dia, que só de olhar as pessoas pode dizer tudo a respeito...?

— Ó! — respondeu êle um pouco embaraçado — Devo confessar que... bem... foi palpite...

— Justamente o que eu pensei. Você estava jogando verde... você nada sabia a meu respeito.

— Bem, não é bem assim... Andei revendo os arquivos e você já apareceu no noticiário mais de uma vez!

— Ó! — e Katie riu divertida — Você me fêz sentir como uma criminosa.

Quando chegaram ao pavilhão das enfermeiras e abriram a porta envidraçada Peggy foi dizendo:

— Telefone para a senhora, e desta vez perguntei o nome: é um Mr. Harrington, o mesmo que estêve aqui outro dia. Êle está esperando...

— Aí está... — começou Michael.

— Se você vai começar com o "eu não disse!", pode desistir.

— Não; eu não diria coisa tão infantil. Mas isto vem confirmar minhas deduções. Mr. Harrington está cortejando você com tôda a persistência digna de um homem na posição dêle. Agora só resta saber se as intenções...

— Pode ir parando por aí e se você pensa que vou proporcionar a você assunto para os mexericos do seu jornaleco, está enganado. Mr. Harrington está sendo apenas cortês. Peggy, pode dizer a êle que eu saí. Isto porá por terra as suas tolas deduções.

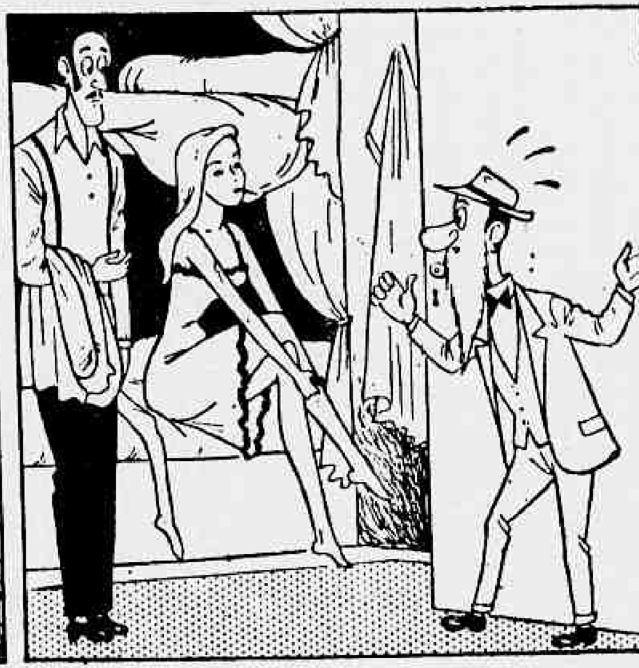
— Pois no que me diz respeito, isto me agrada muito.

(Cont. na pág. 52)

ARABELLE, a ultima sereia



Em sua espionagem, o cúmplice tropeça no tapête, cai e desperta a atenção de Arabelle, que, assustada, sai correndo pelos corredores do navio



O espião de «Branca de Neve» correu e foi dizer-lhe: — «Acabo de ver Arabelle aqui, olhando pelo buraco da fechadura». — Ninguém acreditou.



— Isso não é possível — replica a bandoleira. — Arabelle está morta! — Eu a reconheci, com seus longos cabelos. Era ela, sou capaz de jurar.



Enquanto os bandidos discutiam se era ela ou não, Arabelle corria em pânico e dava esbarrões em dois oficiais, que faziam a ronda do navio



Os oficiais ficaram surpreendidos diante dêsse bólido de carne e osso, e, gentilmente lhe estenderam a mão, ajudando a linda sereia a levantar-se.



A perturbação de Arabelle atingiu o auge quando os dois oficiais se ofereceram para reconduzi-la à sua cabine. De que forma iria se explicar?



Em face da insistência do bandido, que estava com alucinação, como julgara «Branca de Neve», resolveu esta dar uma batida no convés do navio.



Arabelle, bastante embaraçada, tem uma idéia: — deixar-se levar ao camarote de «Branca de Neve» pelos dois atenciosos oficiais de bordo,



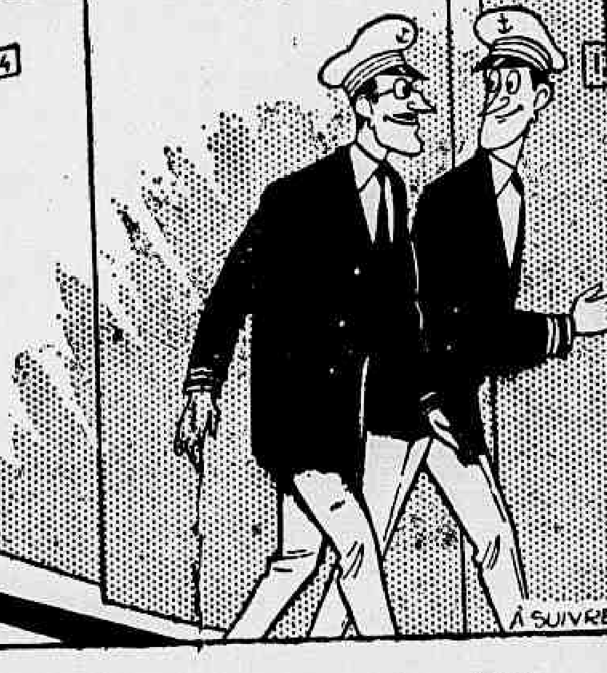
Entretanto, os rapazes não queriam deixá-la e a convidaram para a dança. Arabelle concordou e disse que a esperassem dentro de meia hora.



— Que jovem encantadora! — comentavam. — E como não a notamos antes? — Enfim, diz um, ainda temos quinze dias antes de chegarmos ao Rio.



Arabelle queria apenas ver-se livre dos oficiais e poder, dessa maneira, voltar a observar a cabine dos bandidos. E os dois marujos se afastam.



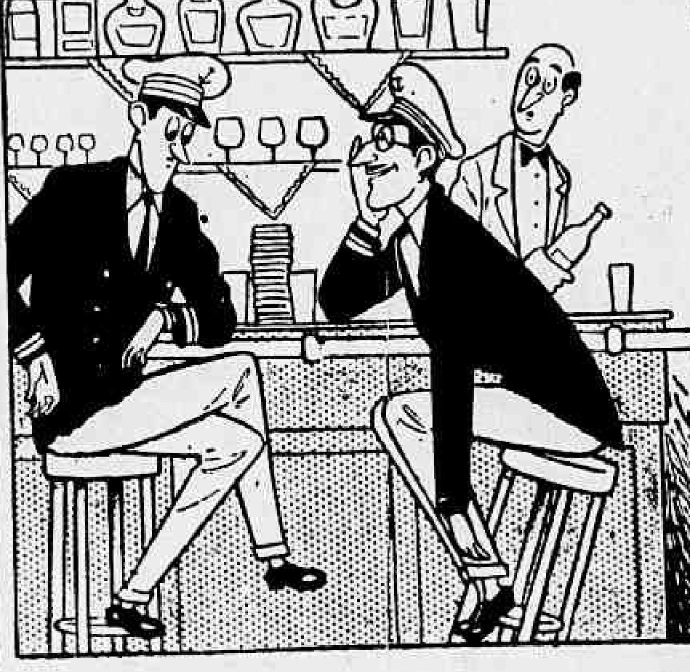
Já estava ela livre dos oficiais, quando vê, ao fundo do corredor, «Branca de Neve» a discutir com o «Marquês», dirigindo-se para a cabine.



«Branca de Neve» está furiosa. Estragaram-lhe a noite. Seus nervos estalam. Arabelle devia estar morta, bem morta, com dois balaços na nuca...



Na cabine vizinha, «Flor Azul», o bandido poeta, já soubera da novidade e raciocinava: «Uma sereia não morre, nem um poeta é assassino».



Um dos oficiais de bordo, ansioso por dançar com Arabelle, consulta o relógio-pulseira: — «Ela já deve estar lá na sala de baile» — disse êle.

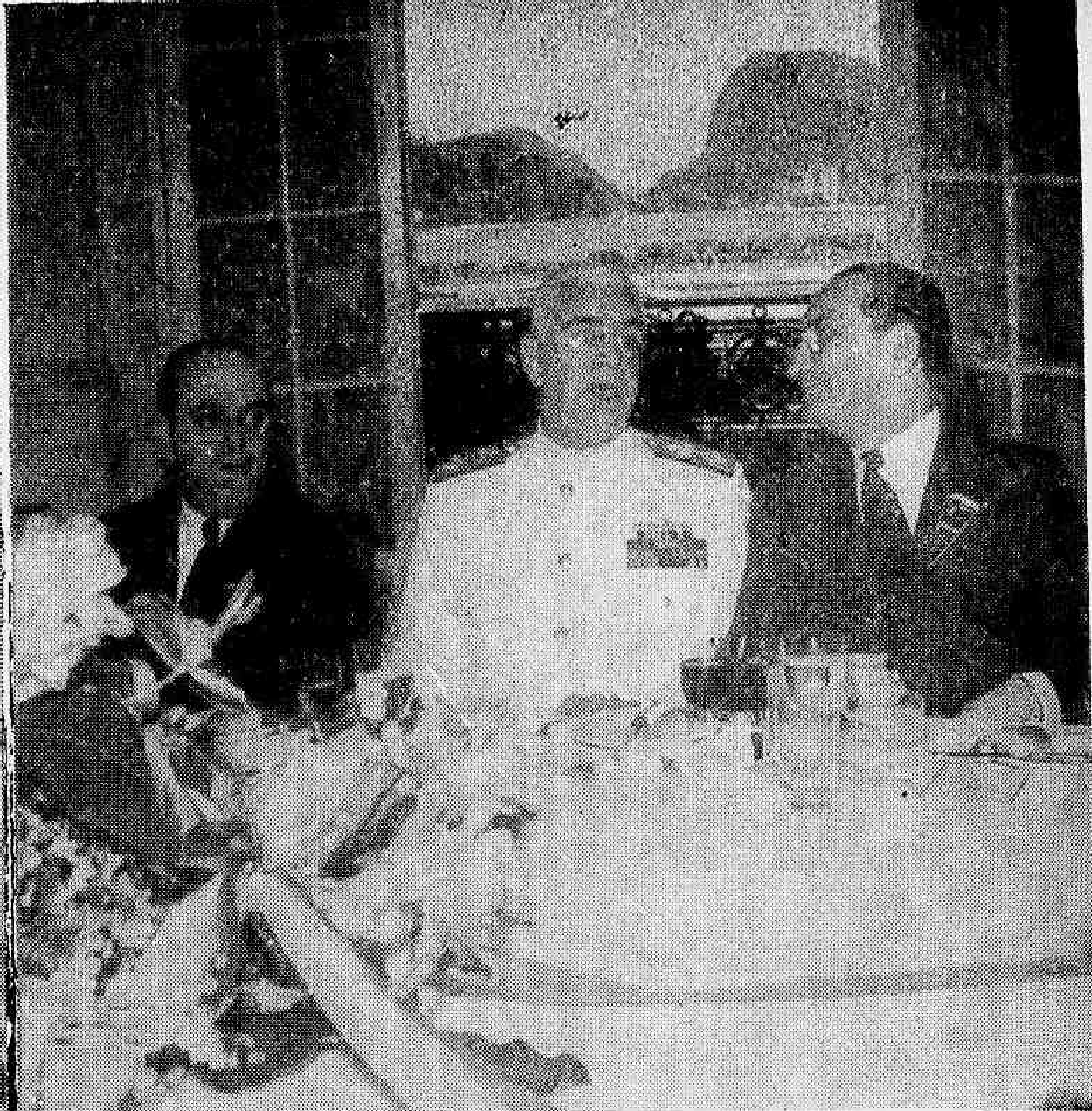


Escondida na cabine dos bandidos, entre uma mala e uma caixa, ela percebe quando «Branca de Neve» se deita e o «Marquês» apaga a luz.

História de VANIA LAUREZ

Desenhos de JEAN ACHE



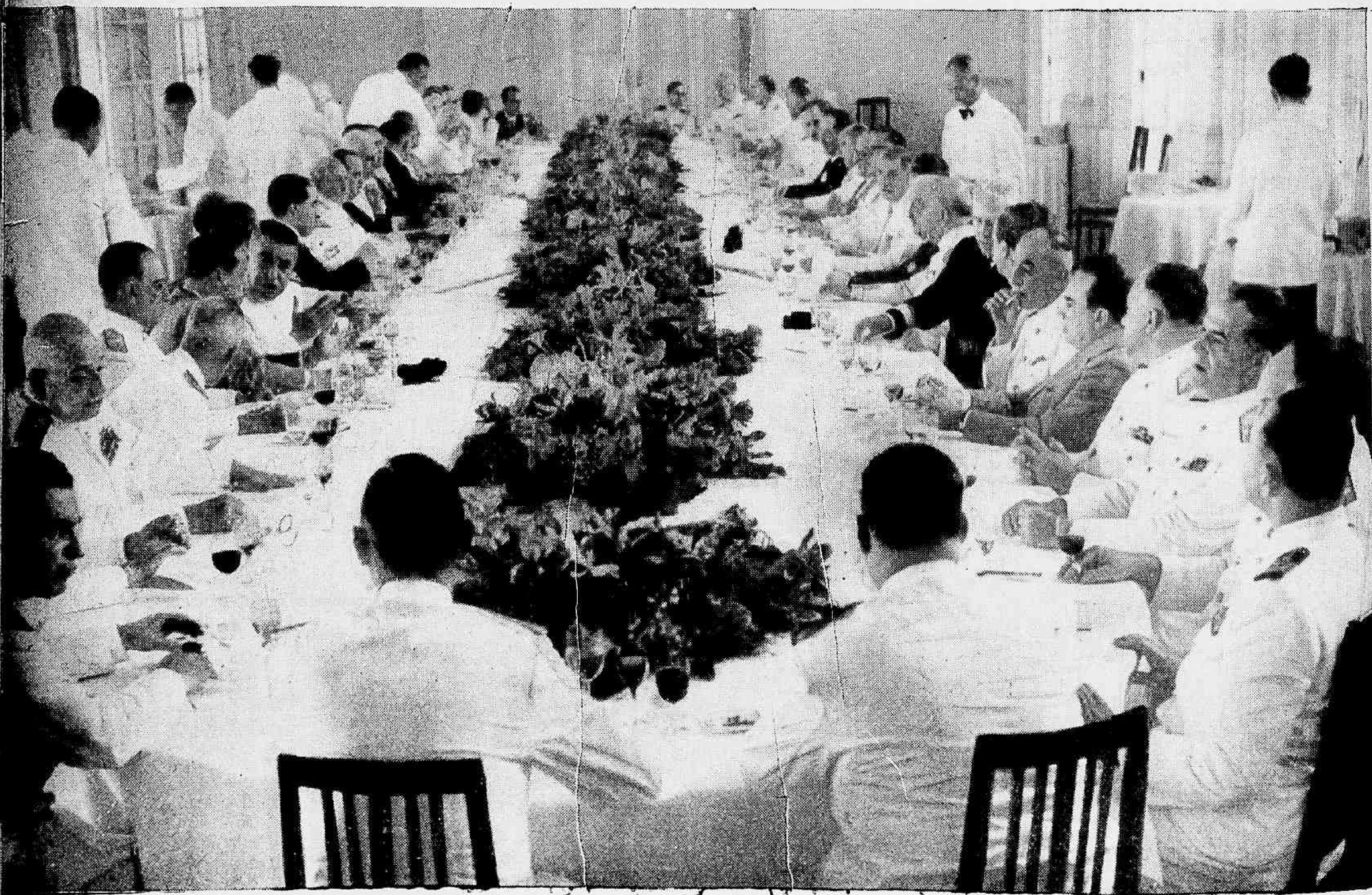




Ao alto: à esquerda, o almirante R. F. Whithead, chefe da missão naval norte-americana no Brasil, em palestra com o dr. Murilo Lavrador, diretor do Jockey Club. À direita, os ministro Luiz Gallotti e Toscano Espínola, também diretores do Jockey, ladeando alta patente da Marinha.

HOMENAGEM DO JOCKEY CLUB À MARINHA DE GUERRA

À esquerda, ao alto: o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey Club Brasileiro, saudando, ao «champagne», na pessoa do ministro Renato Guilhobel, a Marinha de Guerra do Brasil, ao término da bela homenagem prestada pelo Jockey à Armada. Em baixo: aspecto do banquete.





Na Tribuna de Honra do Hipódromo Brasileiro, o presidente do Jockey Club Brasileiro e Senhora Mário de Azevedo Ribeiro recepcionaram os convidados à linda festa que foi a homenagem prestada pela nossa maior associação carreirista à gloriosa Marinha de Guerra do Brasil.

Cumprindo o seu programa anual de homenagens às nossos Classes Armadas, o Jockey Club Brasileiro, ao ensejo das comemorações da Semana da Marinha, dedicou às nossas Fôrças Navais a tarde do primeiro domingo dêste mês, realizando uma reunião cívico-esportiva que alcançou extraordinário brilho. Abrindo a festa, a diretoria da prestigiosa entidade turfista ofereceu ao sr. Ministro da Marinha e a todos os oficiais superiores sediados nesta Capital, um banquete que teve lugar no Salão das Rosas do Hipódromo Brasileiro, ao qual também compareceu o almirante R. F. Whithead, chefe da missão naval americana no Brasil. Fazendo a oferta da homenagem, falou o dr. Mário de Azevedo Ribeiro, que assim terminou seu discurso: "O Jockey Club Brasileiro alista-se, hoje, entre as instituições que se aprestam para o desfile em continência. Interpretando o pensamento coletivo do quadro social, tenho a honra de anunciar a criação de uma prova clássica, em caráter definitivo, com o nome do inexcedível patrono (referindo-se ao almirante Marquês de Tamandaré). Ao render o preito de veneração e justiça da atual diretoria, levanto a minha taça pela grandeza da Armada Brasileira!" Agradecendo a saudação do presidente do Jockey, falou o ministro Renato Guilhobel. Depois de enaltecer o gesto patriótico da grande associação carreirista, de que fêz o elogio, concluiu o titular da Marinha: "Torna-se assim esta benemérita sociedade credora do reconhecimento de nossa gente do mar, grata por êsse exemplo de civismo que, para honrar a Marinha, tento a eleva e dignifica. Agradecendo a honra que nos fazem V. Exa., sr. dr. Mário Ribeiro, e seus d gnos auxiliares de diretoria, acolhendo-nos nesta semana festiva e associando-se às nossas alegrias, eu peço a todos que me acompanhem nos votos que formulo pelo futuro brilhante do benemérito Jockey Club Brasileiro". Ao cordial e festivo ágape, seguiram-se os páreos corridos naquela tarde do dia 7, todos, a exceção do Grande Prêmio Derby Club, levando como patronos nomes dos mais gloriosos ligados à nossa história naval.



O ministro Renato Guilhobel agradece a homenagem prestada à Marinha pelo Jockey Club.



O dr. Mário de Azevedo Ribeiro, presidente do Jockey, fazendo o oferecimento do banquete.

O "Livro Maravilhoso" dos MIL assuntos

JÁ SAIU!

PREÇO CR$ 25'00

O MAIS BELO
O MAIS ÚTIL
O MAIS COMPLETO
ALMANAQUE
BRASILEIRO!

20 CONTOS

NARRATIVAS
HISTÓRICAS

MARAVILHOSAS
HISTÓRIAS INFANTIS

PÁGINAS EM POLICROMIA

1 COMÉDIA PARA
REPRESENTAR

Um romance completo:
"QUO VADIS" De H. SIENKIEWICZ
Maravilhosamente ilustrado, a côres, por Fortunio Matania.

CHARADAS, ADVINHAÇÕES, ETC.

O ANO — CRISTÃO — CATÓLICO CIVIL — ISRAELITA — PERPÉTUO — PERPÉTUO DAS FESTAS MÓVEIS

CALENDÁRIOS — CATÓLICO — EVANGÉLICO — CIENTÍFICO — AERONÁUTICO — ARTÍSTICO — ASTROLÓGICO — AGRÍCOLA

INFORMAÇÕES GERAIS PARA 1953 — TÁBOA PLANETÁRIA — FASES DA LUA — CONCORDÂNCIAS DAS PRINCIPAIS ERAS — COMÊÇO DAS ESTAÇÕES — FESTAS RELIGIOSAS MÓVEIS — ECLIPSES DE 1953 — FESTAS RELIGIOSAS FIXAS — DATAS COMEMORADAS PELAS IGREJAS EVANGÉLICAS — LIÇÕES PARA AS ESCOLAS DOMINICAIS — OS MORTOS DO ANO — OS CAMPEÕES DO ANO — OS CENTENÁRIOS DO ANO

Almanaque 1953

NAS BANCAS DE JORNAIS, EM TODO O BRASIL

EU SEI TUDO

PEDIDOS A CIA. EDITÔRA AMERICANA — RUA MARANGUAPE, 15 — LAPA — RIO



Em cima, Maria Marras, sintonizando as ondas curtas de seu transmissor para entrar em contato com seu ilustre amigo da Arábia, o príncipe Talal Bin Abdul Aziz. Em baixo, o entusiasta e simpático «Om, Old Man», que se transportou da Arábia para a Itália especialmente para conhecer Maria.

O PRÍNCIPE E A RADIOAMADORA

NA noite de 18 de agôsto o telefone da casa do professor Nicola Marras tilintou uma chamada interurbana. Alguém deseja falar, de Roma, com Maria Marras, a filha do professor Nicola Marras, de Cagliari.

Maria ouviu uma voz que lhe dizia com forte sotaque americano: «Boa-noite, ISIEHM, sou HIZITA. Estou cumprindo o que lhe prometi. Amanhã embarcarei de avião para Cagliari, a fim de conhecer-lhe pessoalmente. Debaixo daquela senha se ocultava, deveras, um príncipe árabe que, durante dois anos, havia se correspondido com Maria Marras, estudante do curso de química e uma apaixonada radioamadora.

De Riyad, capital de seu país, o príncipe Talal, quadragésimo segundo filho de Ibn Saud, rei da Arábia Saudita, através de seu potente aparelho transmissor, se comunicava com a bela italiana.

Talal Bin Abdul Aziz é estudante da Academia Militar de Riyad e um entusiasta OM, OLD MAN, nome que designa na gíria de rádio aos radioamadores. Com seu aparelho de 500 watt, Talal é detentor de vários prêmios internacionais. E' considerado pela Associação Internacional de Radioamadores como o melhor e mais eficiente cultor dêsse novo e nobre esporte.



A visita do jovem príncipe a Maria Marras não foi realizada por acaso. Estava marcada há mais de um ano e foi precedida por um magnífico presente, que muito agradou à radioamadora de Cagliari. Não foi um mimo de pérolas, tão ao gôsto dos príncipes orientais. Talal presenteou Maria com uma poderosíssima antena rotativa americana.

Com o seu transmissor acrescido da poderosa antena, Maria hoje se comunica com o mundo inteiro. Sua capacidade abrange grandes distâncias. E a linda filha do professor Nicola, desde então, não perde ligação com o Oriente Médio.

A princípio as ligações eram feitas e os dois jovens se compreendiam em inglês. Maria, que fala, além do inglês, também o francês, o espanhol e o alemão, começou a aprender árabe, e hoje é capaz de sustentar uma conversação nesse idioma. Os encontros no «ar» entre Talal e Maria foram se tornando cada vez mais amiudados. Entre os dois nasceu uma viva amizade. Em qualquer parte do globo em que se encontrasse o príncipe oriental, logo entrava em comunicação com Maria Marras.

Por outro lado, a visita do radioamador do Oriente à sua colega do Ocidente não tem outra significação senão a de dois companheiros do mesmo esporte. Na grande família de radioamadores não existem as dissensões oriundas de pontos-de-vista políticos, ou de qualquer outra espécie. Todos os membros da enorme associação se tratam cordialmente e se ajudam mùtuamente.

Talal Bin Abdul Aziz, quadragésimo segundo filho do poderosíssimo e sábio Ibn Saud, soberano da Arábia Saudita, estêve em Cagliari como um simples OM, que desejava conhecer de perto a sua colega ISIEHM, com a qual havia já se encontrado no «ar», por mais de dois anos.

O encontro foi simples e cordial, como bons camaradas que são e sabem se entender. Com satisfação, Maria mostrou ao seu ilustre hóspede todos os seus petrechos de rádio, inclusive a antena que lhe fôra presenteada.

Mas se dêste encontrou nasceu, de fato, entre os dois jovens uma amizade mais estreita, só o futuro confirmará. E então, podemos afirmar que Talal e Maria trocaram de onda, ou melhor, sintonizaram os seus corações na mesma freqüência.



EXIJA
EM TÔDAS
AS BOAS
LOJAS

Lingerie F.M.

O MAIS FINO ACABAMENTO

A SAÚDE DO BEBÊ

PNEUMONIAS INFANTIS

DR. SABÓIA RIBEIRO

AS infecções do aparelho respiratório da criança, em geral, participam, a miúdo, de certas dificuldades diagnósticas, pôsto que condições peculiares dêsse aparelho, nos primeiros anos, condicionam essas dificuldades. Muitas alterações que se passam na estrutura do parênquima pulmonar, e principalmente nas partes profundas, passam inteiramente despercebidas ao exame clínico pela percussão e a escuta, isto porque, na criança, uma e outra fornecem ao ouvido as mesmas impressões, quer no estado de saúde, quer no de doença. Na adenopatia traqueobrônquica, na pneumonia central, no pleuris interlobar, mesmo no pleuris de superfície de disposição laminar do derrame é, precisamente, o que muitas vêzes acontece, sòmente, através de outros métodos de investigação sendo possível firmar o diagnóstico de certeza. Na criança, desde o fim do primeiro ano, quando se procede à escuta de seu aparelho respiratório, aquêle sôpro longo que se atenua num segundo tempo, chamado murmúrio vesicular, adquire uma intensidade tamanha, que tudo mascara (o que não se dá no adulto), não permitindo, pelas modificações do som, localizar o processo, naqueles e outros casos.

● *E justamente nos processos tuberculosos da infância isto se passa em larga escala, de maneira que é no recurso aos Raios X, onde o pediatra, de saída, vai pediar, muitas vêzes, a chave do diagnóstico, combinado sempre com outros conhecimentos. Dos gânglios que se hipertrofiam na adenopatia traqueobrônquica (índice certo de uma manifestação tuberculosa infantil, pôsto que localizada), uns se acham localizados por trás da crossa da aorta (como os do grupo pré-traqueobrônquico esquerdo); outros, por trás do coração (como os do grupo de bifurcação). Finalmente os grupos hilares, extra ou intrapulmonares, também profùndamente situados, não trazem nenhuma impressão física, à percussão, nem conseguem obscurecer a intensidade sonora do murmúrio vesicular, à escuta.*

Nas manifestações agudas de um processo pulmonar infantil, o problema cerca-se, às vêzes, de muitas dificuldades. A tosse pode faltar no começo, não obstante o quadro grave com que irrompeu a infecção (vômitos, convulsões, perturbações gastro-intestinais, febre e seu cortejo); os estertores finos, indicativos de inflamação dos pequenos brônquios, têm caráter transitório e, assim, parecendo não existir no momento da escuta.

A criança está exposta, naturalmente, ao perigo das pneumonias por duas condições mais freqüentemente observadas. Em primeiro lugar, o germe da pneumonia nelas existe formalmente em uma média de 35%. Assim, muitas condições capazes de predispô-las à infecção servem de explicação a cada caso ocorrente, principalmente uma diminuição de suas defesas ou uma exaltação de virulência do germe (no primeiro caso, os erros alimentares; no segundo, os golpes de ar com resfriamento da criança).

Aqui o germe causador é o pneumococo, que faz uma exudação nos alvéolos e reação do parênquima pulmonar que transforma os tecidos dêste em uma massa hepatizada, que se resolverá mais tarde ou caminhará para a supuração. E' essa hepatização que o exame físico, na criança, nem sempre apreende pelo exame à escuta ou pela percussão. Na lactente, o exame do esfregaço nasofaríngeo revela o pneumococo, mas de comum é no exputo que se faz essa pesquisa nas mais crescidas. Em segundo lugar, as infecções pneumônicas surgem como complicações de uma dessas moléstias febris próprias mãos da infância, seja uma coqueluche ou outra como o sarampo, a gripe, etc. São as chamadas pneumonias intersticiais (broncopneumonias).

● Os Raios X podem aqui precisar o quadro de uma broncopneumonia, atingindo, quase sempre, os dois pulmões, uma característica infiltração miliar no parênquima pulmonar, acentuando-se principalmente em derredor dos brônquios. Os sintomas, não raro, têm uma evolução insidiosa. Mal-estar, diminuição do apetite, alguma tosse, febre. Diante dessa sintomatologia urge fazer a radiografia dos pulmões da criança, já que o exame simplesmente clínico às mais das vêzes nada apreende de positivo. E' fora de dúvida que haverá sempre interêsse em distinguir os casos de pneumonia pelo pneumococo, dos casos de pneumonia de outra natureza. A primeira conduz mais às complicações (pleuris fibrinoso, empiema, abcesso pulmonar, a própria cepticemia). Não é muito comum essas complicações nas pneumonias outras (broncopneumonias). A aparição em tantas vêzes confusa e estonteante das pneumonias infantis, obriga a uma atitude profilática do pediatra ao primeiro sinal ou desconfiança dela, e nesse particular impõe-se o emprêgo dos antibióticos, de ação plural sôbre os germes responsáveis por elas, clusive os vírus das infecções infantis. E' o papel que está reservado à Cloromicetina, de preferência a outros, em face das pneumonias infantis em geral.

ALEGRIA E..

(Cont. da pág. 13)

Êstes foram os dois sentimentos extremos que emolduraram com o sentimento da torcida o evento esportivo que deteve a atenção não só dos espectadores do Maracanã mas também das multidões ocultas atrás dos aparelhos receptores que em todo o Brasil acompanhavam o sensacional desfecho da partida.

O goal de Ademir revestiu-se de característica de um esfôrço inaudito que foi compensado também pela ajuda da sorte. A investida deu-se quando, como nos seus bons dias, Ademir investiu num "rush" sensacional e recebendo um passe feliz de Ipojucan, arremeteu contra as rêdes de Garcia que tombou vencido, ficando os dois backs, juntos, como assombrados pela velocidade espantosa de Ademir. Foi um segundo iluminado por um relâmpago. A luz da vitória.

CIRCUITO DA GÁVEA

(Cont. da pág. 57)

Assim, sob essa expectativa de contínua apreensão, já que o asfalto molhado não oferece segurança suficiente para garantir as curvas em alta velocidade, desenrolou-se a corrida, sem o clássico entusiasmo popular, que não se cansava de aplaudir os seus favoritos para êsse acontecimento automobilístico que já nos trouxe a presença de Von Stuka, Pintacuda, Helé Nice, Fangio.

O único nome internacional que se inscreveu êste ano para a corrida foi Vasco Sameiro, que à última hora desistiu.

A fim de abraçar o terceiro colocado, o filho do ex-ministro da Fazenda, Souza Costa, estêve na Gávea a popular cantora Emilinha Borba, que com o seu sorriso e sua simpática presença veio coroar o herói e alegrar o ambiente.

ESCÂNDALOS E ROSAS

(Cont. da pág. 46)

— Que é que você quer dizer com isto? — perguntou Katie evitando fitá-lo.

— Você sabe o que eu quero dizer...

E olhou-a de frente, desejando que ela levantasse o rosto e os olhos para êle. Finalmente, ela o olhou com ternura e malícia, dizendo:

— Mas se eu já lhe disse muitas vêzes que aspiro a uma vida serena e sem acontecimentos graves não poderia conseguir isto ao lado de um barão-ministro, especialmente com aquela cabeleira ruiva. Além disso, a voz dêle é trovejante.

Michael ficou ainda algum tempo olhando o rosto de Katie e depois disse, mansamente:

— Vamos buscar a sua bagagem. Vou levá-la à estação e por uma quinzena você levará uma vida serena e sem acontecimentos graves; quando você voltar, então...

Êle fêz uma pausa.

— Quando eu voltar...

Disse ela e esperou, olhando com uma expressão que surpreendeu a ela própria.

— Quando voltar você verá que boa que a vida é!

— E como é que você sabe?

— E' um dom que eu tenho — respondeu êle rindo, enquanto sua voz e seus olhos a acariciavam ternamente.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência específica. da velhice precóce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



— a mais popular emissora paulista



Obras-primas de tipografia: duas Bíblias condenadas. São as chamadas edições de Luthero. A menor pertenceu a D. Pedro II. Oferta da Soc. Bíblica.

400 ANOS CONDENADOS EM 400 PÁGINAS

O QUE É O ÍNDEX ★ COMO E POR QUE A IGREJA PROÍBE A LEITURA DE CERTOS TEXTOS ★ DOS PRIMEIROS HERÉTICOS AO EXISTENCIALISMO

Texto de PIERRE BRISSET

O "Observatore Romano", órgão oficial do Vaticano, anunciou recentemente a inclusão no Índex, por decreto do Santo Ofício, a obra conjunta de mais três escritores. O primeiro, Alberto Moravia, italiano, de 44 anos, que já foi celebrizado pelo cinema — recordemos "Sciuscia" e "Roma, Cidade Aberta" e pela venda do seu best-seller "La Belle Romaine".

O segundo, é André Gide, o terceiro, Robert Morel, escritor francês e jornalista católico.

A Congregação do Índex, que referendou as condenações, teve por fito proteger os fiéis dos livros que possam atacar ou pôr em perigo a fé, a moral e a virtude.

Essa interdição de certos livros remonta aos primeiros tempos da era cristã. Bem antes de sua instituição oficial pelo Santo Padre, o Papa Paulo IV, em 1542, o Índez foi sempre usado pelos Papas, pelos Concílios e até mesmo pelos Imperadores cristãos. Foi assim que Constantino, que se converteu no ano de 323, prescreveu pouco depois as obras do herético Arius, e também foi valendo-se do Índex que o IV Concílio de Cartago, no ano de 398, depois de interditar aos seus bispos a leitura de livros pagãos e heterodoxos — salvo em caso de necessidade — pronunciou uma condenação global das obras do paganismo.

O PRIMEIRO ÍNDEX DUROU 350 ANOS

A invenção da imprensa obrigou a Igreja a redobrar seu zêlo. A reforma protestante do século XVI, levou-a também a uma reação, por vêzes rigorosa. Em 1542 o Papa Paulo IV reuniu um conjunto de obras destinadas a um índex geral. Antes que essa relação fôsse publicada, em 1559, a cidade de Veneza já criara também o seu índex, no ano de 1543, dezesseis anos antes, portanto. A Faculdade de Teologia de Paris imitou o gesto e logo depois a Universidade de Louvain e o Santo Ofício de Espanha também criaram os seus próprios índex.

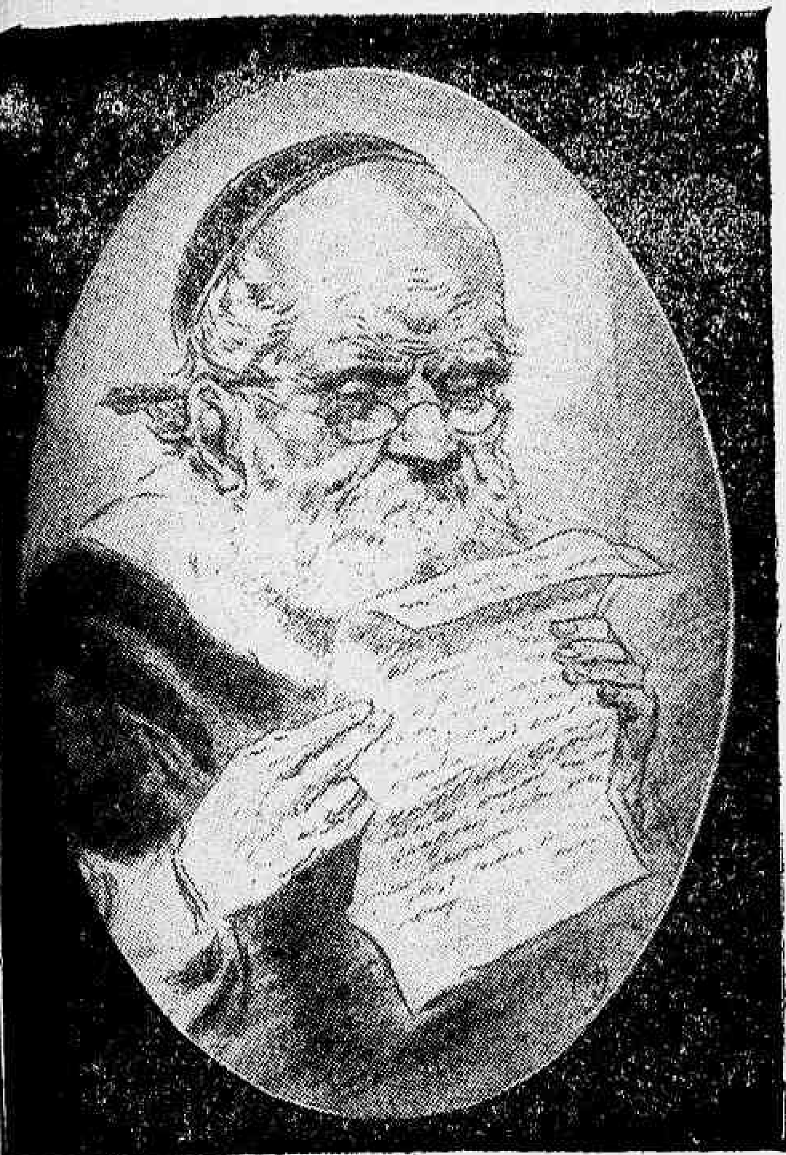
Até o reinado glorioso do Papa Sisto V a Inquisição tinha por encargo julgar os livros, mas daí por diante, em 1586, o Sumo Pontífice resolveu criar a Congregação do Índex, que considerou então a possibilidade do Indulto, que vem a ser a autorização especial de leitura concedida a "homens sábios e piedosos". No entretanto, Felipe II mostrou-se intolerante e ordenou a confiscação dos bens e a pena de morte a quem vendesse, ou tivesse em sua biblioteca uma só das obras condenadas.

O Índex do Papa Paulo IV notàvelmente revisto e completado, porém sem ser alterado em sua essência, manteve em seus catálogos os livros condenados até 1900. Nesse ano, o grande Papa Leão XII, atualizou-o e o substituiu por um Catálogo Geral que deve ser pôsto em dia anualmente.

DE ZOLA SÓ UM ROMANCE ESCAPA

Êste Catálogo que agora está em vigor, consta de 400 páginas, e inclui tôdas as obras condenadas em todo o mundo, nestes últimos 400 anos. Cada volume é registrado em sua língua original ou naquela para a qual foi traduzida. Também são indicadas as diversas edições e suas características. Autores há que têm sua obra inteiramente condenada, outros em que alguns livros são liberados dessa censura. Há também uma classificação por gêneros literários sendo ampla a parte de ficção (omnes fabulae amatoriae).

O critério de condenação portanto não é rígido. Balzac, George Sand, Maurice Maeterlink, que foram condenados em algumas de suas produções podem ser lidos, sem risco de pecado ou temeridade em outras tantas já liberadas. De George Sand, por exemplo a "Petite Fadette" e "La Mare du Diable" constam de tôdas as bibliotecas infantis. Três livros de Alexandre Dumas, pai, que na época em que foram escritos ofereciam perigo aos leitores, hoje podem ser consultados sem licenças especiais. Assim "Os Três Mosqueteiros" e "O Conde de Monte



Rabelais — o autor do clássico Pantagruel e Gargantua — que também está no Index.



O autor de «Salambô» e da «Educação Sentimental» queria a arte pela arte pura.



Jean Paul Sartre — escritor — criou o existencialismo, a «Respeitosa» e foi para o Index.

Cristo". Quanto a Émile Zola só pode ser lido livremente e em sã consciência, por um católico, o seu "Rêve", apesar da extensa obra que assinou.

Honoré de Balzac, apesar de ser defensor do trono e do altar é completamente interditor e isso deve à facilidade com que seus personagens admitem a idéia do divórcio. Considerando-se ainda a extraordinária difusão de seus romances, êsse perigo torna-se ainda maior, o que reforçou a determinação.

OS ROMÂNTICOS E OS MODERNOS

Desde os clássicos Rabelais e Montaigne, aos românticos Lamartine, Flaubert, aos naturalistas Stendhal a condenação abrange a quase todos os seus livros.

Entre os contemporâneos franceses, figuram Charles Maurras, recentemente falecido, autor de "Os Amantes de Veneza" e "Antinéa" e Jean Paul Sartre, o chefe do movimento literário filosófico denominado existencialismo. Êste último pelo escândalo que tem feito e pela propaganda que êsse escândalo significa, naturalmente fica mais à mercê da condenação ao Index, já que ostensivamente se manifesta contrário aos princípios da moral e da vida sobrenatural da Igreja.

Em caso algum é permitido a livreiros e editôres católicos dar à venda e à impressão as obras postos no Index. Em alguns casos, contudo devem pedir licença ao Vaticano para poder vendê-los. A penalidade da desobediência pode chegar a ser a excomunhão que só poderá ser levantada pela autoridade exclusiva da Santa Sé. Também infringem as determinações do Index aquêles que imprimirem livros de matéria religiosa sem o devido Imprimatur. Porém, se alguém tem em sua biblioteca obras condenadas pelo Index não é obrigado a desfazer-se delas. A Igreja não é contra os bibliófilos.

OS GÊNEROS CONDENADOS

1º — *Edições de Bíblias não católicas.*

2º — *Livros que pregam a heresia e o cisma.*

3º — *Livros que tratam de temas religiosos escritos por não-católicos, a menos que êles em nada firam os dogmas de fé.*

4º — *Comentários às Sagradas Escrituras, revelações, profecias, milagres ou novas devoções que não tenham o Imprimatur.*

5º — *Livros injuriosos a Santa Sé, ou que defendam erros proscritos pela Santa Sé.*

6º — *Livros que ensinam superstições, sortilégio, magia, espiritismos em tôdas as suas variantes.*

7º — *Livros que defendem o duelo, o suicídio ou o divórcio, que prediquem ou ensinem seitas maçônicas.*

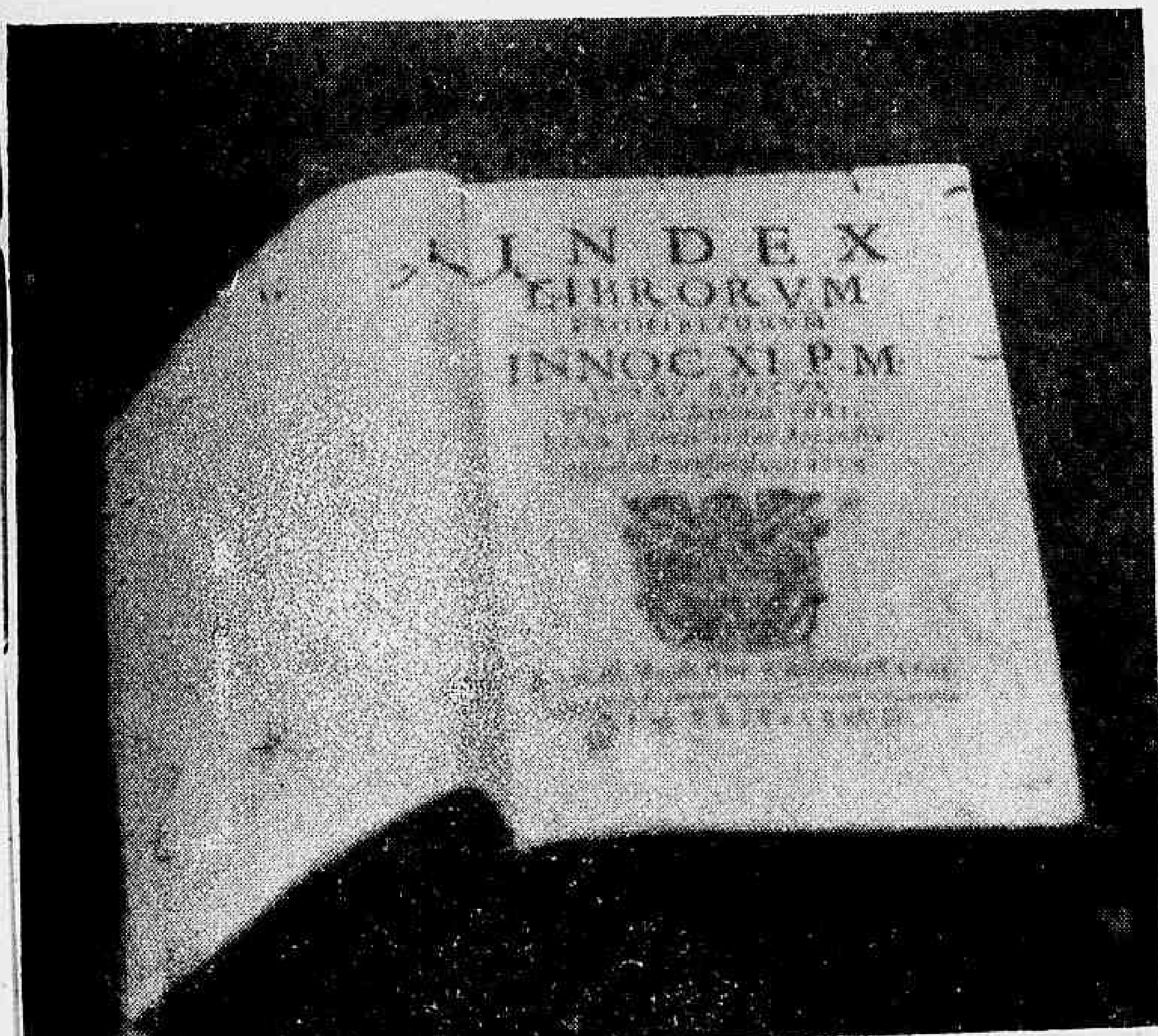
8º — *Livros que difundam temas lascivos ou obscenos, revistas pornográficas.*

9º — *Edições de livros de Liturgia nos quais há modificações sem o respectivo Imprimatur.*

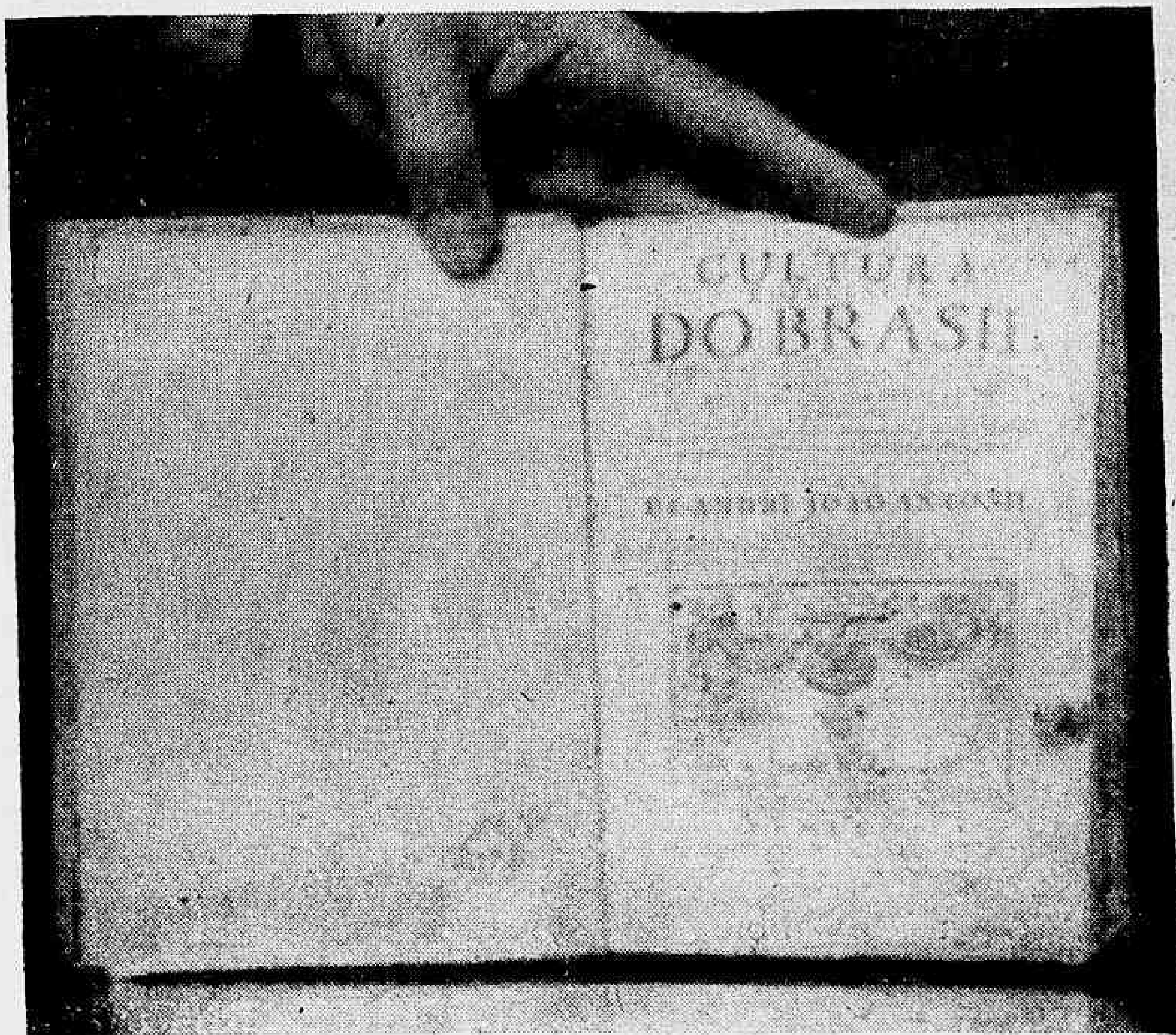
10º — *Livros que divulguem indulgências apócrifas ou já prescritas.*

11º — *Imagens de qualquer natureza — fotos, gravuras, litografias, etc., representando N.S. Jesus Cristo, a Virgem Maria, Santos e Servos de Deus, se estas se afastam dos cânones e dos decretos da Igreja.*

Eis aí um resumo completo do que vem a ser o Index, que tantas vêzes é invocado por pessoas que mal lhe conhecem as origens e as finalidades.



Um dos catálogos do Index, que data de 1631. Está na Biblioteca Nacional.



Cultura do Brasil por suas drogas e suas minas (A. J. Anonil). Sancionada.



Nove foram os concorrentes nacionais ao grande circuito. Pista molhada. Na frente vemos o grande corredor brasileiro Landi e o vencedor.

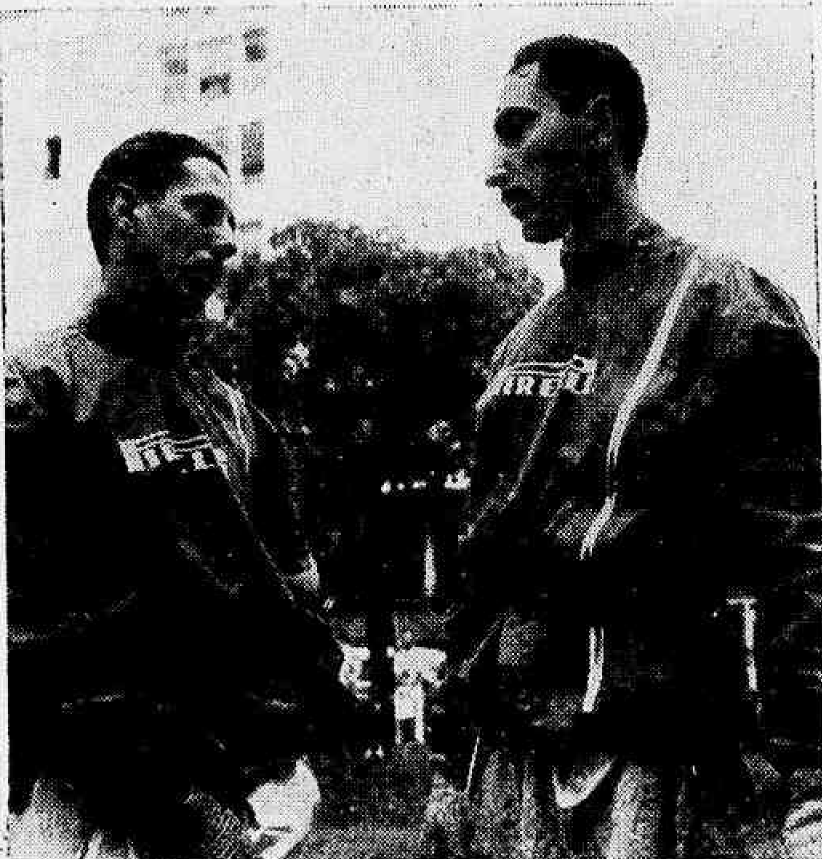
CIRCUITO DA GÁVEA

MANHÃ BRUMOSA E CHEIA DE "BATIDAS" ★ UMA GÁVEA EM PISTA MOLHADA SEM CONCORRENTES INTERNACIONAIS ★ NENHUM RECORDE ★ CAMPEÃO DE PERNA QUEBRADA

Fotos de JOSÉ SANTOS



Álvaro Baranda Filho: capacete e dois óculos, mas, mesmo assim, não conseguiu se colocar.



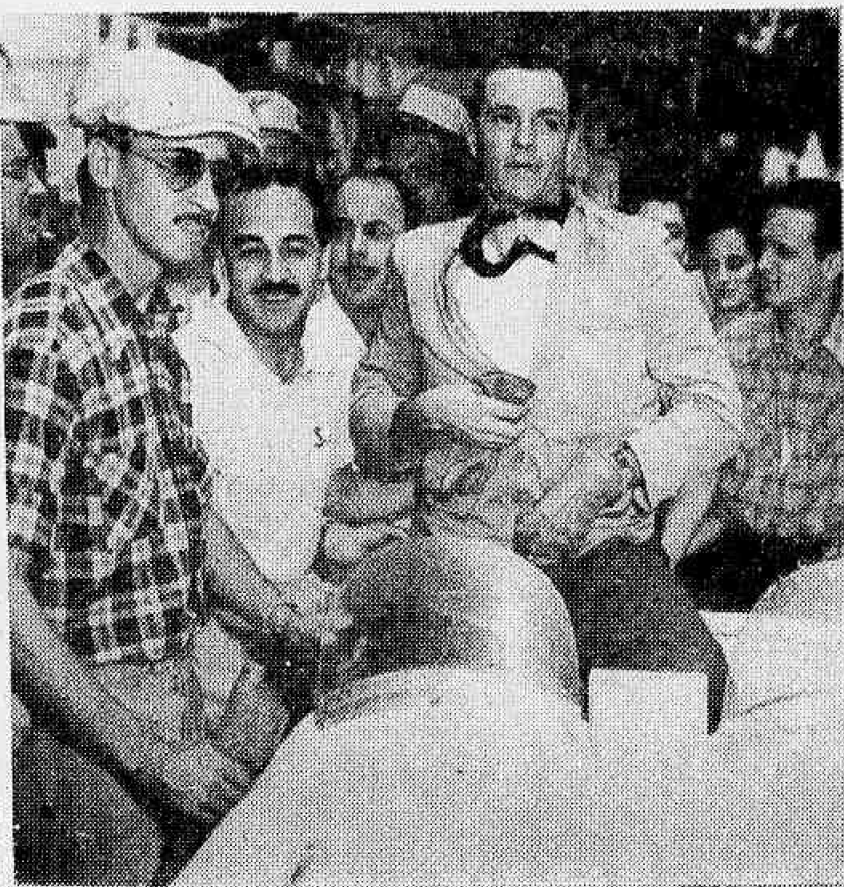
Chico Landi e Gino Bianco, antes da partida. Os dois «ases» ficaram fora do páreo.



Pedro Romero Filho entrou em segundo, apenas vinte e cinco segundos após o vencedor.



Henrique Casini — o ganhador do Circuito da Gávea — recolheu os louros entre o povo.



O segundo colocado, Pedro Romero Filho. Mereceu calorosos aplausos por sua perícia.



O filho do ex-ministro Souza Costa, e que foi o terceiro colocado, ganha muitos abraços.

O povo carioca já tinha se acostumado a ir todos os anos para a Corrida da Gávea. Mas êste ano a coisa estêve pior do que nunca. Dia chuvoso, feio. Domingo em que todos pensavam em ir ao jôgo que fêz a amargura do Flamengo e a alegria do Vasco. A pista molhada foi espetáculo de uma corrida tècnicamente pobre e com nada menos que sete batidas entre as quais uma que resultou com o ferimento de Francisco Landi, corredor que indubitàvelmente já alcançou renome internacional.

Deu-se sob o signo do azar o "XII Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro", que consta de quinze voltas na pista da Gávea, passando pelo Canal de S. Vicente, Leblon, Trampolim do Diabo, caminho êsse cheio de subidas íngremes e curvas de ângulo muito fechado, mas que, por dispor de paisagem excepcionalmente bela, sempre atraiu grande número de volantes internacionais e constituiu uma atração esportiva da cidade.

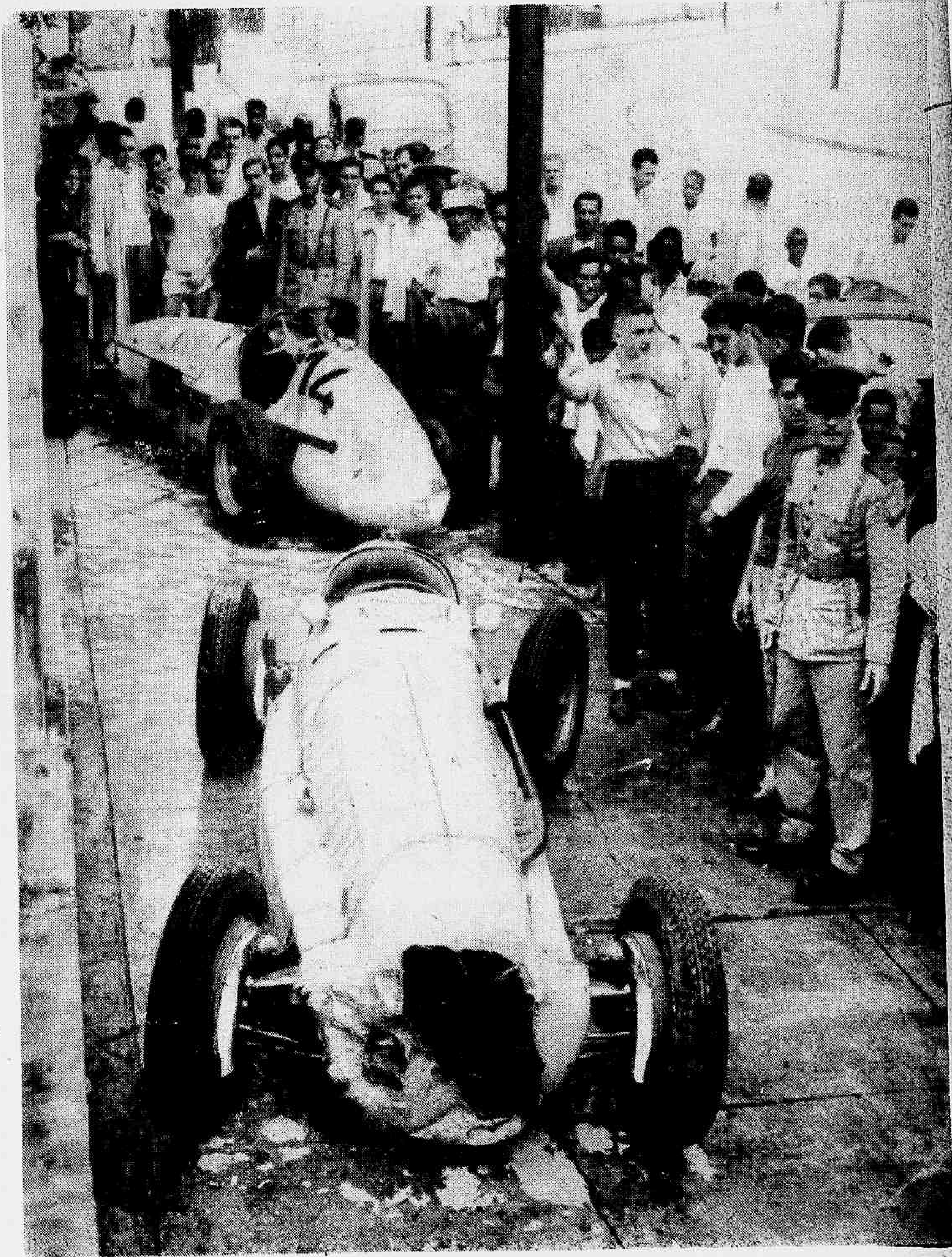
O vencedor foi Henrique Casini que completou as 15 voltas no tempo de 2 horas, 13 minutos e 1 segundo, conquistando assim o prêmio de Cr$ 35.000,00. Seu carro foi o número 6. O segundo colocado foi o volante Pedro Romero Filho que conseguiu um tempo semelhante perdendo apenas por 25 segundos. O terceiro colocado foi Artur Souza Costa com o tempo de 2 horas, 13 minutos e 28 segundos. O terceiro colocado é filho do ex-ministro Souza Costa.

A volta mais rápida pertenceu a Chico Landi, que como já dissemos foi ferido no joelho. Sem bater nenhum recorde, nem sequer igualar o tempo conquistado em outras oportunidades, Francisco Landi ganhou o prêmio especial oferecido pela Companhia Souza Cruz de Cr$ 10.000,00.

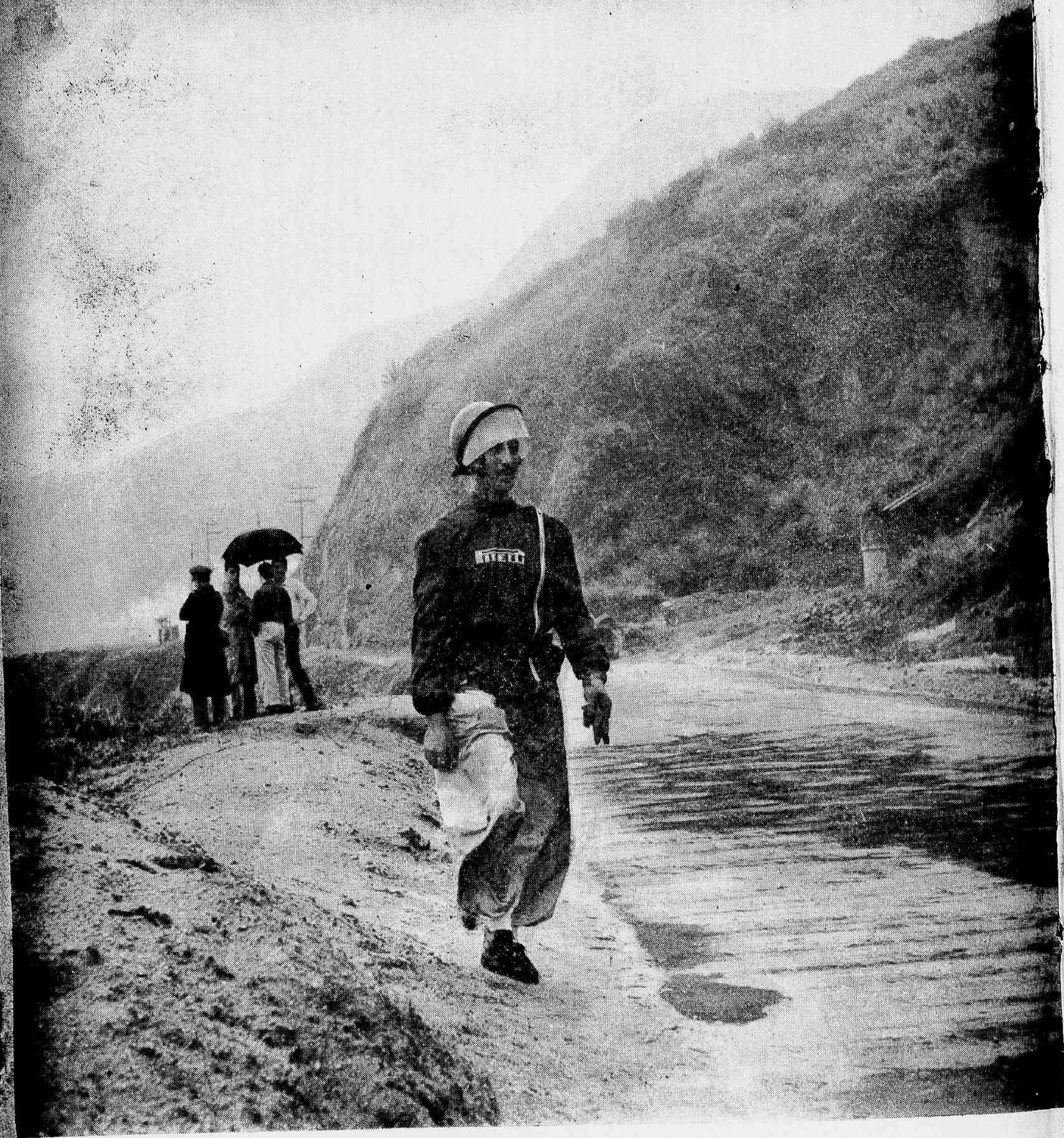
A cronometragem oficial ficou a cargo dos srs. Edgard Viana e Mário Dias.

Houve sete batidas, que apesar de ser a conta de mentiroso, foi uma triste e dolorosa verdade. Sete batidas e um incêndio. O que foi pena, e provocou evidente desilusão entre os espectadores foi a derrapagem perigosa que sofreu o carro número 2, a Masseratti de Chico Landi, que bateu no paredão do lado do mar, na Av. Niemayer, correndo o perigo de ser precipitado no oceano. O carro de Betuol colidiu com o de Andreata no Canal de S. Vicente, (onde morreu há alguns anos o famoso ás Benedito Lopes,) ficando ambos fora de combate. A barata de Gino Bianco sofreu um princípio de incêndio, o que também impossibilitou o corredor de levar a melhor os seus esforços.

(Cont. na pág. 52)



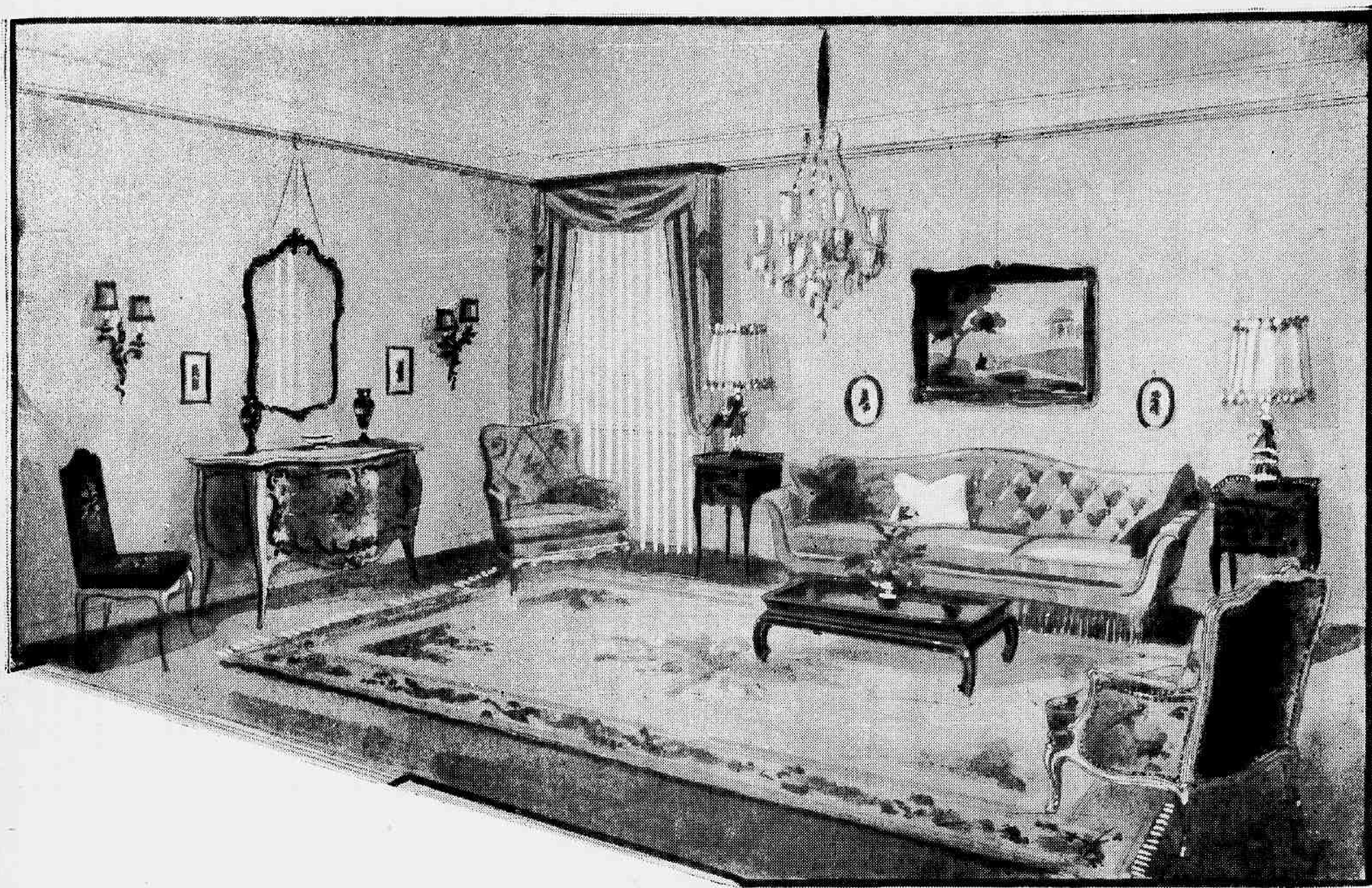
Barata pra cá, barata pra lá, os dois possantes veículos ficaram imobilizados na calçada.



ÚLTIMO FLASH

Foi a 120 por hora e voltou a pé. Gino Bianco saíu na disparada, na manhã tristonha em que se correu na Gávea o XII Grande Prêmio Cidade do Rio de Janeiro. Mas não foi feliz. Derrapou, bateu e se feriu. E depois de conhecer o delírio da velocidade, volta a cinco quilômetros por hora, ao longo do asfalto molhado, com sua estranha indumentária. Os do grupo comentam: — "Quem corre cansa..."

MÓVEIS e DECORAÇÕES



Projeto da CASA NUNES



A venda extraordinária

do nosso 40.º aniversário
oferece a todos a oportunidade de embelezar seus lares

Tapêtes feitos à mão

de grande beleza e originalidade

Grupos estofados
CORTINAS

— especialidade de nossas oficinas —

TAPÊTES e PASSADEIRAS

de forração, em côres lisas e com flores

Preços que animam a comprar



tris-
neiro.
o da
hado,
sa . . .

GRATI

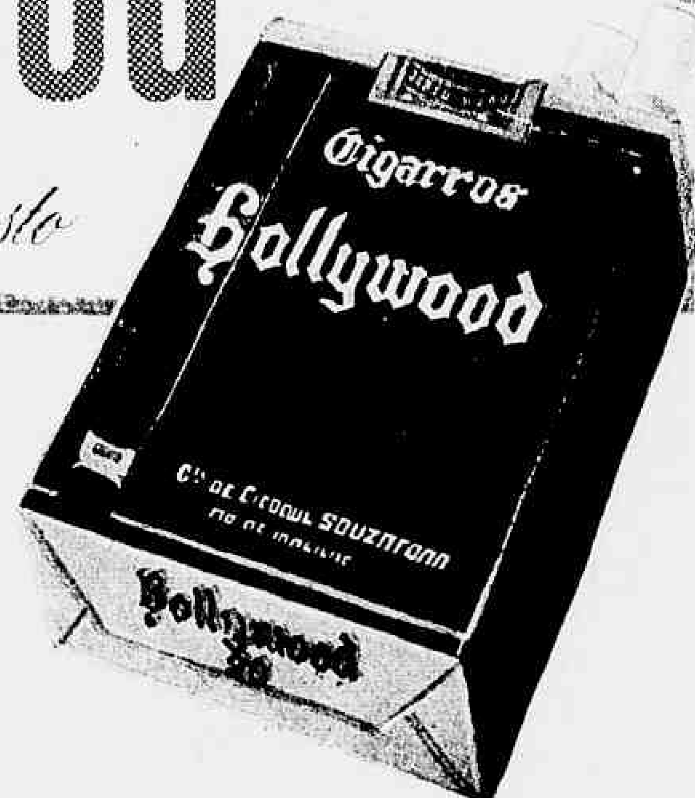


As boas coisas atraem...

A limpidez e a pureza da água marinha exercem irresistível atração sôbre as pessoas de agudo senso estético... Invariàvelmente, essas pessoas preferem os cigarros Hollywood, pela sua classe e pela sua qualidade insuperável.

cigarros **hollywood**

uma tradição de bom gosto



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.150